

INDICE DAS DIVISÕES DO "DIARIO DE LISBOA", MENSAL

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

- a) **Sociologia**
- b) **Política internacional**
- c) **Economia nacional: A vida do Estado**
a) *Política interna. Governo e administração pública e civil. Funcionalismo.* — b) *Economia e finanças: Riqueza pública. Bancos, moeda, bolsa, crédito. Pausas: Exportação e importação. Estatística.* — c) *A acção social: O capital e o trabalho.* — d) *Providência social: Assistência. Seguros. Desemprego. Cooperativismo. Mutualismo. Lotarias.* — e) *Pedagogia e educação: Psicologia. Vida escolar. Movimento professoral.* — f) *Higiene e Sanidade.* — g) *Ciências militares. A guerra e a ciência da guerra. Exército e Marinha. Vida militar.*
- d) **Direito: Jurisprudência. Legislação. Crime e repressão. Tribunais. Vida forense** *Diário do Governo.

II-- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

- A) **Organização e métodos. Ensino tecnico**
- B) **Comercio**
a) *Produção.* — b) *Transportes e comunicações: Aviação. Caminhos de ferro e camionagem. Portos. Marinha mercante. Estradas. Correios, telegrafos, telefones.* — c) *Mercados e feiras.* — d) *Comercio externo. Relatórios consulares.* — e) *Publicidade. Exposições.*
- C) **Industria: Industrias varias. Exposições**
- D) **Tecnologia**
- E) **Agricultura**

III-- Ciências

- A) **Matematicas**
- B) **Fisico, quimicas, naturais**
a) *Fisica.* — b) *Quimica.* — c) *Naturas.*
- C) **Medicas. Medicina, Cirurgia, Especialidades. Farmacia. Arte veterinaria**

IV-- Historia e Geografia

- A) **Historia e Ciências auxiliares: Pre-historia. Antropologia. Arqueologia. Cronologia. Epigrafia, etc.**
- B) **Geografia: Ciências auxiliares. Viagens, guias, turismo.**
- C) **Portugal**
- D) **Colonias**
- E) **Brasil**

V-- Letras

- A) **As letras e os letrados: Instituições culturais. Premios e estimulos literarios**
- B) **Bibliotecas e arquivos: Biblioteconomia. Paleografia. Cronologia. Diplomatca. Selos e gravuras. Numismatica. Filatelia, etc.**
- C) **Bibliografia:**
a) *Bibliografia. Dicionarios. Obras gerais.* — b) *Historia literaria. Biografia. Memorias, cartas, etc.* — c) *Romanças. Contos. Novelas.* — d) *Poesia.* — e) *Obras para crianças.* — f) *Diversos.* — g) *Literatura estrangeira e traduções.*
- D) **O Livro: Artes graficas. Decoração do livro. Ex-libris.**

VI-- Arte

- A) **Belas Artes**
a) *Arquitectura. Urbanismo.* — b) *Pintura, escultura, desenho. Artes decorativas. Diversas.* — c) *Museus. Exposições. Vendas de Artes. Gremios e Sociedades. Os artistas.*
- B) **Theatro. Cinema. Musica: Canto e dança. Telefonía e discos. Os artistas**

VII-- Vida Social

- A) **O homem e a mulher: Festas e reuniões.**
- B) **Sports e educação fisica: Caça, pesca, gymnastica, jogos, equitação natação, esgrima, automobilismo, foot-ball, toureio, corridas, etc.**
- C) **A moda: Artes femininas. Economia domestica. Culinaria e gastronomia.**
- D) **Vida religiosa**
- E) **O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro**



Diário de Lisboa

Edição Mensal

<p>Numero avulso: 250 ESCUDOS Administrador e editor MANZONI DE SEQUEIRA ADMINISTRAÇÃO—Rua da Rosa, 57, 2.º Endereço Telegrafico: DIBOA</p>	<p>DIRECTOR JOAQUIM MANSO</p>	<p>Propriedade da RENASCENÇA GRAFICA Redacção, composição e impressão RUA LUZ SORIANO, 48 TELEFONES—2 8271, 2 8272 e 2 8273 Endereço telegrafico: DIBOA</p>
--	--	--

FILOSOFIA DE TODOS OS DIAS PARA USO DE TODA A GENTE

NABOR.—Bons dias, minha musa preguiçosa! Durante um mês, não me dirigiu sequer uma palavrinha acerca do assunto que versámos. A sua curiosidade derivou para outros rumos, ao sabor da sua farsantesca e da sua frivolidade—abelha de azas douradas.

NATALIA.—Engana-se, meu grande censor: meditei, li um pouco, a fim de pisar a terra proibida da filosofia, errei pela biblioteca de meu tio e abri varios livros que me gelaram de terror.

NABOR.—Terror de quê? Acaso encontrou nelas aquilo que um escritor francês denominava o «prazer de vasar os olhos da esfinge para se livrar do silencio que os ensombra?»

NATALIA.—Empalideci sobre uma pagina na qual se lia o seguinte:

—«O sabio que pretende conservar-se no campo rigorosamente científico limita-se a estudar e compreender a realidade das cousas na sua relação com as necessidades humanas: o misterio, se existe, mantem-se impenetravel.»

Como deve calcular, todo o meu ser fragil, mas sedento de curiosidades, de profundas enigmáticas que interessam: o meu corpo, a minha alma e o meu espirito, sofreu um rude golpe. Benzi-me para afastar o Inimigo!

NABOR.—Que levantando lançar-se assim á aventura no país de Socrates, Descartes e Nietzsche, onde cada passo levanta uma nuvem de pó, através da qual se pressente—lá muito ao longe—o Bem e o Mal!

NATALIA.—Mas eu imaginava que a Verdade se deixava descobrir ou adivinhar, levantando-lhe o ligeiro veu que a cobre...

NABOR.—Quem se dedica á filosofia ha de ser humilde e paciente, aliás mudará em cinzas o fruto das suas vigílias e das suas inquietudes.

NATALIA.—Custa-me muito a moderação, a disciplina, quando o meu sentimento arde na febre das conquistas e das descobertas...

NABOR.—Não ha mais remedio! E vale a pena esperar... Quem noutros tempos entrava para o claustro sabia que renunciava ao mundo, a troco de gozos espirituais que impunham previamente durissimos sacrificios.

NATALIA.—Estou pronta para a iniciação. Diga-me, porém, antes de mais nada:—Não será inútil a prova a que vou sujeitar-me? Encontrarei resposta para as interrogações que irresistivelmente formula—ora o meu pensamento ora o meu coração?

NABOR.—Houve em Atenas um mancebo chamado Diótimo que se aproximou de Socrates e lhe pediu para ser um dos seus discipulos.—Que desejas tu conhecer? perguntou-lhe o filosofo.—Tudo que os homens ignoram e os deuses sabem.—Pois então val consultar o oraculo de Deifos, se antes disso a demencia te não privar do pouco juizo que tens.

NATALIA.—Compreendo que, além de paciente e humilde, tenho de ser razoavel...

NABOR.—Isso mesmo: desistir de ideias loucas e de ambições superiores ás suas forças. As borboletas morrem na luz, por não resistirem á tentação que as convicia, capciosamente. Não lhes siga o exemplo...

NATALIA.—Aqui tem as minhas mãos: ate-as uma á outra para que eu não faça crificios!

NABOR.—Vamos então ao que importa: acredita que na vida existe algum: cousa de mais alto que a materia que nos circunda como um nevoeiro ou nos arrasta como um tufão?

NATALIA.—Devo mesmo confessar-lhe: é a unica atmosfera em que respiro desafagadamente. Em certas horas, quasi todo o reino dos meus sonhos. Mas se abro os olhos, logo se desvaneca a maravilha! Como poderei amarrar a minha barca nessa praia longínqua?

NABOR.—Não confunda, a poesia com a filosofia. Uma cousa é o que dita a emoção e outra o que busca a razão. Desde que o primeiro homem indagou:—Quem sou? Em que sentido caminho—para a vida ou para a morte?—a religião e a filosofia apareceram abraçadas na mesma esperança e na mesma duvida.

NATALIA.—Mas hoje estão separadas, não é verdade? Creio até que algumas vezes se portam como irmãs desunidas e rivais...

NABOR.—Traçaram os seus limites e, como geralmente acontece, não são respeitadas. Spinoza, num momento de profunda sinceridade, declarou:

—«Deus está todo em tudo, mas ha quem pretenda dividi-lo.»

Referia-se aos philosophos que aspiram á gloria de clausurar o Infinito, nos seus orgulhosos in-folios.

NATALIA.—Desvie-me desses temerarios empreendimentos. Poderei eu, sem sair da modestia e do temor do meu sexo, aventurar-me um pouco adiante dos contos de fadas que deliciaaram a minha infancia?

NABOR.—Sem sombra de receio. Por mais voltas que dê e por mais horizontes que transponha,

convença-se disto—viajará constantemente em seu mundo interior. É lá que fica a verdadeira terra de Prestes João. Se alguém a quiser convencer do contrário, responda:—O mistério está dentro de mim e a matéria fora. A sua consciencia é um milagre permanente—um arrebatamento igual ao da estrela

que se desenha e fulge nas alturas—o seu inconsciente um pelago sem fundo que a integra no universo. Qualquer coisa de parecido com a formação da flor: raios no solo e crescimento para o azul.

NATALIA.—Começo a entender e a confiar...
MATIANA

O MEZ DE JULHO na tradição popular

(Mez de S. Tiago)

Em Julho

Reina o gorgulho.

—Quem trabalha em Julho
Para si trabalha.

—Em Julho
Celfo o trigo e o debulho,
E em o vento soprando
Vou limpando.

—Deus ajudando
Vai em Julho mercando.

—Julho quente, seco e ventoso.
Trabalha sem repouso.

—Quem em Julho are e fia
Ouro cria.

—Junho, Julho e Agosto
Senhora não sou vasso.

Em Espanha:

Em Julio, ni mujer, ni caracol.

—A geira de Maio
Vale os bois e o carro;

A de Julho

Vale os bois e o jugo.

—Por Santa Marinha
Vai ver tua vinha,
E qual a achares
Tal a vindima.

—Pela Madalena
Recorre tua figueira.

—Pelo S. Tiago
Cada pinga vale um cruzado.

—Em dia de S. Tiago
Vai a vinha acharás bago,
Se não for maçuro, será inchado.

—Por S. Tiago
Na vinha pinta o bago.

Em Espanha:

Por Santiago

Pinta el vago.

—Por Sant'Ana
Limpa a pragana.

Os santos advogados

Dia 5— Bemaventurado Miguel dos Santos, adv. contra os cancros e tumores.

Dia 22— S. Platão, adv. e libertador de captivos.

Dia 23— S. Apolinário, adv. contra as quebraduras; S. Libório, adv. contra a dor de pedra.

Dia 25— S. Cristovão, adv. contra o fastio; S. Tiago, adv. contra os perigos de guerra.

Dia 28— S. Ana, adv. contra a esterilidade dos casados.

Dia 29— S. Marta, adv. contra a lagarta e pulgão das vinhas.

Dia 31— S. Ignacio de Loyola, adv. contra os partos perigosos. Pelo S. Tiago

CROQUEMITAINE ENTRE OS CANIBAIS (A Alemanha reclama colonias)



Vamos menino! Senão vens depressa vou chamar o Hitler!

Der Goetz von Berlichingen, Viena.

A Estação

Calor brutal, acontecimentos sem grande importancia visto que toda a gente nesta epoca sai da capital em demanda ou do fresco ou do descanso. Política nacional caracterizada por decretos varios, politica internacional só ressalvada pela attitude digna de Sanjurjo no tribunal de Madrid e pelo fracasso da conferencia economica mundial, que de resto toda a gente esperava que desse o resultado que deu. Aviação, intensidade plena a ponto de podermos dizer que esta é a epoca da aviação, a quinta arma que todos temem e em que todos põem esperanza. Nós contentamo-nos com a chegada do Vouga, continuador do Gonçalo Velho na missão revivescedora da nossa marinha de guerra e até já possuímos uma bateria anti-aerea. E até Outubro a vida portuguesa decorrerá sem grandes animações.

Este numero foi visado
pela Comissão de Censura

I-- Ciências sociais e políticas. Direito

Sociologia — Política internacional — Economia nacional: A vida do Estado — Direito

Política internacional

A CONFERENCIA MONETARIA E ECONOMICA DE LONDRES

RESUMO DOS TRABALHOS REALIZADOS

Os discursos de abertura da conferência proferidos pelo rei Jorge V e por Ramsay Macdonald, chefe do governo inglês e presidente da conferência

No passado dia 12 de junho, perante os representantes de 63 países, o rei Jorge V, de Inglaterra, proferiu o seguinte discurso ao abrir solenemente a Conferência Económica Mundial, sendo escutado de pé, debaixo dum silêncio profundo:

«Senhores, nestes tempos de crise económica, que por toda a parte se faz sentir, é com o sentimento de profunda responsabilidade que vos desejo boas-vindas a este país. Creio que é esta a primeira vez na história que um soberano preside à abertura duma Conferência de todas as nações do Mundo. Sinto-me contente que uma tal reunião se tivesse podido fazer. Este esforço comum levará a resultados benéficos. Desejo as boas vindas aos representantes dos Estados membros da S. D. N. Tenho sempre seguido os trabalhos da S. D. N. com apreço e o maior interesse. E graças à preciosa actividade do «comité» dos peritos que a S. D. N. convocou a Conferência e abriu o caminho. Sem a Sociedade, sem ideia, duvido muito que esta assembleia se tivesse podido reunir. Desejo não menos cordiais boas vindas aos representantes dos Estados que não são membros da S. D. N. Agras-me reconhecer o espírito de cooperação e mutuo auxílio que os levou a tomar parte nestas discussões. Desejo ainda dar especiais boas vindas aos representantes dos meus domínios e do meu império da Índia.»

Chegado a esta altura do seu discurso, o soberano, que se exprimia em inglês, acrescentou, em francês: «Senhores delegados: E com profunda emoção que vejo em volta de mim esta augusta assembleia que parece tão vasta — e que representa a concepção, infinitamente mais alta, da esperança e desejos do Mundo inteiro. O Mundo encontra-se em estado de inquietação. Para V. Ex.ª, que hoje iniciam uma obra de restauração, a tarefa é pesada. Só será levada a cabo à força de muito boa vontade e de sincera cooperação.»

Terminadas estas afirmações, e voltando a falar em inglês, Jorge V proseguiu: «Senhores delegados: Estendovos a mão e desejo-vos de todo o coração que os vossos esforços dêem aquêllec feliz resultado que é esperado com impaciência por todos os povos do Mundo. Não me distulmo a grandesa da missão que a Conferência tem perante si. Contudo, ha uma coisa que me dá esperança: é o desejo real de se chegar a um accordo. As nações scítem do mal

comum a todas. As estatísticas crescentes do desemprego são dees mal a prova mais que eloquento. O significado deesas estatísticas e tudo o que implicam de sofrimento humano, foram nestes ultimos anos objecto das minhas constantes preoccupações. Non presença da crise de que todos se dão conta e de que todos reconhecem a acuidade, peço-vos que unais os vossos esforços para bom do Mundo inteiro. Não possa crer que o homem seja incapaz de utilizar os vastos recursos do Mundo de maneira a assegurar o progresso material da civilização. Esses recursos não sofreram qualquer diminuição; pelo contrario, na descobertas, as invenções multiplicaram a utilização da abundancia de produção. Foi esta mesma abundancia que suscitou novos problemas. Ao mesmo tempo que se constataes este extraordinario progresso material, registava-se este facto novo: a interdependencia das nações tornando preciosa a sua colaboração. E agora a altura de pôr ao serviço da humanidade este novo principio.»

O rei terminou o seu discurso fazendo votos por que os trabalhos do Congresso reponham o Mundo no caminho da prosperidade e do progresso ordenado.

O rei retirou-se, momentos depois, do edificio da Conferência com o mesmo ceremonial da entrada.

Macdonald, como presidente da Conferência, reuniu em seguida as causas que contribuem para a crise económica mundial e expôs os motivos da re-

não estão em condições de ser equi-

«A vida económica do Mundo ha anos que vem atravessando uma grande crise que obrigou a fechar as fabricas e a limitar o numero de operações e a reduzir os salarios. Este facto levou certos Estados quasi à beira da bancarrota. Os orçamentos d'esses Estados não estão em condições de serem equilibrados. Desde 1929 que os preços têm caído e se têm conservado muito abaixo do custo dos productos. Esta quebra de preços deu-se irregularmente e tem sido a origem de grandes desordens nas relações económicas normais. Essa queda de preços veio tornar ainda mais pesado o fardo das dividas mundiais. Em 1932, a produção de materias primas, comparadamente com 1929, caiu cerca de 30 por cento e as trocas entre a cidade e a provincia sofreram um tragico decrescimento. As receitas caíram consideravelmente em toda a parte e em alguns países essa diminuição varia entre 40 e 50 por cento. A crise geral foi agravada pelas restrições, pelas pautas aduaneiras, por quotas e pela fiscalização de cambios. Estas medidas, no seu conjunto, contribuíram para uma consideravel diminuição de commercio que, entre 1929 e 1932 foi de menos de três quartas partes, comparadamente com os anos anteriores e o que é ainda pior, por cerca de metade do preço. Como consequencia deste estado de coisas o numero de desempregados foi aumentando, até que hoje se anda por volta de 30 milhões em todas as Estados. Ora, isto não pode continuar.»



Inflação: Vinho reconfortante, marca americana.

De «Daily Express», Londres

As vantagens da substituição dos nacionalismos económicos por uma política de cooperação mundial

Proseguindo nas suas considerações, Macdonald declarou: «Além de tudo que ficou referido há ainda um assunto de capital importância: «As dividas da guerra».

A Conferência Económica não está constituída de maneira a poder resolver este momentoso assunto, mas a questão tem de ser resolvida sem demora pelas nações, para que a obra começada em Lausana seja completada. Tem de ser resolvida de uma vez para sempre, tomando em consideração as actuaes circunstancias em que o Mundo se encontra. Esta Conferência é uma sequencia do trabalho efectuado em Lausana o ano passado, quando, por meio dum accordo condicional sobre a maneira como devia ser tratada a questão das dividas e das reparações, a Europa pôde ser salva de uma immediata catastrophe financeira. O Mundo não pode ser equilibrado sem um accordo internacional. Os ultimos anos tinham provado que uma politica economica puramente nacional empobrecia tanto as outras nações como as que seguem essa politica. Quanto mais as nações adoptarem como sua a politica economica mundial melhor será para cada nação. Devo frisar que a rapidez no accordo é essencial para assegurarmos o

xito. É absolutamente necessario que esta Conferência dê os resultados que dela se esperam. Damos ao Mundo como nota da nossa primeira reunião que estamos resolvidos a ver os nossos esforços coroados de exito.

Macdonald, concluindo o seu discurso, disse: «Julgo ter exprimido os pontos de vista do conjunto dos delegados dizendo que não viemos para aqui para discutir simples theorias, mas para apresentar propostas praticas tendentes a levar remedio ás necessidades imperiosas. Por isso convindo cada delegação a apresentar as suas propostas em termos precisos, a fim de podermos abordar sem perda de tempo o seu exame. Faço votos sinceros para que esta Conferência dê ao Mundo a coragem e a confiança e que ela possa marcar o fim dos anos de incertezas. Desejo que ela ponha um termo ás politicas que provocaram a grande crise em que o Mundo se debate actualmente.»

II

A nomeação de uma comissão de verificação de poderes

Fé nomeada, por proposta do presidente da Conferência, uma comissão de verificação de poderes, composta por um delegado de Portugal, que é o sr. dr. Augusto de Vasconcelos, que assume a presidencia, e por um delegado do Egipto e outro da Venezuela.

III

A constituição da mesa da Conferência

Macdonald propõe, sendo aprovado, que a Mesa da Conferência seja formada por um delegado de cada um dos seguintes países: Alemanha, Argentina, Reino Unido, Canada, China, Espanha, Estados Unidos da America, França, Hungria, Italia, Japão, Mexico, Países Baixos, Suecia, Tchecoslovaguia, União das Republicas Sovieticas Socialistas e que promova a constituição de duas ou três comissões, entre as quais se reparta todo o trabalho da Conferência e o estudo dos relatorios dos peritos.

IV

A discussão geral dos problemas economicos e monetarios. A proposta da tregua aduaneira. A nomeação das comissões de estado

Feitos os discursos de abertura da Conferência pelo rei e por Macdonald, os chefes das delegações dos diferentes países focaram depois os varios aspectos da crise e as suas graves consequências internas e externas, esboçando as soluções que julgam mais acertaveis.

Entre eles o chefe da delegação portuguesa, dr. Castro da Mata, proferiu um notavel discurso, que foi recebido com vivo interesse.

O presidente da Conferência comunicou á assembleia que foi estabelecido um accordo para uma tregua aduaneira entre os 8 Estados que formaram o «comité» organizador da Conferência: Estados Unidos da America, Reino Unido, França, Alemanha, Italia, Japão, Belgica e Noruega.

Essa tregua durará todo o tempo que funcione a Conferência, ficando, porém, reservado a cada Estado o direito de denunciar o accordo, em qualquer data, a partir de 31 de julho, bastando para isso avisar a Conferência com um mês de antecedencia.

Foram convidados todos os países que acceitem esta medida a dar á sua adesoão até ao dia 16 de junho.

Até ao final da Conferência aderiram 61 países, no numero dos quais se conta Portugal.

A Mesa da Conferência propõe a nomeação de duas comissões, nas quaes terão representação todos os Estados participantes da Conferência.

Uma occupar-se-á das questões economicas, a outra das questões monetarias e financeiras.

Ambas terão poderes para constituir as sub-comissões que forem julgadas necessarias para o estudo de assuntos de caracter especial.

A Comissão Economica será presidida por Colijn, delegado dos Países Baixos. A Comissão Monetaria e Financeira por Cox, delegado dos Estados Unidos da America.

A — Comissão Economica. Assuntos de que se occupou. Projectos de resolução apresentados

Ficaram assim agrupados os assuntos sujeitos ao exame da Comissão Economica:

EM CAMPO LARGO



Como está de riba, derriba como os de Ribatejo.

Do Sempre Fixe.

—Política Comercial abrangendo:

a) Normalização do comércio, aproveitamento de divisas estrangeiras para as importações, supressão progressiva das proibições e dos contingentes, etc.

b) Problemas da política pautal e contratual, incluindo a cláusula de nação mais favorecida e as suas derrogações eventuais.

2.—Outras medidas com repercussão no comércio internacional, além dos direitos aduaneiros e das proibições.

São as que se prendem com as questões veterinárias e fitopatológicas, os prémios directos ou indirectos concedidos em especial à navegação, as marcas de origem, etc.

3.—Coordenação da produção e da venda.

Abrangendo: as questões do trigo e outros produtos alimentícios, as matérias primas e os cartéis industriais.

4.—Obras públicas

Para o estudo de todas estas questões foram criadas duas sub-comissões:

A Sub-Comissão para o estudo da Política Comercial, presidida por Krogmann, delegado da Alemanha;

A Sub-Comissão para o estudo da coordenação da produção e da venda, presidida por Le Breton, delegado da Argentina.

Sub-comissão I para o estudo da política comercial. Resumo dos seus trabalhos

O delegado da República dos Serbios, logo de começo, apresentou um projecto de protocolo de não agressão económica, mas a sua discussão foi relegada para o final dos trabalhos.

Dois grupos de propostas foram apresentadas pelo delegado britânico para orientação dos trabalhos da sub-comissão.

As propostas do 1.º grupo dizem respeito à balança de comércio e a acordos de compensação e assimila:

1.º—em que a opinião pública deve ser esclarecida quanto à significação da balança comercial e igualmente quanto ao facto de um país credor se muito difficilmente poder ter uma balança comercial favorável;

2.º—em que o comércio internacional não poderá ser restaurado a custa do equilíbrio absoluto das trocas entre dois países determinados;

3.º—em que os acordos de compensação e os acordos de trocas directas se devem abolir na medida do possível.

As propostas do 2.º grupo visam a abolição das proibições e dos contingentes, nos seguintes termos:

1.º—todas as proibições de importações serão abolidas, com excepção das que se resolverem por acordo internacional;

2.º—estabelecer-se-á uma rigorosa distinção entre contingentes de importação arbitrariamente fixados para fins proteccionistas e contingentes de pro-

Ao povo alemão
(Os conselhos fascistas)

Os chefes fascistas recomendam ao povo alemão que aperte mais um furo no cinto.

(Dos jornais.)



Aperte a cintura!...



Aperte a garganta ou por outra: Enforque-se!

Desenho de Rosé Pravda

dução ou de venda estabelecidas por um accordo internacional que tenha em vista uma elevação dos preços;

3.º—dar-se-á a maior importância à abolição dos contingentes de importação fixados arbitrariamente

Sobre proibições e restrições insiste ainda o delegado dos Estados Unidos, Cordell Hull por que a sub-comissão aceite os quatro princípios seguintes:

a) Prejudicium o interesse comum quer a politica dum nacionalismo economico externo, quer novas elevações das barreiras aduaneiras ou as discriminações pautais;

b) Os embargos, os contingentes de importação e outras restrições arbitrárias devem ser abolidas o mais depressa possível;

c) As barreiras aduaneiras devem ser reconduzidas rapidamente por meio de acordos reciprocos bilaterais ou plurilaterais, a um nível que permita que as trocas se façam livremente e normalmente;

d) Quando da conclusão de acordos bilaterais ou plurilaterais evitar-se-á introduzir discriminações que, ainda que vantajosas para os contratantes, vão prejudicar o commercio internacional no seu conjunto.

Estas propostas provocam viva discussão da parte dos delegados da Alemanha, da Hungria, da Argentina, da Polónia e da Itália, sendo apresentadas outras que divergem das em alguns pontos.

O presidente propõe, por isso, a nomeação dum sub-comité que se encarregue de condensar as diversas opiniões expostas num projecto de re-

solução em cujas bases a sub-comissão se firmará depois para, por via bilateral ou plurilateral, conseguir a assinatura duma convenção sobre esta problema.

Do sub-comité fazem parte delegações dos seguintes países: Reino Unido, Noruega, Suíça, Estados Unidos da America, França, Polónia, Bélgica, Itália, Hungria e Alemanha.

Com o fim de facilitar a discussão dos problemas relativos à Política das pausas e dos acordos comerciais, compreendendo nestes o regime da cláusula de nação mais favorecida e as suas derrogações eventuais, o presidente Krogmann julga conveniente dividir as tarifas aduaneiras em quatro categorias, a saber:

a) Pautas destinadas a proteger a industria;

b) Pautas destinadas a proteger a agricultura;

c) Pautas fiscaes;

d) Pautas destinadas a facilitar o pagamento das dividas.

Assim—afirma ele—mais depressa se podem escolher os meios que conduzam a sua redução.

O delegado da Bélgica, Van Langheove, cre não suficiente, para activar as relações economicas mundiaes, a supressão das proibições e das restrições aduaneiras. Em sua opinião a politica das tarifas comporta duas etapas. Na primeira, deve atingir-se a suspensão de todo e qualquer agravamento de tarifas. Na segunda, a redução das que vigoram.

Só com a garantia prévia de que se não farão novos agravamentos de tarifas é que se poderá evitar que os Estados elevem os seus direitos aduaneiros para se compensarem de reduções ulteriores.

Nestas condições, submete ao exame da sub-comissão uma proposta nos seguintes termos:

1.º—Que se prolongue a tregua aduaneira pelo tempo indispensavel para dar às trocas comerciais as garantias de estabilidade necessarias ao exito completo da conferencia.

2.º—Que haja uma acção combinada dos Estados tendente a produzir um abastecimento progressivo dos direitos aduaneiros esagerados, quer por meio de negociações colectivas, quer bilaterais.

3.º—Que se derroque a cláusula de nação mais favorecida em convenções internacionais feitas para melhorar o regime das trocas internacionais e extensivas a todos os Estados.

Produziu-se uma larga apreciação desta proposta, divergindo muito as opiniões dos diferentes países.

Em visto de a Mesa da Conferencia haver decidido que as sub-comissões organisassem desde já relatorios contendo as ideias e as pontos de vista manifestados nas assembleias—tão toco com o fim de se não perderem os frutos das discussões já travadas e para além disso, servirem de base de estudos das questões, quando, de futuro, voltarem a ser apreciadas—o presidente Krogmann propõe a nomeação dum Comité de redacção formado de representantes em numero igual, de duas correntes de opinião que se obtiveram nos debates e que foram p-

um lado a Bélgica, a França e a Itália e por outro o Japão, a Noruega e os Estados Unidos da America.

Foi aprovada esta proposta.

Sub-comissão II para o estudo da condensation da producao e da venda. Resumo dos seus trabalhos

São indicados para fazerem parte desta sub-comissão os principais países produtores e consumidores dos produtos em discussao.

Portugal não era escolhido, mas o dr. Caserio da Mata, chefe da delegação portuguesa, require e justifica a sua inclusao, que é, por fim, aprovada.

Os trabalhos preliminares desta comissão resem sobre principios postos e defendidos pela delegação Inglesa.

Verifica-se a necessidade de dividir a sub-comissão em duas secções, uma para se ocupar da agricultura e dos generos alimenticios, outra das materias primas.

Sub-comissão do açucar

A delegação de Cuba aponta, como remedio para resolver a crise de super-produção de açucars, a constituição duma liga formada pelos países exportadores, os quaes se comprometeriam a não aumentar a produção e a não criar fabricas.

Envia para a mesa uma proposta contendo as bases desses treguas.

Para uma apreciação larga desta questão é nomeado o Sub-Comité do Açucar, que elige para seu presidente o dr. Caserio da Mata. Dele fazem parte a União Sul-Africana, a Alemanha, a Australia, a Bélgica, o Brasil, o Reino Unido, a China, Cuba, os Estados Unidos da America, a França, a Hungria, a India, a Italia, o Japão, a Nova Zelandia, os Países Baixos, o Peru, a Polonia, Portugal, a União das Republi-

cas Sovieticas, a Tcheccoslovaquia e a Jugoslavia.

Depois de ouvida uma exposição do presidente do conselho internacional do Açucar, sobre as negociações entabuladas, o sub-comité aprovou o relatório desse mesmo conselho e resolveu que a Mesa da Conferencia mantenha com elle o necessario contacto para proseguirem estas negociações.

Sub-comité do Vinho

O Sub-Comité encarregado de examinar as questões que se prendem com a produção e o consumo do vinho é composto de representantes da Bélgica, do Reino Unido, da Espanha, da França, da Hungria, da Italia, de Portugal e da Jugoslavia.

Foi nomeado presidente Sarraut e vice-presidente Lima Santos, delegado de Portugal.

Sarraut, em nome da França, depois de, num suggestivo exordio, proclamar todas as vantagens que ha no consumo desse produto, entra na apreciação da crise da superprodução e afirma que ella é provocada, principalmente, por um alargamento da superficie da cultura da vinha, a que se entregaram os países do hemisferio sul, que afinal não reúnem as condições naturais mais proprias, e pela redução dos consumos causada por medidas prohibitivas e por campanhas abolicionistas que fecharam, por largo tempo, alguns dos mais vastos mercados.

O remedio para resolver esta crise está, a seu ver, no acrescimo do consumo, que se poderá conseguir por meio duma intensa propaganda feita com vinhos de primeira qualidade e pela abolição das barreiras aduaneiras que se opõem á sua entrada em muitos mercados.

Referre-se, por fim, ao memorando apresentado pelo Office International

do Vin, em que esse organismo defende, para a solução da crise, a limitação da produção por meio da limitação da superficie de cultura.

Em seu entender, essa medida correspondia a uma tregua que se podia observar até ao momento em que o consumo atingisse um determinado sumentio.

Aponta as medidas que, nesse sentido, a Grecia, Portugal e a Romania já seguiram e declara que em França tambem foi apresentado um projecto de lei que visa o mesmo fim da restrição da area de cultura.

Por Mr. Dousche, director do Office International du Vin, é elaborado um ante-projecto de resolução, sobre o qual recai uma profunda discussao, assentando-se, por fim, na ultima redacção do projecto de resolução.

O sr. Lima Santos, delegado de Portugal, envia para a Mesa varias emendas a este projecto, que o sub-comité aprecia detidamente.

A. F. L.

(Continua)

LOTARIAS

OS MAIORES PREMIOS DO MÊS

Dia	400 contos	40 contos	10 contos
1	1089	1568	9174
8	2541	2036	5848
15	9291	1303	5882
22	8687	5487	7675
29	4027	6346	2508

b) Economia e finanças. — c) A acção social. — d) Previdencia social

BOLSA E CAMBIOS

BENQUELA ainda. Vamos ver como a especulação se mantem, desde os sobes nos papéis da moda. Benguela abriu a 990 e arrastou-se até 1090 na 1.ª semana, chegou a 1105, na segunda para voltar a 1085, á roda da qual mandou na 3.ª semana e descendo na 4.ª a 1035. Se pensarmos como elle subiu de 990 a 1105 e como desceu a 1035 veremos que elle teve um angulo de oscillação de 115 pontos o que nos mostra que papel de altibaixos, demasiado flutuante elle não zerve para construir a renda tranquilla e descansada, quasi inalteravel que constitui o papel ideal.

Fundos do Estado são hoje, e com razão o papel de mór procura. O *Raicio* 6 1/2 1923 andou de 1090 para 1094, de 1094 para 1096, de 1096 para 1102 e voltando para 1096,5, 1095 e á sua volta, firmou-se. O de 5 1/2 foi de 990 a 976 lenta mas firmemente. O dos Fortes 6 3/4, de 558 foi a 582, ponto acima ponto abaixo, o *Portug.*, 1.ª serie, á juro de 1295 andou até 1302, a 2.ª de 1303 subiu a 1310 e a 3.ª de 1340 inflou, para o termo, até 1350 para voltar aos 1340 donde partiu. Fundos do Estado certos e por certos se podem dizer Fundos sem grandes oscillações e garantidos por uma base equitativa.

Des bancos o Commercial subiu para 410 e não desceu em sala em calão bolsista, manteve a sua posi-

ção. O Lisboa & Açores mantem-se. Ultramarino desce 1 ponto. O Banco de Portugal sendo aberto a 928 fechou a 970.

Depois dos Bancos as Companhias. A das Cervejas Estrela tendo aberto a 140 fechou a 132. A das Aguas sobre para 421. Credito Predial 12,5, 12,4. Gás e Electricidade, muita procura. De 252 a 258, subindo e descendo, movimentado. Portugal e Colonias de 52 51, com muito movimento, sem maiores subidas ou descidas que um escasso ponto. A Nacional de Navegação de 50 a abrir e 64,5 a fechar, Tabacos andou á volta de 219, 223.

Obrigações o mesmo, sem oscillações.

Brasileiro: o de 5 0/0 1895, 3900, 3850; o de 5 0/0 1903 abre a 5.600 e fecha a 5.200; o de 5 0/0 de 1913 abre a 4.000 e fecha a 3.500. O *Jundim* 1914 que abriu a 8.500 fecha a 7.900. O Brasil é longo e os seus homens não consagram a sua atenção aos que no estrangeiro possuem os seus titulos de credito.

Cambios: O *dclar* desce perdendo a confiança dos povos. Desce devagar mas desce. A libra firma-se, reconquista a confiança. E foi assim no mês de julho, do ano da graça de Nosso Senhor Jesus Cristo de 1933.

F. S.

II -- Comercio, industria, tecnologia. Agricultura

Organização e métodos. Ensino tecnico - Comercio - industria - Tecnologia - Agricultura

Expanção economica mundial

1—Razões historicas

Da primeira dinastia com seus «feirantes», até aos meados do seculo XV

Este trecho é da conferência realizada a 12 na sala nobre da Associação Commercial de Lisboa (Camara de Comercio).

Presidiu o sr. sub-secretario de Estado das Corporações e Previdência, que representava o sr. dr. Oliveira Salazar, secretariado pelo sr. prof. Francisco Antonio Cor-

reia, director geral dos Negocios Comerciaes, e Julio de Macedo, presidente da Associação Commercial de Lisboa.

Entre a assistencia que enchia completamente a vasta sala encontravam-se os srs. conselheiro Ernesto Schroeter, João Pereira da Rosa, dr. Barbosa de Magalhães, professores Lima Basto, Antonio

Augusto Curzon, Beirão da Veiga, Ferreira da Costa, Gonçalves Pereira e M. Azevedo Gomes, José Maria Alvares, dr. Veiga Simões, dr. Carlos Nazareth, dr. Deljim de Almeida, dr. Abel de Andrade, major Mendes do Amaral, dr. Sousa Pereira, engenheiro Carlos Santos, Ribeiro Salgado, Alvaro de Lacerda, etc.

PODE afirmar-se que o Comercio Português é tão antigo como a propria nacionalidade. O mesmo pode dizer-se do Comercio Exportador, de que, mais especialmente, nos propomos tratar nesta conferencia.

Logo no berço da monarchia enquanto os reis batalhadores adiantam a passos gigantescos as conquistas do sul, o povo da primitiva provincia portugalnesa, desenvolvendo os seus conhecimentos geograficos, nauticos e mercantils, vai fazer o primeiro ensaio de navegação, lançando-se no commercio maritimo internacional. (1).

Assim ha noticia de em 1189 comerciantes da península visitarem Marselha e Montpellier; (2) em 1194 haver naufragado no mar do Norte, na costa flamenga, um barco português com carregamento; (3) e sabe-se que a Inglaterra tem os mercados portugueses, autorizados desde 1203 a negociar nos domínios britannicos, por decreto do rei João-Sem-terra (4).

Todo o commercio de Portugal com o estrangeiro tinha por base a agricultura que fornecia os productos a exportação, visto as industrias existentes serem caracterizadamente domesticas, e essas mesmo relacionadas com a da terra. Constava o commercio externo de: azeite, cera, cortiça, mel, peles e vinho.

O desenvolvimento economico de Lisboa é assinalado no folio que D. Afonso Henriques lhe deu, desenvolvendo bem relativo visto que a cidade tinha então 15.000 habitantes. (5).

O commercio interno que, a avaliar pelas disposições de certos forais, é de supor fosse bastante activo, era principalmente movimentado pela criação de mercados e feiras, que mais tarde haviam de tomar um incremento extraordinario e realizar-se em quasi todas as povoações de importancia.

As feiras são de facto antiquissimas. O primeiro vestigio das feiras em Portugal, aquella de que ha noticia documentada, como refere o professor Amalriz, encontra-se, no folio de Roteiro de Lima em 1125 no qual «se estabelece uma multa de sessenta soldos a quem cause dano ás pessoas que de qualquer lugar concorrerem á feira quer na vinda, quer no regresso». No folio de Evora de 1166 aos frequentadores da feira dão-se regalias especiais tais como: «a concessão aos mercadores, cristãos, judeus ou mouros, em que se proiba que se lhe embargue os seus haveres salvo tendo responsabilidade por fiança ou divida» (6). Em 1205, D. Sancho I, dando folio aos povoadores do reguengo de Vila Nova, determinou que ali houvesse feira, ao domingo, de quinze em quinze dias, estabelecendo ainda varias immunições aos que a ela concorressem.

D. Afonso III, regressando de França com novas concepções economicas, ponde imprimir ao pais orientações mais modernas, desenvolvendo o commercio de madeira a, pelas reformas postas em pratica

e pelas providencias tomadas de protecção aos commerciantes, nos levar á convicção de que foi nessa época que principiou a ver-se no commercio um dos mais poderosos elementos da riqueza e prosperidade da nação.

O impulso dado por D. Afonso III ás feiras e mercados existentes e a multiplica criação de tantos outros foi de grande auxilio para o commercio.

Quasi sem estradas para o transporte e circulação dos productos e com o perigo constante de assaltos de toda a ordem, a instituição de mercados e feiras, onde vendedores e compradores se juntavam defendidos pela associação e pela autoridade que fazia policiair tais reuniões, foi de uma extraordinaria utilidade, permitindo que a função commercial se realizasse da melhor forma, naqueles tempos em que as transacções eram bem dificeis pela falta de segurança.

Além das feiras semanais, instituiu ainda D. Afonso III as feiras francas, isto é aquelas em que as transacções eram livres de impostos, e que se realizavam nas terras mais importantes, durando de oito a quinze dias.

De tal modo foi reconhecido o proveito publico das reuniões a que acabamos de nos referir, que, em certas localidades se obrigava a ir á feira, sob pena de multa, quem tivesse mantimentos para vender, muitos ou poucos. Em outras se chegou a estabelecer que uma pessoa de cada casa havia sempre de ir, *tivesse ou não que mercadejar* (7).

O grande rei que foi D. Diniz, homem de muita cultura para o tempo, compreendeu bem a conveniência de, a par dos seus diavels com a terra, tratar do desenvolvimento da pesca e da navegação costeira, visto que sendo o pais uma orla occidental da península, estava naturalmente fadado para a navegação e commercio maritimo.

D. Diniz criou uma esquadra propoeltadamente para proteger o commercio exportador contra os ataques dos piratas, e na povoação de Paredes, que fundou, estabeleceu a obrigação de se manterem, pelo menos, seis caravelas, para desenvolvimento da industria da pesca.

O facto de se haverem estabelecido bastantes portugueses no estrangeiro, especialmente na França e na Flandres, muito concorria para um maior incremento do nosso commercio exportador, que era ainda animado por varios privilegios, como o que dizia respeito ao *foro de cavaleiro* concedido aos mercadores de *grossa tratta* e aos armadores de navios. (8).

Foi tambem o rei D. Diniz, em cujo reinado se intensificaram as relações commerciaes com a França, quem celebrou em 1293 o primeiro tratado de commercio com a Inglaterra, de que resultou os portugueses obterem barcos para transporte de mercadorias. No mesmo ano confirmou o *regulamento de commercio*

dos comerciantes do Porto, segundo o qual estes contribuíam com um imposto sobre as importações e exportações, destinado a um fundo ou bolsa que tinha por fim conceder pensões aos comerciantes caídos na miséria. Por esse fundo ou bolsa, cuja criação demonstra bem a importância dos interesses dos comerciantes da época, estes estabeleciam uma caixa de assistência mútua.

É de salientar que, em 1293, D. Diniz autorizou a criação de uma associação ou bolsa de 100 marcos de prata, na Flandres—o que é um indicador do desenvolvimento ao nosso comércio exportador—a fim de ocorrer às despesas provenientes dos pleitos, embarços e apressamentos, então tão frequentes no comércio marítimo.

A 20 de Outubro de 1353, no reinado de D. Afonso IV, realizou-se um novo e mais importante tratado entre a Inglaterra e Portugal. Nesse tratado cuja duração era fixada em 50 anos, as clausulas de protecção mútua ao comércio de ambos os países tinham notável relevo.

O comércio externo continuou em crescente actividade até ao fim da primeira dinastia. No reinado de D. Fernando, cujos frequentes erros de administração provocaram naturais perturbações económicas, deram-se factos que devem ser postos em relevo. O fraco rei a quem a História cognominou de Formoso soube, contudo, dar um impulso notável ao nosso comércio marítimo.

Verificando que a maior parte dos fretes das mercadorias portuguesas aproveitavam a estrangeiros por falta de marinha mercante nacional, concedeu grandes vantagens para a construção de navios, vantagens que iam desde a isenção de impostos, direitos de sisa, fretagem e outros até ao fornecimento gratuito de madeiras das matas reais. Dum tal auxilio se sobearam tornar dignos os construtores portugueses, visto que, dentro em pouco, eram considerados os primeiros do mundo. Também D. Fernando, no intuito de proteger o comércio português, impôs determinadas restrições aos comerciantes estrangeiros.

Lisboa era ao findar a primeira dinastia, uma das mais importantes praças comerciais e o seu porto um dos mais notáveis. Chegavam a juntar-se no Tejo 500 navios de carga, muitos deles empregados na exportação de vinho e de sal, tendo havido um ano em que—segundo refere Fernão Lopes—«carregaram 12 mil toneladas afora os que levaram depois na segunda carregação» (9).

Começada a segunda dinastia pelo reinado do mestre de Avis, que o povo com tão feliz inspiração lizera rei, logo a 9 de maio de 1386 celebra, com a Inglaterra, um tratado de *liga, amizade, confederação e união firme e perpetua*, em que as clausulas comerciais a tudo sobrelevam. Aos mercadores de uma nação é concedido, na outra, o tratamento a que tem direito os nacionais; os soberanos respondem pelos danos ou injurias feitas aos mercadores.

No mesmo ano os portugueses, que já no fim do século XII tinham feitorias em Bruges, estabeleceram-se já definitivamente, instituindo a Casa de Portugal.

D. João I fundou em Lisboa, em 1387, uma bolsa de comerciantes, no genero da que no reinado de D. Diniz fora criada no Porto, embora com objectivos um tanto diferentes.

Em 1390, e depois de 1412, a Holanda concede varios privilegios aos negociantes portugueses, o mesmo se dando com a Alemanha, em 1411.

E cabe agora referencia mais larga a um dos mais illustres vultos da historia patria—o Infante D. Henrique.

O Infante D. Henrique começou por sentir que este povo aventureiro e impulsivo não podia resignar-se a continuar eternamente comprimido entre a Espanha e o Mar. Por isso procurou através dos oceanos realizar um grande sonho, que havia de efectivar-se assombrando as gentes e trazendo glo-

ria imorreidora á raça portuguesa. Gloria tanto merecida quanto é certo na realização desse sonho, Portugal ter sido, mais do que a si proprio, util á civilização e ao Mundo!

Tantas vezes justamente lembrado como o egrejo iniciador dos nossos descobrimentos, raro o gigante de Sagres tem sido celebrado sob um dos aspectos mais notaveis da sua individualidade, e do seu genio mercantil.

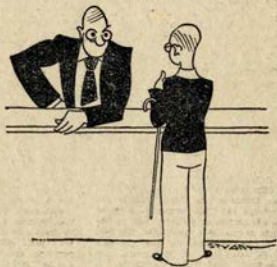
Pode dizer-se que no Infante D. Henrique os planos de viagens maravilhosas jamais deixaram de harmonizar-se com ideias utilitarias e economicas. Obstinado de que o mar traria a Portugal fama e riquezas ampliou e aperfeçoou os seus conhecimentos geograficos, cosmograficos e astronomicos, e instituiu a escola de Sagres, que serviu de modelo para toda a Europa e lhe permitiu realizar o seu plano genial que consistia, como bem diz Schaefer, em: «glorificar-se e á sua Patria, pela descoberta de novos países; obter para Portugal maiores possessões e dar-lhe novas fontes de receita; alcançar para o comercio mais vasta amplitude e diversidades». (10)

Assim conseguiu que os navios enviados em exploração da costa occidental da Africa dobrassem os cabos Não e Bojador e descobrissem as ilhas do Porto Santo e da Madeira, para onde naus de particulares, com fins exclusivamente comerciais, singravam depois com autorização do Infante, que assim demonstrava a feição pratica das descobertas.

E se duvida restasse, bastava dizer-se que 10 anos depois de dobrado o cabo Bojador, em 1444, já se haviam organizado companhias para explorar o comercio entre Portugal e a Costa Occidental da Africa, tendo a primeira sido formada, sob a direcção do Infante D. Henrique, em Lagos, com o fim de prosseguir nos descobrimentos e de explorar a pesca nos mares da Guiné.

Em Arguim, para onde organizou outra companhia, attingiu o comercio tal importancia que o Infante mandou construir uma fortaleza para o proteger. O desenvolvimento da aludida companhia foi tão rapido, que, em 1448, já o comercio dominava todos os lugares descobertos, até Cabo Verde.

Aos portugueses ainda por intuição extraordinaria do Infante—estava reservado, por efeitos das navegações e sua industria, o popularizarem o consumo de um dos produtos mais justamente apreciados o açucar, que até ao tempo da intervenção dos portugueses, no século XV, era, como a pimenta, droga



—Eu queria camizas como usam os nazis.
—Ah, já sei, quer camizas de onze varas..

de luxo, acessível a poucos e usada somente dos bem-heretados da fortuna». (11).

Foi o Infante D. Henrique quem, clarividentemente, mandou vir as canas da Sicília e mestres habéis na preparação do açúcar, produto que dentro em pouco constituiu a grande riqueza da ilha da Madeira, passando a ser exportado em larga escala, principalmente para a Flandres.

Figura das mais gradas da História Portuguesa, bem hajam aqueles que neste momento—mais vale tarde que nunca—procuram perpetua a condignamente fazendo erigir na Ponta de Sagres um monumento grandioso que, sendo uma apoteose à alma marinha de Portugal, fale eternamente aos navegadores das glórias deste povo, que não morrerá enquanto viver no seu coração a memória sagrada do Infante D. Henrique!

ROQUE DA FONSECA

A pavimentação das ruas da cidade o trabalho municipal e a Camara Municipal de Lisboa

Na ordem do dia da sessão da C. M. L. o sr. Gaspar de Oliveira declara que era sua intenção submeter hoje, à apreciação da Camara, uma proposta para a pavimentação, por empreitada dum grupo de ruas. E declara:

«Não é segredo, para ninguém que os serviços da Camara Municipal de Lisboa, embora dispondo, na sua maioria, de funcionarios tanto quanto possível zelosos e competentes, se acham, sob o ponto de vista administrativo e de orientação superior, na mais completa e, direi até, perfeita desorganização administrativa, desorganização burocrática, indisciplina de serviços e de pessoal, desorganização técnica, reflexo de todas as desorganizações, dando origem à desorganização geral cujas consequências nós estamos suportando e vamos corrigindo. E o grande problema que tem sido a liquidação do passado, dessa passada e formidável herança que, por muito tempo ainda, ha de preocupar-nos e absorver grande parte das já precarias receitas camarárias, precisa de ser encarada com alguma coragem, muita fé e toda a verdade. Eu sei, eu sinto que aqueles a quem não agrada esta maneira de administrar dinheiros publicos, sentem, como eu, que é esta a politica necessaria. Mas como os empedidos, a bem ou a mal devem ser removidos, é a politica da verdade, aquela que necessariamente temos que seguir. E é para os olhos, para os sincores, para aqueles de quem é feito tudo, para aqueles que dia a dia são obrigados a utilizar-se dos serviços da Camara, é para aqueles que nós representamos, que eu falo. (Aos outros, aos que lá fora o cá dentro tentam desvirtuar a nossa acção, hei de, por todos os meios, procurar destruil-los o ambiente proprio ás suas habilidades e malignancias e que tanto procuram manter.

«Em tudo o que vemos ha deficiencias. Lisboa é uma cidade onde os pavimentos são uma vergonha, onde os egotos correm ao ar livre, onde ha dezenas de ruas sem iluminação. Não falo já no abastecimento do leite, que está sendo estudado; no Matadouro, nos Mercados, nos Postos Sanitarios, no material de limpeza, nos quartéis de bombrins, etc., etc. e em que tudo

está quasi por fazer. Planos por mais que os procurasse, nunca os encontrarei! Mas... adiante! Foram os três primeiros problemas, isto é, egotos, pavimentação e iluminação, aqueles que esta Comissão Administrativa resolveu enfrentar como lhe competia; mas ainda aqui o nosso esforço obteve fracos resultados: trabalhámos todos de forma a canalizar o maior numero de verbas para esse fim, cortámos e reduzimos despesas, evitaram-se tanto quanto possível novas e varias construções, mas os encargos eram tantos que apenas nos foi possível reunir nove mil contos! E sabem V. Ex.^{as} bem, que, só para fazer desaparecer o macadame, necessitamos de cerca de cinquenta mil contos, para cobrir apenas algumas ruas, e já não falo no Caserio de Alcubara, seriam precisos quatro a cinco mil contos, para iluminação, dois mil contos, etc., etc. Não desejo fatigar V. Ex.^{as} com numeroes que já conhecem, nem pretendo fazer um relatório de muito que precisamos, embora os numeroes se prestassem a interessantes e variadissimas considerações sobre o que está feito, o que se deveria ter feito e o que está por fazer! Basta, porém, dizer que a verba para exporções já resolvidas é tão importante que nem me atrevo a falar nela. Dejo apenas chegar a um fim: justificar. Com o orçamento equilibrado no semetre findo, com uma melhor (mas ainda imperfeita) contabilização das verbas orçamentais, a Comissão Administrativa resolveu que no presente ano economico se seguisse tanto quanto possível o regime de empreitadas.

Não preciso apontar a ninguém quais as vantagens deste sistema sobre qualquer outro, para que a sua adopção se justifique; desaparecem as obras começadas e não acabadas, as ruas com material e sem pessoal, e até as ruas com pessoal e sem material, os remendos à pressa, as protecções, os sentimentalismos, todo esse espectáculo que nos deprime e que tão fraca nota dá de uma administração. Não vejo nada só a parte economica que é bem importante: encaro ainda o da disciplina e o da facilidade das contas em dia e em ordem: uma casa onde se não abe o que se gasta dia a dia e em que

gasta, abre falencia por muitos que sejam os baldes de exigencia dos empreitados; basta olhar para trás. Dizes eu que seguramos, tanto quanto possível, o regime de empreitadas e porquê, de facto, não o podemos seguir inteiramente devido aos encargos com o pessoal efectivo e ainda para evitar maiores perturbações do que aquelas que necessariamente vamos sentir e essemem sempre que se moralizam serviços ou se mortigram costumes. Estudou-se, no entanto, o problema de forma a serem o menos profundas possíveis aquelas perturbações e, assim, para as empreitadas p. abertas e para as que se vão abrir, o empreiteiro obriga-se a admitir 2/3, pelo menos, do pessoal assalariado dos serviços da Camara Municipal; além disso e por intermedio do Commissariado do Desemprego, proseguiremos com alguns egotos e pavimentações de ruas onde já ha material e ainda com reparações do pavimento onde o material é minimo. Devo acrescentar que as perturbações a que me estou referindo, poderão ser exploradas por um ou por outro e até julgadas um mal; eu direi a V. Ex.^{as} que, se assim fór, trata-se de um mal absolutamente necessario, um mal que tem por fim debelar um outro maior, acabando com a desordem administrativa e com a indisciplina: é um mal transitorio. O tempo, e não será longo, provar-nos-á que estamos dentro de boa doutrina.»

O sr. Presidente, depois de se referir à exposição feita pelo sr. Gaspar de Oliveira, acha oportuno, a este respeito, referir-se a varias criticas produzidas acerca da administração, e de que tem conhecimento.

«A critica pode, diz, talvez, dividir-se em duas categorias.—a critica ligeira e a critica pesada.

A ligeira é aquela que se faz nos centros de «cavaco», em que se aprecia tudo e todos, com a maior liberdade de espirito, mas sem a menor consciencia.

A critica pesada é a praticada, muitas vezes apoiando-se na politica, para efeitos de propaganda e sempre com o objectivo derrotista, isto é, com o intuito da destruição.

(1) Alberto Sampaio Estudos.

(2) Abel de Andrade Ligeiros de Economia Política.

(3) Portugalia Monumenta Historica, Lapes et Consuetudines—Conf. J. Lucio de Azevedo «epoca de Portugal economico».

(4) The commercial relations of England and Portugal—Conf. id.

(5) J. A. de Oliveira Mascarenhas Portugal e Possesões.

(6) Moisés Bonasbat Amalal Mercados Comerciais.

(7) Gama Barros Historia da Administração publica em Portugal.

(8) Francisco Antonio Correia Historia Economica de Portugal.

(9) Fernão Lopes Cronica de El-Rei D. Fernando.

(10) Henrique Schaefer Historia de Portugal.

(11) J. Lucio de Azevedo Epoca de Portugal Economico

III -- Ciências

Físico-químicas

Estudo sobre o tabaco

Na Academia das Ciências de Lisboa o sr. dr. D. Antonio Forjaz tratou do estudo do tabaco. E porque seja novo o estudo e interesse a todos damos o resumo da sua interessante comunicação:

No recente livro de Bernheim e Guyot, sobre os raios ultra-violetes filtrados, não se faz referência ao tabaco. Por outro lado as reacções de Arnold (com ácido fosforico), Beckurts (com soluto de normal de permanganato), Frohde (com soluto de molibdato alcalino), Roussin (com soluto de iodo), Sanchez (com soluto clorídrico de vanilina) e tantas outras não permitem uma diferenciação fácil das diversas marcas comerciais.

A luz de Wood, que empregámos no estudo dos azules e que vemos preconizada com o mesmo fim no estrangeiro (of. Amgewandte Chemie, 46, 17, 29 de abril de 1933, art. de Lunde e Stiebel «Über fluoreszenz von Olivemololn, p. 243) e que utilizámos na caracterização dos produtos coloniais portugueses (XI Congresso de Chimie Industrielle) dá alguns subsídios interessantes para a identificação das principais marcas comerciais de tabacos.

As observações, feitas com a estagiária sr.ª D. Alzira Lopes dos Santos, foram executadas colocando o tabaco em infusão alcalina, observação directa, tratamento subsequente com éter, seguido de evaporação do soluto etéreo e estudo fluoroscópico do respectivo residuo.

As fluorescencias observadas foram referidas á escala de cores de Robert Ridgway, (*Color Standards and Nomenclature*), sendo óbvio que a caracterização

foto-electrica maiores diferenciações permite. Eis o registro dos principais resultados obtidos, com tabacos das marcas Duque, Tip-Top, Três vintes, Cuf, Odaliscas, Cubano, Giralda, Gaulês, Egipcios, Virginia, Paris, Melro, Definitivos, Abdulias, Khedivas e Spud, parecendo-nos que a sua divulgação poderá, desde já, prestar alguns serviços na repressão das fraudes e na defesa das marcas:

Tabacos nacionais	FLUORESCENCIA	
	Em infusão alcalina	Residuo etéreo
Duque	Deep Bluish Glaucon	Dull Opaline Green
Lumiere Blue	Lumiere Blue	Pale Amparo Blue
Tip Top	Pale Nile Blue	Chain Blue
Três Vintes	Pale Grayish Violet Blue	Microcline Blue
Cuf	Light Lumiere Green	Pale Blue Green
Odaliscas	Lumiere Blue	Light Sky Blue
Cubano	Bremen Blue	Light Sky Blue
Giralda	Nile Blue	Persian Blue
Gaulês	Variscite Green	Light Fluorite Blue
Egipcios	Nile Blue	Pale Nile Blue
Virginia	Nile Blue	Pale Kings Blue
Paris	Nile Blue	Pale Fluorite Green
Melro	Variscite Green	Light Fluorite Green
Definitivos	Turquoise Green	

Fluoroscopia dos tabacos

Tabacos estrangeiros	FLUORESCENCIA	
	Em infusão alcalina	Residuo etéreo
Abdulia	Beryl Green	Chalcedony Yellow
Khedivas	Bremen Blue	Pale Chalcedony Yellow
Spud	Turquoise Green	Dull Green Yellow

PROF. PEREIRA FORJAZ

Medicas

Fibromas naso-faringeos

novos processos de os operar

O dr. João Santana Leite descobriu ha muito um processo operatorio que é corrente na sua clinica oto-rino-laringologica, official e particular, mas de que nunca havia dado conta ao mundo scientifico. F-lo agora e com muito brilho. E' mais uma valiosa aquisição da ciencia portuguesa.

QUANDO em 1910, sob a presidencia do professor Cabeça tivemos occasião de nos referir na Sociedade de Ciências Medicas de Lisboa a um processo pessoal de operar fibromas naso-faringeos por nós julgado muito superior a todos os processos que se empregam, por termos apenas cinco casos operados e entendermos não ser numero suficiente para conclusões definitivas preferi guardar silencio e esperar a reunião de maior numero de casos que me permitisse conclusões seguras e absolutamente lucidatorias.

Vão passados 23 anos, o numero não aumentou consideravelmente, mas ainda assim conseguimos reunir doze casos entre doentes hospitalares e par-

ticulares o que nos determinou dar aos colegas a noticia duma técnica que quanto a nós nos parece um passo largo na chirurgia destes tumores.

O numero de portadores destes tumores parece ir rareando, tanto entre nós como lá fora.

O que mais interessa ao pratico saber é tudo que lhes diz respeito mas muito principalmente a sua inserção.

1.º—São tumores de puberdade masculina.

2.º—São tumores densos, de base muito adherents.

3.º—São tumores invasores que comprimem, distendem, gastam as paredes das cavidades em que se desenvolvem, mas não penetram nem nessas paredes, nem nos oryãos com que estão em contacto e com os quais não estabelecem adherencias.

4.º—São tumores locais que se não generalizam nem recidivam, não se ulceram, sendo portanto formações de evolução benigna.

5.º—São tumores que sangram frequentemente.

6.º—São tumores em que, parece, a idade impõe parcial e momentaneamente uma evolução regressiva.

Na naso-faringe podem aparecer outros tumores benignos ou malignos que nada têm que ver com os fibromas e cuja distincção não é difficil a quem está familiarizado na clinica, não esquecendo q

o mais fácil pode tornar-se difícil conforme a oportunidade da observação.

Nos tempos de Nelaton era classico o conhecimento de que estes fibromas se inseriam á apófise basililar do occipital e mesmo á coluna vertebral.

Hoje está assente e parece que com razão, que o fibroma naso-faringeo tem a sua inserção nasal, na porção latero-vomeriana do corpo do estenóide, no recessos estenóide-etmoidal, aos contornos das asas do vomer e na parte mais alta da asa pterigóidea interna.

Estes tumores enviam por vezes prolongamentos para as fossas nasais, fossa pterigo-massilar, região jugal ou arbitraria e fazem perfurações do cráneo.

Na sintomatologia figura principalmente a epistaxis, obstrução nasal, anosmia, coriza mucopurulenta, alterações do ouvido, etc.

Diversos processos têm sido empregados para operar estes tumores:

1.°—Pelas vias naturais.

2.°—Pela via artificial.

Pelas vias naturais intervem-se pela fossa nasal mal ou menos auxiliado pela via bucal.

Ha quem empregue a ansa fria, forte e resistente cortando e arrancando assim a inserção do tumor.

Ha quem empregue ruginas que têm a pretensão de ir desinserrir o tumor e liberta-lo da sua prisão pedicular.

Auxiliado por estas ou isoladamente, tambem ha quem se sirva somente das pinças de dentes de Escat ou de Loubet-Barbon, ou ainda das pinças cortantes naso-faringeas de Doyen ou de Loubet-Barbon.

Temos a respeito destes instrumentos, ruginas, pinças de dentes ou cortantes, a ideia de nao corresponderem hoje, nem corresponderem nunca ao fim a que se destinam, e com isto não queremos significar desmerecimento pelos seus autores, na sua quasi totalidade cirurgiões eminentes de notavel nomeada.

Temos a suposição de que o emprego destes instrumentos faz de uma intervenção simples, uma operação complicada e extremamente grave e perigosa, agravada ainda por não conseguir, num grande numero de casos, o seu objectivo, isto é, a extirpação completa do tumor.

Não falamos da electrodeise, por insufficiente, do radio reagentrapia, electro-coagulação, que são processos que ainda estão em experiencia.

Pela via artificial faz-se ou a rinotomia superior (prelatero-nasal) operação de Huguer-Moure, ou a rinotomia inferior operação de Rouge-Denker, prelatero-nasal baixa, incidindo a mucosa gengivo-labial e alargando a abertura piriforme procurando assim campo operatorio largo.

Alguns cirurgiões têm mesmo reunido as duas operações na intenção de maior campo operatorio como o faz Kahler (de Viena).

Quer se opere pelas vias naturais, quer pela via artificial a circulação não se modificou sensivelmente, pois que o tumor não mudou de sitio e, embora a via de acesso seja mais larga, a acção cirurgica vai passar-se como que se fosse no fundo de um po-

ço donde sobem ondas de sangue que dão ao acto operatorio um aspecto verdadeiramente dramático porque a onda do sangue domina, não poucas vezes, o cirurgião que é forçado, pela boa prudencia a tamponar forte e a adiar para outra sessão, que, não se sabe porquê, possa ter resultado diferente.

Lemos ha pouco num jornal de maior publicidade a noticia da extirpação dum fibroma naso-faringeo pela operação de Rouge-Denker; com laqueação das duas carotidas externas. A intervenção fez-se em dois tempos separados pelo intervalo de 4 dias; no primeiro tempo, laqueação previa das duas carotidas e preparação da via de acesso; no segundo tempo arrancamentot do tumor.

A laqueação destes vasos temporaria ou definitiva mostra bem o receio que o cirurgião tem das formidaveis hemorragias que é frequente darem-se e por isso mesmo ha quem faça a traqueotomia e tamponamento da faringe ou simplesmente empregue este tubo de Kunt com anestesia geral a distancia.

Porque se produzem estas hemorragias?

E' suposição nossa que ellas resultam das manobras operatorias da ruginação, arrancamento e mesmo ansa fria.

Para dar bem a medida, conservando-lhe todo o sabor e elegancia de estilo traduzi literalmente uma passagem de Sebileau quando tratou deste assunto no Congresso Francés de Oto-rino-Laringologia de 1923.

«Mundo de ruginas e forceps, o cirurgião em alguns movimentos, e no espaço de alguns segundos, empregando uma grande força fisica, e tendo por objectivo desinserrir uma parte do pediculo do tumor, manobra que nem sempre é facil nem seguida de bom resultado, mas que quando acerta facilita a extracção do neoplasma; depois quer tenha ou não empregado a rugina, mantendo solidamente com as duas mãos os dois ramos da pinça forceps, exerce o movimento de torção, não de tracção, até que o arrancamento se dê e segundo é mais ou menos feliz, realiza assim uma erradicação completa ou parcial.»

E comenta Sebileau:

Na verdade não ha all mais do que um esboço, e modesto, de ruginação.

Foi imaginada por Alphonse Guerin em 1865, e não teve longa vida havendo por isso quem diga que este metodo nascera morto. Em 1897 Doyen resuscitou-o, apregou com todo o vigor do seu braço e a fama do seu nome as maravilhas do processo, fazendo mesmo construir ruginas de curva engenhosa e de que elle se servia. Não lhe faltaram partidarios, que o seguiam e evitavam. Os insucessos porrem, foram muitos e não tardou a ficar isolado, como não podia deixar de ser, pois o processo mais não valia.

O arrancamento ou erradicação é considerado por alguns autores como excelente. Realiza-se exercendo o movimento de torção combinado com a tracção. Deve ser lento, progressivo, poderoso.

Se o forceps de qualquer dos autores citados foi applicado no seu sitio, o tumor é erradicado na

Um predicador nazi legado do seu partido, em uma pequena vila da Baviera:

— Que todos aqueles que tenham nas veias a minima gota de sangue judeu deixem imediatamente a Igreja.

... ..

(Ceske Slovo)



totalidade e a hemorragia que sae em borbotões pela boca e nariz para como por encanto. Mas esta presa ideal do tumor pelas possantes pinças está longe de ser a regra e o tumor não é arrancado mas sim dilacerado e então o sangue goifa, borbotaem ondas sem cessar, tornando a situação a cada instante mais grave. Se não ha a decisão rapida de adiar a terminação da operação e tamponar, facil é super o resultado.

Que especie de cirurgia é esta de ir pescar no fundo dum poço anfractuoso, donde saem ondas de sangue, a porção rebelde do tumor?

Desde sempre nos desagradaram estes processos de cirurgia ás cegas e o acaso veio favorecer-nos maneira de nunca o empregar.

Apareceu-nos uma vez na consulta uma doente, uma rapariga de 18 a 20 anos, afflittissima queixando-se de que estando a brincar com um gancho de cabelo, o tinha deixado escapar para dentro do nariz, com as pontas para fora. Era um desses ganchos grossos que as mulheres usavam no cabelo e nada se parece com os finissimos actuais que se confundem com os fios do proprio cabelo. Tinha já sido feitas varias tentativas infructíferas. Nada mostrava a

observação mas insistindo na rinoscopia posterior, pareceu-nos distinguir um ponto escuro numa das coanas, que o toque naso-faringeo veio confirmar ser a extremidade da volta do gancho.

Com um tenaculo rombo encostado ao Indicador direito voltamos a tocar, tocamos a volta do gancho e sempre guiados pelo dedo, enfiamos o tenaculo no gancho que saiu com a maior facilidade quando retiramos o dedo.

Este caso-em si tão simples, fez-nos reflectir sobre a possibilidade, facilidade e segurança de operar na naso-faringe pelas vias naturais aproveitando a sensação nitida e perfeita que se obtem no contacto do dedo na naso-faringe com um instrumento introduzido na fossa nasal. Passava-se isto em 1901.

Daqui nasceu o processo. Pouco depois apparecia o primeiro fibroma.

Tivemos então occasião de ensalar essa concepção cirurgica do nosso espirito que foi coroadada neste primeiro, como em todos os outros casos do maior e mais completo exito sob todos os pontos de vista.

DR. SANTANA LEITE

Farmacia A sua separação da Medicina

Na antiguidade, a arte de curar andava intimamente ligada á religião, supondo-se que as enfermidades eram manifestações da colera divina. Poucos medicamentos eram usados, e os doentes, abandonados ás vontades sobrenaturais, permaneciam dependentes dos caprichos dos deuses, na crença de que nada havia no mundo que as salvasse se não se arrendessem das faltas que tinham cometido, arrependimento que traduziam em sacrificios de toda a ordem. Desconhecendo-se os processos racionais de atacar as molestias, quando não era aos deuses que attribuam tais custilhas, era aos espiritos maus que assacavam as desgraças. Quantos sofrimentos foram attribuidos á velha *Nirriti*, a celebre divindade feminina, personificação da perdição!?

Com o andar dos anos, muitos sacerdotes foram descobrindo certas propriedades beneficas de determinadas drogas, o que lhes valeu o conseguirem uma notavel influencia sobre os seus contemporaneos. O *Soma*, planta com a qual se preparava a *bebida sagrada* e que, segundo Hesler, devia ser o *Sarcostemma viminalis*, deu poderio e força á liturgia indica, o mesmo acontecendo á *Tulasi*, que os historiadores affirmam ser o *Ocimum santissimum*.

Se observarmos os persas, verificamos que, da mesma forma que os indios, attribuam a causas sobrenaturais as enfermidades humanas, deixando que as mais insignificantes feridas provocassem a morte. Como em outros povos, reinava ali a superstição, como o confirma o proprio Plinio na sua *Historia Natural*. Contudo, não ha duvida que empregavam já com certo exito o *Aloes* e o *Benjoim*, que em nosos dias têm ainda largo consumo em toda a parte do mundo.

E o que dizemos da Persia e da India, podemos repetilo a respeito da China, da Fenicia e da Babilonia.

Unidas a Filosofia e a Medicina, confundidas, mesmo, durante toda essa epoca fabulosa e heroica, só mais tarde, com Hippocrates, elas tomaram uma feição particularmente distinta. Entretanto, os medicamentos, eram preparados pelos proprios medicos, ministrando-os, em seguida, aos doentes.

A epoca da separação da Farmacia da Medicina, não pode estabelecer-se ao certo, apesar de alguns historiadores lhe fixarem o seculo III antes de Cristo, provocada pelo enorme desenvolvimento da Escola da Alexandria, tão celebre nesse tempo, que bastava a um medico ter estudado nela, os simplesmente ter permanecido na Alexandria durante al-

gum tempo, para ter fama de sábio. Sprengel admite essa hypothese, naturalmente apoiada numa passagem de Celso, autor romano, inserta no *Tratado da Medicina*. Celso de pois de citar Herófilo e Erasistrato, diz: «a Medicina foi nesta epoca dividida em duas partes: uma que empregava o *regime* nas curas; outra que utilizava os *medicamentos*; e uma terceira que recorria ás operações». Segundo Andreu, os gregos chamavam: á primeira, *diética*; á segunda, *farmaceutica* e á terceira, *cirurgia*. Todavia, enquanto Daniel Le Clerc, Sprengel, Choulant, admitem uma separação material da Medicina em três ramos, que serviam de occupação a três ordens de medicos ou três especies de pessoas, outros, como Schulze e Weber, creem que se trata de um desdobramento da Medicina em todos os seus ramos.

Por outro lado, Jacobson, demonstra que Celso quiz falar do ensino e não da pratica, e Rosebaum interpreta a passagem de Celso como se este quizera indicar com os nomes de *diética* e *farmaceutica*, não duas partes da Medicina, mas, sim, dois sistemas medicos como consequencia das doutrinas de Herófilo e Erasistrato.

Pela falta de clareza e pela dificuldade de interpretar a passagem de Celso, é por muitos autores posta de parte a opinião de Sprengel, no que diz respeito á separação da Farmacia da Medicina nos tempos alexandrinos.

Andreu refere que o *Intaryon* era a officina do medico e do *farmaceutico*. A palavra *apoteke*, derivada do verbo *apotitenei* (guardar) não tinha o significado que actualmente tem hoje a botica, que indubitavelmente deriva daquela; designava, segundo o mesmo autor, o lugar onde se guardavam varios objectos para venda. E' assaz curiosa a contestação da teoria de Sprengel, baseada no erro de tomar como sinonimas as palavras *pharmaceutica* e *pharmacopolia*. A *pharmacopolia*, como a *rhizotomia* eram então profissões em geral exercidas por charlatões. Nem uma nem outra podem ser comparadas á Farmacia actual. Os medicos nunca formulavam uma prescrição para que fosse aviada pelo *pharmacopolia* ou pelo *rhizotomo*. É possível que estes alguns medicamentos vendessem aos doentes por incuria dos medicos, á maneira dos droguitas e ervanarios de hoje, que, contra a lei exercem ilegalmente a profissão farmaceutica. A sua missão era, porém, vender plantas medicinales a medicos, a farmaceuticos e não ao publico.

Não deve, em vista do exposto, fixar-se a data da

IV -- História e Geografia

Historia e ciencias auxiliares — Geografia — Portugal — Colonias — Brasil

OS DESCOBRIMENTOS DOS PORTUGUESES

"A proposito do dia dos Cortes Reais,

Na investigação das famosas viagens dos Corte-Reais, mais uma vez se esbarra na falta de documentação, consequência do segredo em que se pretendeu envolver as derrotas para as terras novamente descobertas.

Neste caso dos Corte-Reais a reserva publicava, porque as suas navegações foram feitas, na maior parte, no hemisfério que o Tratado de Tordesillas reservava á Espanha.

Os cronistas, como Damião de Góis e António Galvã, foram vítimas daquella natural sigilla, e limitam-se a contar que, em 1500, Gaspar Corte Real, «de sua fazenda» armou navios e descobriu, «em cinquenta graus de alturas, uma terra muito fresca e de grandes arvores», a que pôs o nome de Terra Verde. E, no «Esmeraldo», Duarte Pacheco apenas faz uma referencia vaga á parte occidental do mar Oceano, onde D. Manuel teria, em 1498, mandado descobrir, ao «Occidente» da Europa, Asia e Africa, uma «terra firme com muitas e grandes ilhas adjacentes a ella», a qual se estende desde «setenta graus» de latitude norte, até muito ao sul, além da actual baía do Rio de Janeiro.

Além disso, em cartas escritas em Lisboa, em outubro de 1501, os Italianos Pasquaglio e Cantino referem, por o ouvir contar, uma navegação confusa entre Oeste e Noroeste dos Açores, enlaçando as duas viagens de Gaspar Corte Real — a de 1500 e a de 1501 — da ultima das quaes, ele mandou a Lisboa dois navios, trazendo um «cinquenta indios». Contam que, em uma viagem anterior, fora descoberta uma terra defendida por bancos de gelo, tendo na ultima viagem abordado a outra terra, continuação daquella, onde havia frutas e muitas arvores, o que lhes deu a impressão de ser o continente, em ligação com as terras descobertas por Colombo e com o Brasil.

Como é sabido, Gaspar Corte Real nunca mais voltou; e seu irmão Miguel, que o foi procurar — não de certo ao mar largo, mas a uma terra que já muito bem se sabia onde ficava — também lá desapareceu.

Um outro documento, mais obscuro, nos dá informações sobre as viagens de Corte Real: é um grande planisferio de 2 metros de comprimento, ainda existente, o qual foi desenhado em Lisboa em 1502, e enviado por Cantino ao Duque de Ferrara. Outros mapas, todos mais ou menos de origem portuguesa, atestam que naquella época já em Lisboa se sabia da existência da parte continental da America do Norte, ao norte das Antilhas, descobertas por Colombo antes de 1506.

De facto naquella planisferio, ou «carta de navegar», identificam-se pela primeira vez algumas terras, que são: a Península da Florida, a continuação da costa para o Norte, a ilha da Terra Nova e a Groenlandia. Estas duas ultimas terras têm legendas que as declaram descobertas portuguezas, e nelas está desenhada a bandeira das quinas; nas outras duas não ha esta bandeira portugueza, mas tão pouco as ha espanholas. A nova nomenclatura da costa é em grande parte portugueza; a ponta sul da Florida é chamada Cabo do fim do abril, nome que conservou até que a Florida foi, em 1512, pela primeira vez visitada pelos espanhoes. Não havendo conhecimento de outras viagens anteriores até lá, não iremos longe da probabilidade attribuída a descoberta das quatro novas terras áquelles mesmos navegadores que se mostram capazes de, sem navios do Rei, irem descobrir terras tão longinquas: os Corte-Reais.

Enfim, na carta de doaçam, pela qual D. Manuel, em 1500, concede a Gaspar Corte Real jurisdicção sobre as «ilhas ou terra firmes», que elle venha a descobrir, reconhece-se que elle já anteriormente navegara

para «descobrir e achar» algumas terras, trabalho em que quer continuar.

Daqui se infere que, já antes de 1500, houve outra, de cujos resultados se tomou incentivo para prosseguir. Da combinação desta carta do Rei com o mapa de Cantino infere-se que essas terras visitadas tinham sido abandonadas, por pertencerem ao hemisfério espanhol.

Eis os documentos de que dispomos para poder deduzir quais teriam sido as viagens de Gaspar Corte Real.

Nessa orientação teremos de adoptar o criterio já seguido por outros investigadores, criterio que, por exemplo, permittiu conjecturar a tão falada viagem de Vasco da Gama com mais verosimilhança do que a da versão dos que publicaram o seu «Roteiro», ou mesmo daqueles que desenharam a sua derrota em uma das paredes da Sociedade de Geografia de Washington, onde, de resto, os Corte-Reais, prováveis descobridores daquela terra, apenas mereceram uma referencia no Canadá, como se elles tivessem ido a essa parte da America do Norte, saltando por cima do mar, de avião!

O processo acima referido, de que me servi, foi o de me imaginar, como official do mar, a bordo dos pequenos navios de vela do tempo dos descobrimentos, sem dispôr dos recursos modernos, como sextante, cronometros, cartas de ventos, frigorífico, etc., mas limitado aos escasos elementos da época, e só contando com aquilo que uma prolongada experiencia de alto mar tinha ensinado aos navegadores portuguezes do seculo XV.

As conclusões technicas a que assim se chega não podem repugnar aos leigos da Arte Nautica.

Pouco antes de 1500, possuído do mesmo desejo que — sem conhecermos os resultados praticos — muitos outros navegadores já antes tinham manifestado qual era o de desvendarem o mysterio das terras orientales, chamadas as *Sete Cidades*, donde as correntes e os ventos traziam detritos vegetaes aos Açores, um açoreano, Gaspar Corte Real, empreendeu, á sua custa, uma viagem ao Occidente.

Ignorando-se ainda então o regime de ventos a Oeste dos Açores, mas sabendo-se que de lá sopravam temporais frequentes, mais uma vez os navegadores portuguezes adoptaram o seu criterio — que tão bem os tinha servido e até aproveitara a Colombo — qual era o de estudar os caminhos dos seus navios de vela, antes de buscarem as terras. Assim, Gaspar Corte Real, para se libertar dos ventos de Oeste, dominantes no mar dos Açores, que lhe tornariam incerta a sua derrota para Oeste — e que hoje afrontam os proprios aviões — desceu, naturalmente, á latitude das Canárias, onde se começa a encontrar ventos entre Norte e Leste, que permittem rapidamente fazer caminho para o poente.

A sua partida teria sido no fim do inverno, para poder dispôr da primavera e do verão, a melhor época para as navegações do mar desconhecido, a Oeste. Assim foi avistar terra ao Norte daquellas que, no fim do seculo XV, exploravam Colombo, Pinson e outros navegadores espanhoes — a costa norte do Novo Continente em 1498, mas ainda não crismado do nome sonoro de America.

A primeira terra avistada por Corte Real teria sido a península da Florida, que elle, julgando-a ilha, foi contornar por Oeste; e assim lhe ficou a nomenclatura das duzentas léguas de costa, desenhadas no mapa portuguez de Cantino, pelo Golfo do Mexico dentro. Mas a costa tornava-se, por assim dizer, cada vez mais espanhola; de modo que Gaspar Corte Real

desistiu e, voltando atrás, contornou a ponta sul da mesma Flórida, a que dera o nome de *Cabo do fim de abril*. Algumas leguas ao Norte, a costa começava a tomar a direcção de Nordeste, e Corte Real foi-a seguindo, na esperança de a ver entrar pela zona que o Tratado de Tordesillas deixou a Portugal. Assim teria navegado até ao actual *Cabo Breton*—que se chamou *costa do mar bravo*—ou talvez mais ao Ocidente, até à ponta Sueste da Terra Nova, na qual ele já se poderia julgar nas proximidades da raya.

A' volta, no verão, tivera Corte Real ocasião de reconhecer a parte do Atlântico Occidental, na qual, apesar de predominarem os ventos de Oeste, teria notado, como se sabe, outros ventos variáveis e sudoestes, que lhe haviam de permitir, no verão também, a viagem directa para aquella terra que ficava a Noroeste dos Açores, da qual, desta ou de outra viagem, segundo a legenda do mapa de Cantino, ele foi o descobridor.

Vejo então a Lisboa, relatar o que se passara: o Rei, longe de o censurar, mas respeitando—como aliás o Rei de Espanha respeitava também— a babilisa de Tordesillas, teria dado a Gaspar Corte Real a *carta de doçam*, sem contudo lhe fornecer navios, visto que então o domínio a preocupação do caminho da Índia, e esse, ainda que pelo Ocidente apparecesse mar livre até lá, era já sabido dever ser o do Cabo da Boa Esperança, e não o de Oeste, que Colombo ainda então tenazmente procurava.

Ficou assim desvendado o misterio das *Sete-Cidades*, essa terra donde aos Açores chegavam vestígios flutuantes. Ela estava, sim, a Oeste, mas embora descoberta por portugueses, era terra espanhola. Só nos restava a ponta da Terra Nova, e para lá insistia Corte Real em navegar.

Da segunda viagem, já senhor do regime dos ventos ao largo dos Açores, Gaspar Corte Real, em 1500, partiu em malo, como fazem hoje os lugres da pesca do bacalhau. Uma insistência de ventos do Sudoeste, vulgares ao largo dos Açores no verão, tê-lo-ia feito descair muito para Norte: assim foram descobertos os gelos e a terra da Groenlandia, de acordo com a legenda do mapa de Cantino e as cartas que este e Pasqualigo remeteram para Italia, em 1501. Como a Groenlandia ficava a Leste do meridiano de Tordesillas, era de facto portuguesa. Por esta razão se teria Gaspar Corte Real demorado a contorna-la, talvez impedido pelos gelos de desembarcar, aproveitando estes apenas a agua doce, que o sol do verão derretia. Corridas 300 leguas de uma costa árida e desolada —as desenhadas no mapa de Cantino— e vendo que a terra se afastava para o Noroeste, tornando-se inhabitavel e talvez espanhola, Corte Real teria abandonado a sua exploração. Levando nas velas os ventos variáveis, ali dominantes, depois de navegar ao sudoeste as poucas dezenas de leguas do Estreito de Davis, ou canal, teria ido de novo avistar terra, aquella que depois recebeu o nome de *Labrador*. Acompanhava-a para sueste, aproximando-se da raya, da qual a sua *estima* o não devia marcar muito longe.

Esta navegação teria levado Corte Real à ponta mais occidental da actual America do Norte a *Terra Nova* (da qual não ha razão para duvidarmos ter sido elle o descobridor) encontrando lá a gente, os rios, a abundancia de peixe e os mastos, a que se referem os documentos antigos. Hoje sabemos que aquella ponta fica a pouco mais de 50 leguas do meridiano de Tordesillas; mas no principio do seculo XVI, era acceitavel tão pequeno erro em longitude, e Gaspar Corte Real podia acreditar ter descoberto terra go hemisferio português.

Assim, a sua viagem de 1501, como a de seu irmão Miguel Corte Real em 1501—já com *carta* de D. Manuel— e a de 1503, em que os foram procurar, todas estas viagens tiveram já um objectivo conhecido, a Nova Terra, que então recebeu o nome de *Terra nos Corte-Reais*.

Porque, é sabido que nenhum dos dois irmãos voltou a Portugal. Possivelmente por naufragio, ou por ter tentado o reconhecimento da costa da actual Nova Escocia, parece que Miguel se veio estabelecer em

clima mais temperado, cerca de trinta léguas ao Nordeste da actual capital dos Estados Unidos, *New York*, onde a sua presença como chefe de um reino, talvez vassallo de Portugal, teria ficado registada na inscrição da *pedra de Dighton*, que só, ha poucos annos, um americano, o professor Delabarre, conseguiu decifrar, partindo da data gravada na mesma pedra—1511— que exclui os navegadores espanhóis, os quais só em 1512 visitaram aquella costa.

Mas, por motivos diplomaticos, ou outros, a acção portugueza não se podia fazer sentir para Oeste da *Terra dos Corte Reais*, tanto na *Terra do Labrador*, Canada, como na Nova Escocia, terras essas que foram com toda a probabilidade visitadas por Gaspar Corte Real.

Eis como, applicando uma critica nautica aos estudos e documentos, publicados pelo portuguez Ernesto do Canto e pelo norte-americano H. Harrisse, se podem reconstituir as viagens de Gaspar Corte Real, deduzindo, embora indirectamente, que elle foi, cerca de 1500, o descobridor, não só da Terra Nova, como também da Flórida, da Nova Escocia e da Groenlandia. Nas suas navegações não se aproveitou elle da experiencia de outros navegadores norte-atlânticos anteriores—se os houve, escandinavos ou venezianos—porque dessas problematicas viagens não ficaram mapas, nem outras informações nauticas, que permitissem voltar ás terras visitadas. Ao contrario, das viagens dos Cortes Reais á America do Norte ficaram mapas geograficos, como o de Cantino e varios outros, cuja hidrografia traduz viagens reais dos portuguezes ao Oeste; e ficou, entre os pilotos, o conhecimento dos ventos do Atlântico Occidental que garantiram uma continuidade de relações maritimas. Por isso, durante um seculo, o Rei d'Áquem e d'Além Mar em Africa não foi só senhor do Brasil, de Angola, da Guiné foi-o também da *Terra Nova*.

Não correm estes tempos favoráveis a monumentos individuais, de importancia correspondente a grandeza das figuras das nossas navegações. Zarco, Eanes, D. Cam, Bartolomeu Dias, Gama, Cabral, Corte Real. Estamos mesmo longe de nos preocupar com aquelle monumento utilitario que lhes poderiamos erigir, como seria o *Museu dos Descobridores*. Mas, enquanto esse momento lucido não chega, nós, admiradores das obras dos nossos antepassados, e revoltados com as injustiças que por vezes lhes fazem —tal a modestia com que, no mapa mural da Sociedade de Geografia de Washington (embora desqualificado por ter inscrita uma viagem de Vespuccio) está escrita apenas a palavra *Corte-Real*, nome do unico navegador que pode disporar a fama de ser o descobridor da grande terra, hoje designada apenas pelas simples initials U. S. A.— nós, portuguezes, ao menos, contantar-nos-lantos em poder contemplar em Lisboa, todos os dias, alguma lembrança da nossa grandeza geografica de outros tempos... de quando, nos quatro quadrantes do Atlantico, os mapas antigos ostentavam o desenho das *quinas de Portugal*: na Guiné, que embora pequena, é ainda portugueza; no Brasil, onde se conserva a nomenclatura geografica em portuguez; em Angola, cujo grande rio Zaire foi primeiro navegado pelo portuguez Diogo Cam, te ás quedas do *Yelala*, onde ainda hoje se lê a inscrição que lá deixou; e, enfim, na America do Norte, onde os irmãos Corte-Reais foram morrer, depois de ensinarem as rotas para lá se ir, deixando perduravel testemunho na *pedra de Dighton*.

Essa lembrança do Passado, a documentar suggestivamente a capacidade da gente da nossa terra, poderia estar simbolizada no local mais frequentado de Lisboa, como seriam os dois talhões da avenida da Liberdade dedicados aos descobridores maritimos. Ali, em uma posição semelhante áquella que occupam nos quatro quadrantes do Atlantico, seriam collocadas quatro reproduções, em pedra, de antigas inscrições referentes ás navegações portuguezas. A' semelhança do que aconteceu na Exposição Colonial de Paris, com os fac-similes das pedras de *Yelala* e de *Dighton*, aqueles monumentos estranhos, despertando

a atenção dos passantes nacionais e estrangeiros, recordariam que os trabalhos ultramarinos dos portugueses não são *ad omnia fenda*, embora por vezes a nós próprios portugueses eles nos pareçam fantásticos.

Se das nossas viagens de Descobrimiento da America, desde a sua preparação para Colombo, fala pouco a Historia, esse silencio é devido a que os maiores descobridores portugueses, como Bartolomeu Dias, Corte-Real, Solis, Magalhães, não sobreviveram nas navegações grandes que fizeram para no-las vir contar em cartas ou diários. Mas, se as estudarmos com olhos de técnicos do mar, ressaltará a convicção

de que foi da obra formidável das navegações que resultou a importância mundial de Portugal, um país que, apesar de tão pequeno, encheu o vasto mar com as suas navegações. Aquele obra devemos, pois, o poder ser hoje dirigidos por homens da nossa raça, que falam uma lingua ainda muito conhecida na America, a mesma em que o nosso romance *marítimo* está immortalizado nos «Lusiadas», livro que não é uma novela de ficção como tantos outros poemas, mas um espelho da realidade historica, escrito na lingua portuguesa.

GAGO COUTINHO

QUINZE ANOS DEPOIS DO GRANDE CONFLITO MUNDIAL

As revelações do general von Letow ácerca da guerra de Africa

Está agora a merecer bastante leitura, em Portugal, a tradução francesa do livro da Coleção de Memórias da Grande Guerra «A guerra nos Matos do Este Africano» (1914-1918) da autoria do general Letow-Vorbeck. Esta obra já é conhecida, e as declarações de Letow não são novas para nós, tendo até sido já objecto de réplicas que em muitos passos se impõem.

Mas vamos ao encontro do interesse publico, e ponhamos em extracto alguns commentarios sótos, ou simples narrativas desse livro, e que dizem respeito aos portugueses—vítimas varias vezes de injustiça ou de pouca attenção por parte do general Letow,

Os portugueses não juram...

O inimigo é para Letow o português ou o inglês indifferentemente.

Logo no começo antes de Ngomane, numa fuzilaria, Letow descobriu que as tropas inimigas proximas eram portuguesas «pela ausencia de canhões de trincheiras», e que se distinguia bem a detonação forte da arma portuguesa, de um calibre superior a 6 mm.

Em Ngomane tomaram material sanitario português, «excelente, devido ao conhecimento secular que os portugueses têm das necessidades colonias». As tropas alemãs foram providas de armas modernas «portuguesas, desta vez».

Classifica de extraordinario que os portugueses, em obediencia ás ordens dos seus aliados ingleses, de impedir a todo o transe a passagem do Rovuma, tivessem chegado a tempo. Deprehende-se que foi a pressa de chegar a combat que, aos portugueses e ingleses, em menor numero, ocasionou a derrota. «Era impossível aos portugueses executar a ordem Inglesa «de os não deixarem passar».

Diz que os pretos locais portugueses já tinham fugido antes, com medo d' crueldade portuguesa—o que não é verdade. Sabe-se que foi exactamente o contrario.

A 2 de dezembro as guardas avançadas alemãs entraram de surpresa no posto português de Nangwala, e os poucos dos nossos que alli estavam renderam-se.

Entretanto—diz—o destacamento do chefe alemão Whale, que avançava por outra região, a do rio Chituli,

batera um destacamento de muita companhia portuguesa, em posição fortificada.

Os combatentes portugueses brancos, feitos prisioneiros até ali, recusaram-se a abofeitar, e dignamente a retomar a liberdade a troco do juramento «de que não subteriam mais contra os alemães».

Os chefes alemães, admirados, deixaram-nos ir embora, mas para lá do Rovuma, onde não lhes fizessera guerra.

Rendidos pela sede

Letow diz depois que o seu capitão Stermerman attiou o forte de Chao, que se defendeu energeticamente. Assaltos não deram resultado. Os portugueses faziam daquelle Inglerio sitio um ponto de honra. Ao cabo de muitos dias os alemães cortaram-lhes a agua. Só então os sitiados de Chao capitularam.

As tropas de Goering sofreram varias reverses, e este destacamento esteve em posição critica. Um radio recebido por Letow (donde) dizendo ter reconhecido em França a grande offensiva alemã (março de 1918—deu-lhes coragem).

Depois relata Letow:

«As patrulhas do nosso destacamento Koehl deixaram a região Medo-Namoni, atreveram-se mais para o litoral (Porto Amelia estava proximo) e tomaram de assalto muitos postos portugueses, muitos canhões, muitas espingardas, e aprovisionamentos». Eram raras, sem aproveitamento.

Eram «raras» em utilidade de occupação.

«Os indigenas mostravam-se escholhedores, vendo em nós os libertadores do jugo português. Não é «to» verdade: vendo chegar um novo «senhor» os indigenas aproveitavam a situação para se encherem de virtuario e de bugalganga.

Deve dizer-se, para elucidação do leitor, que portugueses e ingleses combatiam muitas vezes juntos, e que o plano era quasi sempre inglês. O general Deventer, chefe britânico, occupou o Leste Africano, preocupava-se menos na ausencia de Smuta, em dar guerra de guerrilhas a Letow e aos seus cabos.

Alude Letow a escaramuças varias, em que os levavam a melhor, ora não, tirando toda a importancia. As

acções em que era obrigado a ceder. Eri todo o caso confessou successivas mortes de officiaes graduados.

Conta que tendo os ingleses sido enviados em Kanene (tropas de 1.4 King's African Rifles) estas desataram a beber tudo quando tinham nas garrafetas, e focam aprisionados «muito alegres, quasi indifferentemente. Releia combates em que ingleses foram vencidos, e, num... não mais riça, em que a resistencia inglesa foi mais tenaz e vii com surpresa que entre os mortos havia... muitos portugueses.

A colonização portuguesa

Em 23 de maio de 1918 as tropas alemãs avançaram para o sul, e entram na região do Lurio.

Malemia foi tomada por Müller. O meio batalhão inglês retirou de noite, e foi substituído por tropas portuguesas, de patrulhas. Mais mortos portugueses no campo de combate, com surpresa do capitão Müller, que não dera pela saída dos ingleses.

«Era tão rica e abastecida de tudo esta região, como outras, que Letow e os seus homens, arreliavam-se por não poderem consumir tudo, pois não queriam deixar nada ás tropas que porventura os perseguissem. Estragavam, mas mesmo assim ficavam já muito: gado, cereais, vinhos, etc.»

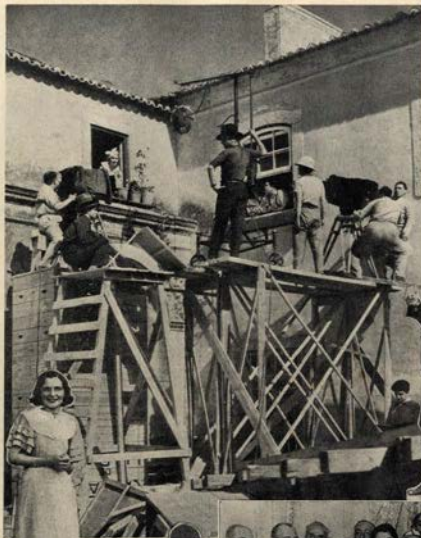
A 16 de julho os alemães entraram no Alto-Molone, importante localidade portuguesa. Os nossos lograram levar todas as munições.

Grupos portugueses isolados continuaram a dar combates, mas—diz Letow—como eram «tiranos» para os pretos, estes denunciavam a sua presença. Não era assim...

O cabo da guerra alemão continua a referir-se á colonização portuguesa, mas fazendo-o incidentalmente, sem dar conta de que traça o esboço do nosso genio colonizador. Tudo é rico, tudo é bom, tudo está bem montado e bem explorado. Namppego valeu-lhe algumas linhas de realiação.

Este artigo que o «Diário de Lisboa» publicou deu lugar a dois artigos de refutação, um do coronel Augusto Tavares e outro do capitão Bastos dos Reis. São depoimentos interessantes d' uma epocha historica ainda não historiciada entre nós.

== O Mês Artístico ==



O cinema por dentro é por vezes tão interessante como aquele que a gente vê a perpassar no pano iluminado. E se não vejamos os leitores o que, para uma simples conversa entre Vasco Sant'Ana e Ana Maria no novo *film* a canção de LISBOA,

conversa breve e simples, foi necessário construir a valer. O cinema! Muita gente julga que é chegar, apontar a maquina e prompto!... Todavia quanto de drama às vezes se mistura na comedia e quanto de drama a comedia não encerra. O Cinema! ou ele não fosse filho do teatro, o seu filho dilecto e amado!



Os tres alunos da Escola da Arte de Representar, Gloria Meireles, José Carracho e José Manuel de Carvalho que terminaram com distincção o seu curso.



Casamento de artistas: Jorge Grave-Maria Salomé, Beatriz Costari e toda a gente está alegre como os noivos.

O Mês Gráfico Nacional



O curso medico de 1918-1923 que ultimamente se reunia. Os seus componentes com os professores Dr. Sobral Cid, director da Faculdade, Dr. Celestino da Costa e a colega Dr.^a Maria Carolina Ramos.

O mês grafico nacional nem por isso, nesta estação em que tudo se derrete com calor; teve um relevo notavel. Faltaram-lhe os grandes acontecimentos, os acontecimentos que marcam, ficando apenas poesia, ressequido, notas á margem. Todavia como migalhas tambem são pão, tomemos esses e esperemos pelos outros. E eles virão, com a season. Até lá suêmos. Para os obter e porque o calor aperta...



Roque da Fonseca lendo a sua conferencia sobre a Expansão Economica de que reproduzimos um trecho interessante.



O Sr. Ministro da Guerra (s) acompanhando os ultimas exercicios militares em que tomaram parte 2.000 homens, para instrução dos officios do curso de informações da Escola Central de Caxias.



Em cima. Um combate quasi a serio nos campos de Allerraglio. Em baixo: O Almirante da esquadra italiana depondo um ranço de Boves no monumento aos mortos da guerra.



O rancho: Tropa previdente que luta e trabalha, precisa de comer. E se o inimigo o toma, lá se vai pelo menos o bom humor da tropa, que acha que aquilo como partida é forte.

O capitão Maia Loureiro inaugurando a nova sede do Sporting Club de Portugal.

Sport, Vida & Ciencia



Aspecto do enterro das victimas do incendio ocorrido na Alegria, Lisboa, do deposito de *films* cinematograficos de Castelo Branco Lopes, onde encontraram a morte em circunstancias tragicas alguns empregados.



O Sr. Vitor Guedes e a maquina de calibragem dos frutos proprios para Exportação, exposta no Palacio do Comercio. A exportação de frutos é, sob este ponto de vista tecnico, recente em Portugal, devendo constituir uma das grandes fontes da riqueza publica.



Um aspecto das construcções e de uma das torres da nova Emissora Nacional. As obras estão, como se vê, bastante adiantadas esperando-se para o fim do ano corrente a sua inauguração.



Aspecto dos corredores nas provas ciclistas promovidas pelo jornal *A Bola* e pelo *Campo de Ourique*.

V -- Letras

As letras e os letrados — Bibliotecas e Arquivos — Bibliografia — O Livro

HUMANISMO

Na Academia das Ciências de Lisboa, o nosso director occupou-se de um assunto que merece especial attenção da hora que passa — para que ella não perca o seu equilibrio.

Nas épocas de crise, como esta que vamos atravessando lentamente, pondo em cada passo uma duvida e uma certeza, o homem, como os passaros presos nas galoias, imagina livrar-se da sua tortura, suspirando, avançando para o mais tenue fio de luz que o visita, através das grades do seu carcere.

Vai-se de extremo a extremo — da creença á descreença, do espiritalismo ao materialismo, do idealismo ao realismo, do passado ao futuro, da aurora ao crepusculo — na illusão de que existe, na experiencia dos avós ou na ciencia dos profetas, um remédio para as nossas enfermidades.

Quando se dissolve uma civilização, reproduz-se fatalmente a mesma cena que se passou no Paraíso, depois da Queda: os nossos proto-parentes, ao verem-se nus e culpados, correram em todos os sentidos, á busca dum tronco ou duma gruta onde escapassem ao olhar de Deus. De nada lhes valeu a pálida inquietação: realizaram a sua vida, á custa de pavores e sofrimentos, sujeitando-se a uma série de provações que dolorosamente se fixaram em ensinamentos que cada geração retocava e acrescentava com novas aquisições e conquistas.

Quando, nos fins da idade média, a consciencia dos povos se turvou, ardoendo no desejo de alargar os seus limites — que é como quem diz: ser mais universal, mais justo e mais tolerante — o mundo greco-latino surgiu nas locuções dos sábios e dos artistas, como a India ou a America na ansiedade dos navegadores. Que se julgou descobrir?

O conhecimento total do homem e a arte de o conduzir e governar, segundo methodos experimentados nas duas peninsulas mediterraneas, onde o pensamento se fez lei e a lei o saboroso fruto da sabedoria. Os humanistas podiam, talvez, supór que os movia sómente o estudo das linguas máis, o sabor paciente da filologia e da archeologia, o amor das belas letras, o culto da philosophia e tambem a amavel ficção de que a vida se repete na paixão da beleza, como as aventuras na perspectiva do teatro.

A febre que os inflamava, o interesse que os impellia e a fraternidade que os aproximava, familiarizando-os no convívio da cidade europea — maior e mais nobre que a cidade de cada um — seria, quando muito, um acontecimento litterario, brilhante é certo, mas destinado a perecer, no ritmo contraditorio das idades.

Por que não foi assim?

O humanismo, que na sua essencia, traduzia a necessidade de renovação que nós sentimos agulhoadamente, quando a decrepitude se instala nos nossos habitos, era um caso de juventude, um instinto ardente de curiosidade, o romper violento da humanidade fatigada pela repetição dos mesmos textos e gestos.

A idade media soube extrair da barbarie a exaltação da cruz — a redenção pela graça divina na miseria do peccador. A oração ascendeu da terra ao ceu, qual perfume místico exalado das almas libertas do jugo das tentações, Mas Deus não condenou o homem á Imobildade: ofereceu-lhe a terra inteira para laboratorio e campo de observação. Não lhe disse:

— Sê com as pedras ou as cavernas abandonadas! Pelo contrario recomendou-lhe que progredisse no bem, escolhendo o melhor sitio para a sua casa, a melhor virtude para o seu coração, a melhor esperança para o seu porvir.

E porque a essas palavras se tenha dado especial relevo na integra as transcrevemos, crentes de que ellas serão lidas com o interesse que merecem.

A Renascença appareceu, no alvor das suas promessas, como a revelação destinada a interromper com um milagre — o milagre greco-latino — o derivar greco-latino — o derivar exangue das formas, o murmurar mecanico e senil das bocas votadas a privações inhumanas.

Não esqueçamos, pois, que, graças a ella e muitas vezes contra ella, creceu o reino do homem no dominio da natureza e a natureza se transfigurou na luz do espirito. Mas o que a tornou uma das revoluções mais fundas e duradouras, dando uma volta completa á nossa sensibilidade e á nos a razão, foi o arrojio de penetrar, com o facho do helenismo e do latinismo, na treva em que se occultavam as velhas fatalidades implacaveis.

Erasmo, que exerceu a realiza incontestada do humanismo, não cingia a sua acção ás calmas meditações livrescas em que no-lo mostra o celebre perfil que lhe traçou Holbein. Deliciava-se, incontestavelmente, com as paginas imortais de Sófocles, Platão — além de Luciano de Samósata, de quem elle se declarou discipulo — de Cicero, Cergilio e Tacito, mas cmungava na doutrina salvadora de: que o erro é favoravel ao triunfo dos tiranos, dos astutos e dos hypocritas. A beleza antiga enviava-lhe o seu sorriso peregrino e soberano, mas a iniquidade moderna merecia-lhe satiras e sarcasmos.

Visitou em companhia de John Collet a catedral de Canterbury dedicada a S. Tomaz Becket assassinado por ordem de Henrique II, o primeiro dos reis anglicanos. Servia-lhes de guia um risonho frade que attentosamente os acompanhou. Como ultima maravilha, levou-os ao tesouro dos paramentos sacerdotais — casulas, ornamentos, estolas cravejadas de pedraria, mitras e baculos, capas bordadas a ouro, etc. Collet não se pôde conter:

— Diga-me, bom padre, se o Santo Martir amou realmente os pobres e os humildes.

— Não ha hesitação possivel, a respeito da sua exemplar caridade.

— Se acaso a mulher de qualquer trabalhador, sem lar e sem pão, aqui viesse implorar auxilio, S. Tomaz offender-se-lia, se lhe dessem uma parcela de tamanha riqueza?

A pergunta não obteve resposta, mas Erasmo depois uma moeda no gazolifaceo e, virando-se para o seu amigo, disse-lhe:

— Devagar, devagar, companheiro! Porque desasossegos uma consciencia timorata? Não proponhas questões graves a criaturas timidias, mas desconfiadas.

Em politica, apesar da sua intimidade com reis e imperadores, manifestou-se republicano; em philosophia, abraçou o ceticismo, mas suavemente, sem forçar a nota; defendeu a pax contra a guerra, a liberdade contra a tirania; a verdade contra a superstição, a clemencia contra a violencia torva. Repugnava-lhe, sobretudo, a grosseria, a incultura, a intolerancia e a paixão sectaria que fulmina e mata.

Com o seu fino e arizado senso, percebeu que se avizinhava a revolução de que o humanismo seria simplesmente o elemento moderador e informador. Lutero chamou-o para si, mas elle recusou-se, collocando-se do lado da Igreja, principalmente quando notou que o protestantismo abdicava do fermento greco-latino, fugindo das elites para a plebe.

Erasmo publicou a *Diatriba sobre o livre arbitrio* que feria em pleno a doutrina litterana da predestina-

ção. Em resposta, Lutero atirou-lhe o seu *De sermo arbitrio*. A polémica formidável emocionou a Europa: dois homens que pareciam caminhar, sob o mesmo signo, definiram as suas posições — o humanista batista-se por Cristo e por Sócrates; o teólogo herético pugnavia pela fé, na sua expressão arrebatada e ines-tética.

Entre as feições inconfundíveis de Erasmo, está o seu sagrado terror do crime, mesmo em nome da razão do Estado. A vida humana, no seu entender, não é objecto de presa, porque, pelo corpo e pela alma, pertencemos à terra—propriedade de todos os mortais — e a Deus —suprema garantia de todos os direitos.

A carta em que, por intermédio de John Faber, se dirige a Henrique VIII, pedindo benevolência para o seu querido Tomaz More que não aceitara o «Acto de Supremacia» — o que o levou ao cadafalso — ainda hoje encerra um pungentíssimo grito de piedade e de justiça contra o desvario sangrento.

Derradeiro sorriso malicioso de Erasmo: o papa Paulo III, ao subir ao solio pontifício, mandou-lhe oferecer o chapéu de cárdial.

Teria respondido:

— Nem tanto nem tão pouco!

A monte rondava-o e ele queria recebê-la tranquilamente, na sua morada do «Lirio Branco», deixando escorrer os dedos sobre paginas venerandas, impresas nas oficinas de Aldo Manuzio, Froben ou Amerbach.

Vanitas vanitatum...

O humanista que percorrerá demoradamente a Holanda, sua pátria, a França, a Inglaterra, a Itália,

a Suíça e a Alemanha acreditava como ninguém que a antiguidade classica era o molde perfeito da civilização que se annunciava, no fragor das controversias e das lutas. Atenas e Roma renasciam de poeira imortal que as velava.

Numa coisa, porém, se enganava Erasmo: a Europa não podia resolver a crise que a despedaçava, pelo encanto academico das viagens eruditas e simbolicas ao Párthenon ou ao Capitólio.

Por imitação ou copia, fabricam-se mascaras, mas não se acalmam angustias. Uma coisa é a inspiração que nós podemos alcançar, invocando as Musas, e outra, bem diferente por sinal, a obra em que cada época marca os relampagos da sua inspiração, os vestigios da sua passagem.

Roma e Atenas designam attitudes, fornecem indicações indispensaveis na descoberta do homem, quem ouzará negá-lo?

O latim e o grego não perdem a sua feição propria — instrumentos de construção estetica e racionalista, disciplinas magistraes, na ordenação e hierarquia das nossas faculdades. Não lhe atribuíamos valores que lhes não cabem: o humanismo, para se enraizar e fecundar a gleba, necessita que o homem o converta em vontade de dominio, completando-o com o seu esforço e o seu genio inventivo. O mundo é o que nós formos — a vibração intensa dos nossos sonhos.

As grandes crises historicas só se deixam domar, quando nós as subjugamos com os nossos braços, na alta confiança de que o homem caminha no tempo e na eternidade.

JOAQUIM MANSO

FRESCURA DO BUNDO

Ao ex.^o sr. Vicente Ferreira

Dou-me ao infeliz despoite de esgaravatar com unha matutina os rebentos quotidianos do neo-bundo. É um louvar a Deus olhar para esta prole, vingada, crescida e multiplicada; nunca se viram aleijões tão prosperados. Há bastante tempo que tinha dado de mão à sua divuigação; não é tarefa grata a exposição desta galeria, e occupaões instantes me demandaram a atenção e a caneta. — sobretudo os assuntos do officio de epidemiologista que dou a lume em outras plagas, sem que me façam perder o amor à fala de berço. Deus me livre que as epidemias que verso, fossem da raça deste praguado que caiu sobre o dicionário, a sintaxe e o estilo da que foi outrora a vigorosa lingua portuguesa. Tenho o desgosto de declarar que, passado ano e meio sobre o rompimento desta empresa, a molestia, em vez de dar mostras de abater, está cada vez mais florente e maligna. Aos que soemam, lavram e colhem esta seara de escarachos, adubada a fezes

de tinteiro, daqui endereço parabens a eles, e pesames a mim como áquelles que ainda sonham na conservação do mais valioso império de Portugal! — o idioma que se falou e escreveu nos seus dominios.

Neste pescar nas aguas turvas da lagarada, há dias em que o lanço da rede vem a abarrotar. Ai val algo do que saiu na cambalhuda dum dia só. Ponho de lado o *ser* e o *tendo*, soltações numa escorrença fétida a que não sel como ha narizes que resistam. Conselme apontar o *cainho* e o *daninho* deste *ser—são—foi—sendo—tr ser—ter sido*, desta *gerundiada* de *tineta*, deste *tendo sido*, desta *tendorreia* inestancavel, a sujarem e a corroerem o genio da lingua — delicto o mais grave de *lesa-idioma*, *lesa-locução* e *lesa-sentido*. Tudo isso continua a ostentar-se com o maior desgarrar. Era de esperar: como havia de importar-se com tais clamores quem propositadamente não cura de saber que a pena tem deveres tecnicos a cumprir?

— Contam os arames a abertura solene da famosa

O MOMENTO POLITICO

A coleção das insignias nacional-sindicalistas, alemãs

- 1—Membros do partido.
2—Funcionarios do partido.
3—Membro das tropas de assalto.
4—Membro dos escalões de pro-fecção.
5—Membros femininos do partido.
6—Formações de novos



- 8—Federação das raparigas alemãs.
9—Vilmas da guerra nacional-sindicalista.
10—Estudantes nazis.
11—Membros das celulas operarias.
12—Formações motorizadas.
13—Avisadores nazis.
14—Capacetes de aço.
15—Novos de capacetes de aço.
16 17 e 18 simpatisantes.

conferencia mundial das 66; na sala, os milhares de delegados dos dois hemisférios «todos vestem a jaqueta negra da etiqueta inglesa. Está-a lá a ver: onde se lia *jaquette noire*, pôs-se, sem mais, «jaqueta negra» — erro grosseiro no substantivo e defeito no adjectivo. Além de «negros», o português tem «pretos», e os dois nem sempre se empregam indiferentemente; diz-se «roupa preta», «gravata preta», «vestir de preto», etc. Jaqueta é, entre nós, a vestia popular, usada do Minho ao Guadiana; não tem abas. É traje da gente do comum — e daí o dito pejorativo de «homem de jaqueta». Que preparo o do rei-imperador Jorge V, a tronear de jaqueta nos ombros?! «Jackets» (ing.), «jaquette» (franc.) quer dizer em vulgar corrente — «fraque» — termo de procedência estranha, mas de raiz desconhecida. Entre nós parece já usado no século 18. Os franceses ainda no tempo do Império chamavam fraque ao que hoje designam por «jaquette». Tudo isto é sabido e correto.

Quem sabe se os alfaiates das elegancias já trocaram também o antigo fraque pela jaqueta da aldeia, «Vestons», em vez de «jaquettes», já por aí ciruela. Também ouviríamos «redingotes», em vez de «sobrecasaca», levita ou labita», se a moda a não fosse abolido. Era da praxe em tempo para as pessoas grandes da capital; não havia ministro ou director geral que a despeasse das costas. Ainda em Paris a trazem as personalidades politicas e outras. Por sinal que concorreu em Londres com o fraque. Não me espantará que daqui amanhã também a casaca seja «habit» («habit») e dos encasacados se façam frades. Este mudar de nomes á indumentaria leva as lojas de modas a venderem *culottes* ás madamas. Temos «calças, calcinhas e calçotas», mas isso é para brancos; temos até «calções» — correspondente exacto das «culottes», em tempo privilegio do sexo macho, agora victoria do feminismo nas roupas de baixo.

— O rei enjaquetado «deu então *inicio* ao discurso». *Inicio* e *iniciar* tornaram-se palavras bombasticas de

estribilho — especie de monolalia obsessa e fixa, a tal ponto que deu cabo de «começo e principio, começar e principiar, dar começo e dar principio»; quanto ao excelente «encetar», desconhecido. Dou um doce a quem encontrar ainda «começo e principio» na letra de fôrma. É um caso cômico de preciosismo, porque o bundo tem inclinação para a garridice e despreza, como as «Preciosas Ridiculas», do Mollere, as locuções mais habituais e genuinas; desta sua propensão oratoria havemos de trazer bastos exemplos.

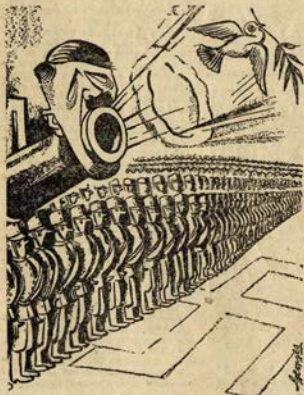
Toda a gente está a «iniciar» — o orador o discurso, o comensal o brinde, o academico a comunicação, o governante as providencias, o engenheiro a obra, o juiz a audiencia, o presidente a sessão, o desportista o futebol, o picador a tolrada, o festeiro o foguetorio, etc., etc. Ninguém começa e nada se principia. Estou a ver que o próprio sacerdote, ao ler no final da missa o Evangelho, em vez de — «In principio erat verbum» — emendará para «In initio erat verbum». E' ou não o bundo um cancro destruidor da lingua?

O verbo «iniciar» tem significados peculiares que pautam a propriedade do seu emprego. Iniciavam-se em tempos os neofitos nos mistérios das religiões e iniciam-se hoje nos ritos da maçonaria; inicia-se quem entra nos segredos do Estado ou de negociações reservadas; inicia-se quem bebe os primeiros conhecimentos, principios ou noções de ciencia ou de tecnica — uma iniciação. Iniciação na teologia, na mathematica, na filosofia, etc. Iniciar applica-se tambem áquela que primeiro descobriu, primeiro empenhou, propôs, executou qualquer coisa ou dela primeiro teve ideia e procurou propagá-la ou realizá-la; cabe-lhe a primazia da *iniciativa* que teve ou tomou.

Não vale a pena estar a exemplificar estas e outras accepções proximas. Pedirei tão somente caridade para os enjettados — começar, principiar, etc. — e outro jeito para o emprego de «iniciar» e de «inicio». Será muito pedir para nada obter? Nada faz mais calo do que o erro. E' de notar que nestes desrezamentos a culpa não vem propriamente do francez, que tem «iniciar» mas não «inicio», e não se serve de tal verbo senão a preceito. Aqui a macula pinga directamente da pena dos escreventes por seu bel-prazer. Recomecem a dizer «começar» como toda a gente.

— Outra mania, e essa tambem de invenção interna. Não ha hoje, entre tantos bordões, nenhum mais berante e arrufante do que *fracasso* e *fracassar* — buzinnados a toda a hora fora de propósito. Um fracassamento que dos pelos abala o orbe, do chão aos ceus; se os Titans bradassem com tanto fragor contra o Jupiter Tonante, não haveria ralo que os partisse. Não ha nada que não esteja fracassado ou para fracassar — pensamentos, palavras ou obras. Fracassa a famosa conferencia terraquea de Londres, mais agora que nunca terra de gaitas — fracassa o plano quinquelenal da founilha e do martelo — fracassam as especies metalicas do ozo e da prata, fracassa o papelorio do dinheiro dirigido, fracassam as materias primas e secundas — fracassa a cruz gamada na Austria e a cruz catolica na Alemanha — fracassa o Jedu, que os nazis põem abaixo de pão e laranja — fracassa a freguesia dos Alhos na sua freima de passar para o concelho do Alfoz — fracassa o Calcinhas ao tentar gatunar um armazem de bacalhau — fracassa a mosca na teima de furar a vidraça com a cabeça... Felizes os nossos avós que não tiveram o touthço martelado por tal zum-zum — piar agourento, pre-nuncia do fracasso geral do dia de juizo ou da vinda do Ante-Cristo, se este for capaz de arribar, sem fracassar, á terra do fracasso. Tambem nos chega o fracasso ao punho nesta arremetida contra tanta fracassice.

Mas porque seria, ouso preguntar, que o linotipo se fincou neste termo e não sabe cospôr outra coisa? «Malograr, gorar, frustrar, baldar, falhar, falir, abortar, quebrantar, ir-se abaixo, não ir ávante, não vingar, não ter exito», etc. — para onde atram esta fatura? Para o cesto dos papéis velhos, e ficaremos a ler e a ouvir perpetuamente com a tenacidade do en-



A carranca do Paz
(The Nation, New-York.)

tia de certos desarranjos alalicos—fracasso! fracasso! Até parece o cacarejar das pintadas.

Fracasso é vocabulo existente, mas sem a amplitude abusivamente dada; corresponde ao italiano «fracasso» de que os franceses fizeram «fracas». Tem por significado o barulho que uma coisa faz ao quebrar-se de repente; este quebrar subito com estrondo é o «fracassare» e o «fracasser». Palavras pois de sentido objectivo determinado. Por analogia as applicam tambem aos ruidos do mundo e ás explosões de cólera, assim como ao estrondo da nomeada e á voça estrepitosa—acepção por sinal oposta á dos nossos fracassistas. Em português autorizado, «fracasso» e «fracassar» são vocabulos de uso muitissimo raro, com serventia identica á dos seus parelhos das outras linguas, onde tambem se empregam discretamente. O fracasso duma derrocada, o estrondo dum queda. Vulgarmente, e sómente á gente do povo, ouvi chamar fracasso a qualquer desastre ou golpe pessoalmente sofrido—perda, desgraça, desacerto, doença. Eis ao que se reduz a palavra, agora a estoirar impropriamente e desabaladamente, em descargas ridiculas e aborrecidas.

—Passemos a casos forenses, se dão licença. Dizem os fios que os accusados de tentarem assassinar aquele rei ignoto da Albania foram julgados e «as condemnações lavradas por contumacia». Qual contumacia? —a dos juizes a condemnarem os réus por teima que não por justiça? Nada disso—talvez que o leitor desprezado não reparasse que está all o mascavo dum tradução literal do francés: «être condamné par contumace». Assim se diz em França quando o réu se recusa a comparecer em juizo ou foge á acção da justiça, dando ás de Vila Diogo para parte incerta—chamam-lhe então «contumax» e «prévenu défallant». O julgamento e a condemnação fazem-se «à revelia»—tal a designação consagrada nos nossos

tribunais. Contumax e contumacia—não têm circunção.

Na sentença publicada, que se diz proferida na causa das burias de Pombal, lê-se este trecho: «a condemnação dos réus nas *incriminações* que foram feitas... (que foram é superfluo). *Incriminação* não é sinónimo de accusação ou de culpa, exprime exactamente o inverso; antonimo, sim, tal como a cepa latina «incriminatio»—justificação, inocencia. Possulmos «incriminação, criminar, criminado, criminoso, criminal», bons e excellentes; antepór-lhes o prefixo *in* não passaria de inutilidade, a querer-se-lhe conservar esse sentido e torna-se um contra-senso, pois que lhes empresta sentido negativo. Deixem-se esses vocabulos para os franceses—entre nós não têm cabimento. Os nossos crevrentes tendem a largar «reus», certamente porque não existe no francés, e a substituí-lo por «inculpado». Outro contra-senso crasso. *Inculpado* quer dizer justamente o contrario—o não culpado nem criminado, o inocente. «Culpar, culpado, culposo, culpavel», esses sim, são vocabulos autenticos e correntes. Chegam e estão certos.

—A terminologia geografica trateliam-na dia a dia ferrantemente. Até-m-se á grafia francesa, e pronto. Fala-se do arremesso heroico do leonoclasta que pela segunda vez deita abaixo a balastrada da biblioteca de «Louvain»; emende-se, é Lovaina. Gaba-se a mestria dum orquestra de ciganos—e entornam-na em «tzigana». Aquelle d antes de j e de ch, e aquelle t antes de z e de ch, acrescentos peculiares aos franceses, passam tal e quem sem atenção nem criterio. Veja-se essa Manchuria, trasladada uniformemente por «Mandchuria». Por causa do feriado camoniano, houve referencia ao naufragio na costa de «Cambodja»: Cambôja é que é. E todos os dias sangra o português com tanta cutilada.

RICARDO JORGE |

Academia das Ciencias de Lisboa

Ultimo mês de trabalhos academicos, mês de ferias, todavia brilhante.

Na classe de ciencias realizaram-se as seguintes communicações:

Pelo sr. Ernest Fleury: «Sur le carbonifère du Nord, à propos de sa faune continentale et spécialement des insectes».

Pelo sr. dr. Mendes Correia sobre: «Nouveaux éléments pour la chronologie des cancheiros de Muge».

Pelo sr. dr. Bettehoourt Ferrollet: «Acerca do emprego dos corantes vitais dos protozoários».

Pelo sr. dr. Fernando Frade, apresentada pelo sr. dr. Pereira Forjaz sobre: «O Atlas e o Axis dos elefantes africanos».

Pelo sr. dr. Pereira Forjaz: a) «Análise espectroquímica da Agua de Luão»; b) «Subsídios para o estudo do tabaco»; c) «Mecânica química oscillatoria». Pelo sr. dr. Hugo Maubant: «Sobre a determinação da gordura em substancias alimenticias e forragens».

3.º Pelo sr. professor Herculanio de Carvalho (apresentada pelo secretario): a) «Metodo conductimetrico de dosagem do fluor»; b) «Sobre a acção protectora dos sais de quinina na precipitação do cloreto de prata». Pela sr.ª D. Branca Edmé Marques (apresentada pelo secretario): «Sobre a precipitação fraccionada do cloreto de bario radifero».

A classe de Letras viu com manifesto regozijo a estreia academica do sr. dr. Joaquim Manso que produziu

uma oração sobre Humanismo digna da tribuna academica.

O sr. dr. Alfredo da Cunha falou de Brito Aranha e Innocencio, do *Dicionario Bibliográfico*, fazendo um brilhante

e documentado estudo comprovativo dos dois academicos.

Eis a summa desse trabalho: Não tratarei tambem do memorialista, nem do biografo, nem do novelista, nem do pedagogico, pois desejo só falar do academico, e sob este aspecto, referir-me um pouco mais detidamente, á sua obra capital—a continuação do *Dicionario Bibliográfico*—verdadeiro titulo de admissoão de Brito Aranha nesta Academia, e como tal principalmente invocado por Lopes de Mendonça, Cristóvão Aires e Vicente de Almeida de Eça, na sessão desta classe, de 3 de novembro de 1914, em que se commemorou o passamento do insigne bibliografo.

Foram efectivamente os primeiros volumes dessa obra que lhe abriram as portas deste gremio. E abrimos-lhas sem favor, tendo Manuel Pinheiro Chagas redigido o respectivo parecer, que, por marcar o inicio das relações do recipiendario com o nosso instituto, julgo a proposito aqui reproduzir na integra:

«Senhores—Uma das obras que a Academia mais vivamente auxillou, recommendando-a aos poderes publicos, e dando a seu autor todas as provas de consideração, foi decerto o magnifico *Dicionario Bibliográfico* Por: *1915* emprehido pelo nosso acadenco Innocencio o sr. Innocencio Francisco da Silva.

«Ficou interrompida essa obra desde a morte de Innocencio, interrompida



—Se me derem uma esmo-
linha rezu por que tão am-
doz para o ceu quando mor-
terem.

—Reze por que vá eu, só
que ainda apanha alguma
coisa.

Do Primeiro de Janeiro

porque carecia de um largo suplemento que o autor só pôde levar até ao 2.º volume. Felizmente um discípulo daquelle notável bibliógrafo, homem intelligente, consciencioso e estudiosissimo, trabalhador sr. Pedro Wenceslau de Brito Aranha, tomou a si a obra interrompida, com tão boa vontade, que já publicou quatro volumes do Suplemento.

«A rapidez do trabalho não tem prejudicado a sua perfeição.

Atirado com largos estudos preliminares, possuidor dos innumeros apontamentos que Innocencio deixou, infatigavel nas suas pesquisas o sr. Brito Aranha não só conseguiu manter o *Dicionario* em altura, mas ainda fazer levantar-lhe o nivel.

A parte biographica dos novos artigos é muito mais desenvolvida a descripção dos livros é feita com mais cuidado nos artigos já descriptos por Innocencio fazem-se largas correções e ampliações, e tudo presangia que, ao contrario do que succede quasi sempre, Innocencio encontrou no sr. Brito Aranha um continuador que o honra, e não diremos que o vence, porque a Innocencio ha-de caber sempre a gloria da iniciativa e do lançamento dos alicerces de tão vasta e importante obra.

«Deseja o sr. Brito Aranha ser socio correspondente desta Academia e, em vista das razões expostas, não pode haver a minima duvida em aceitarlo com jubilo. Iria mesmo a Academia ao encontro dos seus desejos, se o sr. Brito Aranha dando a esta corporação uma prova de consideração que ella mereceu, não viesse bater á nossa porta a pedir a admissoão. Honra-se a Academia concedendo-lha e dando-lhe assim não tanto uma remuneração como um testemunho do seu reconhecimento pelo valioso serviço que elle veio prestar á litteratura portugueza, completando a obra pela qual tão sincero e patriótico empenho mostrou sempre a Academia.

«Sala das sessões, 8 de abril de 1886 — Manuel Pinheiro Chagas.

Passados dois meses Brito Aranha dedicava á nossa agremiação «em testemunho da mais elevada consideração por seus serviços ás sciencias e ás letras», o volume XIV do *Dicionario*, em 6 de março de 1887 era-lhe assinado o diploma de socio correspondente. E é de notar que o volume, cuja oferta ou dedicatória equivalia, por assim dizer, ao anticipado e generosissimo pagamento dos direitos de mercê pela honraria ambicionada, é o primeiro desse trabalho colossal sobre Luiz de Camões, a que já alludi, e que de per si só consagrará um notabilissimo bibliógrafo. E' o livro de que Teófilo Braga, um dos principais promotores da glorificação nacional do nosso epico em 1880, disse ficar sendo «um digno monumento da maior gloria portugueza, ficar representando o verdadeiro effluro do centenario.

Assim Brito Aranha desmentia o vaticinio, agorardo pouco depois da morte do seu predecessor, pelo periodico londrino—*Athenum*—de que spara obra do vulto do *Dicionario Bibliographico* seria uma loucura imaginar que

em Portugal aporeça tão cedo outro Innocencio da Silva.»

Pois appareceu, não se limitando Brito Aranha a salvar do esquecimento os estudos e trabalhos do mestre mas intentando e realizando obra sua propria e mais vasta, e juntando aos 9 volumes de Innocencio nada menos de 13 de sua autoria pessoal.

A vocação bibliographica havia-se-lhe revelado notavelmente em vida do seu antecessor, de quem fora cooperador voluntario e tão presangia que lhe mereceu publico testemunho de «agradecido reconhecimento, não só pelos artigos de officio recommendação que a respeito dele tem por vezes publicados, mas pela espontaneidade e diligencia com que em diversas occasões se empenhou em solicitar subsidios e esclarecimentos necessarios para completar algumas especies si conteadas. São as suas textuais expressões.

Um largo tirocinio com Innocencio habitara Brito Aranha a prosseguir com exito a obra interrompida. «Durante a vida do Igrejo bibliographo crevesse na advertencia do primeiro tomo do *Dicionario* a que ligou o seu nome) repetidas vezes estudara com elle, e não poucas lhe forneceram apontamentos e livros procurados com o intuito de o auxiliar em seus trabalhos; e habituado á sua maneira de investigar e colleccionar, chegara, pelo assim dizer, ao lado ou na presangia dele, a formar colleções sistematicas de obras e papéis varios, que são dos mais importantes e indispensaveis subsidios para a bibliographia.

«Deste modo, trocavam livros e folhetos, e elle o meu prestante e leal amigo no seu amor incontestavel e profundissimo ás letras nacionaes, mais por affecto, que pelo minguido lucro que poderia ter com a minha sincera dedicacão, alegrava-se em me ver tão presangio ao livro. Persuadido-me que dal se aumentou a sua emulda para comigo, dal nasceu a minha predilecção pelos estudos bibliographicos, e o estreitamento de nossas relações litterarias.»

Brito Aranha não só continuou o trabalho de Innocencio, nas bases essenciaes

que este estabelecera, mas tambem lhe introduziu modificações que o valorisaram. Cita elle mesmo como «exemplos na introdução do tomo a que ha pouco me referi, a reprodução das portadas de livros considerada raras e «cujo exame seria difficil e ás vezes impossivel para muitos bibliofilos amadores, ficando assim testemunhada pela sua imagem offe-similid, a sua existencia.» E com isto aproveitaram os que «seguem com interesse as circumstancias em que se introduziu, desenvolveu e prosperou, o offecato, a imprensa em Portugal.»

Trinta annos agrihuido á tarefa que se impo, não descansou um só dia, nesse empenho de auxiliar os estudiosos, poupando-lhe tempo para obras de utilidade geral, empenho em que «haveria colleccionadores mais felizes, mas mais coloratos não!»

E desse modo effectuou aquelle distinguo que John Ferguson assignou á todo o bibliógrafo—«preparar o terreno ao historiador, ao escritor, ao professor, salvando do esquecimento tantos autores, e fazendo o que chamou a «bibliographia dos livros.»

«Mas, para se realizar o seu intento—confessava Brito Aranha—de «enfadonhos e logoritos trabalhos de que só pode fazer ideia perfeita, quem anda nestas fainas por bibliotecas e arquivos publicos e particulares, quantas vezes sem resultados satisfactorios!»

«Enfadonhos trabalhos lhe chamou elle mas que se lhe tornaram em delecticos enlevo, em paixão exclusiva e absorvente, não apenas em entretenimento de amador ou em occupação lucrativa, porque nunca o foi em correspondencia com os esforços dispendiosos.»

O mesmo succedera a Innocencio, que, ao iniciar o seu *Dicionario*, escrevia de si proprio:

«A bibliographia converteu-se para mim numa paixão predominante, num estimulo inextinguivel, como é para todos os que a ella se entregam e não se capazes de apreciar quanto custa e o que vale um estudo, arido em demasias e ingrato na apparencia que offerece aos seus cultores e aos espiritos avidos de instrucção uma especie de encanto irrevelavel e gozo que bem compensam as fadigas e sacrificios que exige.»

Innocencio e Brito Aranha pertenceram á protestantissima classe desses cabouqueiros litterarios, desses mineiros de arquivos de que tivemos aqui mesmo nesta casa, e a nome lado, para só falar dos que já não existem, inextinguiveis modelos em Gabriel Pereira, em Pedro de Arvelo, e acima de todos, no omniparva (perdó-se-me o neologismo) Souza Viçterbo, que estendeu as suas investigações aos mais variados ramos de letras das sciencias, das artes, e das industrias, e «ue se vive a honra de contar entre os meus colaboradores e amigos mais queridos.

A' semelhancia do que succede nos campos de cultura agricola, tambem nos de cultura intellectual a par das formigas pacientes rebuscadoras e amesalhadoras obscurecia nos seus monumentos, se escafiavam as cigarras ruidosas e cantadeiras de vista pouca nas pr'eladas que aquelles ajustam com Incessante labor. Mas, ao invés do que succede na colheita de



A verdadeira base do pacto dos quatro.

Mucha, Varsovia

bula, em que a cigarra, querendo socorrer-se dos recursos da forma foi por esta despididamente despedida, nada mais lhe dando que o conselho de que baixasse, já que tanto havia cantado, são muitas vezes os rebucadores e amehadores dos materiais do estudo os que discreta e silenciosamente revolvem, livrar-se, compulsam inozubáveis e delectreiam manuscritos, que reúnem e fornecem os essenciais elementos com que outros tentam aos nossos olhos ou aos nossos ouvidos os primeiros da sua escrita ou da sua oratória. São aqueles que frequentemente facultam os alitercos sobre que levantam as aparatosas construções do seus enganosos.

Nas Academias geralmente, não são os primeiros, a quem a muita luz ofusca a vista, só habituada a fixar-se de perto nos objectos da sua leitura ou das suas decifrações paleográficas, as figuras espectaculosas e ornamentais cujos prototipo é o aristocrático fundador desta

noção: como não são também os que profundam com uma visão critica e uma faculdade evocadora que constituem o sexto sentido dum Mercúrio ou dum Gama Barros, os arcos a história, fazendo agitar e reviver o passado nem são igualmente os escritores de ficção, os que usam declamatoriamente da palavra falada ou escrita—os cradoces os poetas, os romancistas.

Obreiros menos em evidencia, com menos facultades de imaginação do que de pesquisa, que se retragem sobre si proprios, ensimesmando-se num recolhimento que por vezes, os furta ao conhecimento do vulgo, não se tornam todavia menos prestados e, lidando na sombra, é dela—por paradoxo que isto pareça—que fazem irradiar a luz com que outros, de fantasia mais viva, ou de mais aguda penetração fluminam e enchem de fulgor as suas obras.

Da mecca estirpe intelectual de Bar-

bosa Machado—seu avô literario—e dos seus contemporaneos Fagnieri, Silvestre Ribeiro, Freire de Carvalho Costa e Silva, foi a esta familia de benemeritos e desambiciosos trabalhadores que pertenceu e deu lustre e honra Brito Aranha, arguido a maior altura esse Fantáscop das Letras, que lhe chamou Tomaz Ribeiro de que foi pai-meiro e arrojado arquiteto Innocentio Francisco da Silva.

Na sessão plenária extraordinária de 30 de julho o eminente professor José Leite de Vasconcelos fez ainda uma communicação valiosissima sobre Botânica Filologica.

E a referida sessão, a ultima deste periodo academico encerrou-se com um discurso do embaixador do Brazil dr. José Bonifacio de Andrade e Silva que foi a Academia agradecer as Palmas Academicas de 1.ª classe, palmas doiro, que lhe conferira.

Discurso do dr. José Bonifacio de Andrade e Silva

Deveras sensibilizado com as palavras a meu respeito sempre tão generosas do illustre Presidente, Dr. Julio Dantas, apresento-lhe os meus sinceros agradecimentos e á douta Academia pela honra sublimada que me conferiu com as Palmas de ouro de 1.ª classe.

Ainda, Senhores, expressei os meus cordiais agradecimentos pela nova honra que agora me enaltee, a de ocupar neste momento, por designação do sr. Presidente a cadeira em que ha perto de 120 annos se sentára o meu antepassado José Bonifacio, Secretario Geral da Academia desde 1812 a 1819.

Tais honras, que me produzem profunda emoção, ficam registadas de modo a serem sempre recordadas em meu lar com o carinho que se tem por cousas sagradas.

Em homenagem á Academia das Ciências dar-lhe-ei noticia, em ligeira synthese historica, da acção de sua terra máis nova que, além Atlantico, seia pelos primeiros da lingua portugueza e pelas tradições da raça forte e intrépida que é a raça lusitana, origem da brasileira.

A Academia Brasileira de Letras foi fundada em 1896. Ideada por Lucio de Mendonça, modelada pela Academia Francesa de accordo com a opinião de Joaquim Nabuco, em seu discurso inaugural, compõe-se de 40 membros.

Machado de Assis, um dos seus fundadores e seu primeiro presidente, tem lugar de honra no quadro da literatura nacional. E bem o exemplo do que valem o talento e o trabalho. Provido de um lar humilde, cresceu rodeado de pobres, em meio de difficuldades que desalentavam.

Aprendeu numa typografia, e, mais tarde typografo, tirava da os poucos recursos para a subsistencia, mas logo se recommenda á protecção dos superiores e chefes por sua vivacidade e intelligencia.

Procurou instruir-se e, com inspiração poetica, entrou com as suas «Phalenas» e, mais tarde, publicou «Phalenas». Impregnadas de lirismo, suas poesias dão o valor de seu esto e fazem, com as americanas e as occiden-

tals, um nome consagrado nesse ramo literario.

Procedor, por ventura maior da que poeta, Machado de Assis publicou:—«Os contos fluminenses, Historia da minha vida, Ressurreição, A mão e a luva, Helena, Yayá Garcia, Braz Cubas, Quincas Borba, Dom Casuarino, Esau e Jacob, Memorial de Ayres», além de muitas novelas. Foi escritor que se manteve na lga. infatigável e assiduo, sem olvidar os deveres do seu alto cargo, em cujo desempenho se impõe ao apreço dos Ministros e ao respeito dos seus colaboradores.

Um critico de autoridade, estudando o romance naturalista no Brazil, considera Machado de Assis, o psicologo, sobrelevando aos demais escritores pela profundidade da intelligencia, pelo apuro da linguagem, pela sobriedade da forma, pela ironia subtil que o aproxima da linhagem dos Sterne e Swift na Inglaterra e dos Ronald de Carvalho e Anatole em França.

Da sua obra se desprende um sentimento de constante preocupação pela beleza ou pela miseria terrenas e uma rara comprehensão da triste inutilidade a que as contingencias cotidianas reduzem o coração e o espirito do homem. Em seus romances, o documento Austeno não obedece a um plano preconcebido, a um postulado primordial, a um lei qualquer scientificas ou literarias. Reflecte-se nelles um espirito indagador que a todo o instante se observa a si mesmo através os outros, e vai corrigindo, com o sorriso e a lagrima, a imagem que a vida lhe põe diante dos olhos.

Machado de Assis, é, sem favor, sob variados aspectos, o mais significativo dos escritores de ficção da lingua portugueza e, especialmente entre os brasileiros, ficará como exemplo de descriptão, graça de estilo e da finura e da percepção.

Foi esse, Senhores, o poeta e escritor que no periodo mais difficil, o da organisação da Academia Brasileira de Letras, soube fixar os stultos alitercos que lhe iam assegurar nos annos seguintes, prestigio e brilho.

Elle é, por esforço delei, continuado pelos presidentes que o tomaram por modelo, o centro intelectual que, pela animação, pelos premios, por sua acção constante, concorre para que a brilhante mocidade de minha Patria mantenha viva e intensa a fiamma luminosa que no dominio das letras recebe da geração anterior.

Nas palavras de agradecimento por sua eleição, Machado de Assis se extenua. Não é preciso definir esta Instituição. Ideada por um troço, aceita e completada por moços, a Academia nasce com a alma nova e, naturalmente, ambiciosa. O vosso desejo é conservar, no meio da federação politica, a unidade literaria. Tal obra exige, não só a comprehensão publica, mas ainda e principalmente a vossa constancia. A Academia Francesa, pela qual se modelou, sobrevive aos acontecimentos de toda a casta, ás ecclias literarias e ás transformações civis. A vossa ha-de querer ter as mesmas feições de estabilidade e progresso. Já o baptismo



—Pelo amor de Deus, Heinz, meu marido pode entrar aí de um momento para o outro.

—Não tenhas medo queridinha. Acabo de o mandar Der Goetz von Berlichingen, prender!

Viena

das suas cadeiras, com os nomes preclaros e saudados da ficção, do lirismo, da crítica e da eloquência nacional, é indício de que a tradição é o seu primeiro voto. Cabe-vos fazer com que ela perdure. Passai aos vossos sucessores e ao pensamento e a vontade inicia para que eles os transmitam também aos seus, e a vossa obra seja contada entre as solidas e brilhantes páginas da nossa vida brasileira.

E a Academia. Senhores, tem sido constante, persevera no seu esforço; por isso venceu as dificuldades dos primeiros tempos. Tem uma carreira de triunfos, devidos não só ao trabalho e à devoção dos que nela se congregaram e por sua eficiência se empenham, como ainda pela herança recebida do grande livreiro português de nascimento, Francisco Alves, que mantendo no Rio de Janeiro, por longo tempo, uma vida de opacidade activa e digna, pôde acumular considerável fortuna.

Deixou tudo o que poesia à Academia de Letras, dando-lhe a obrigação de fazer de cinco em cinco anos dois concursos sobre o melhor modo de divulgar o ensino primário no Brasil; outro sobre a língua portuguesa, dando de premio ás monografias que obtiveram os primeiros lugares dez contos de réis a cada uma; ás que obtiveram o segundo, cinco contos; e ás que obtiveram o terceiro, três contos.

A Academia, na posse da avultada herança, val sabendo honrar o nome do doador. Homenageando a sua benemerita memoria, tem distribuído os premios Francisco Alves a numeroz autores de obras sobre a lingua portuguesa e sobre a disseminação do ensino primário.

Ainda outros premios tem instituído. Ha os da propria Academia Brasileira para a poesia, os romances, os contos e fantasias, o teatro e a erudição. Ha os premios Ramos da Paz para as melhores obras originaes e inéditas de autores brasileiros ou portugueses.

Tem-se a Academia dedicado ao dictionario bibliografico brasileiro, ao dictionario de brasileirismos e ao da lingua portuguesa. São trabalhos de alto valor a que dedica o maior carinho.

Na presidencia Afranio Peixoto, resolveu a publicação de diversas obras — Classicos nacionaes — sobre litteratura e historia. E foram publicados, de litteratura — primeiras letras — (Contos de Anchieta, Dialogo de João de Lery, Trovas selvagens) Procopopé, de Bento Teixeira, Lyrica, de Gregorio de Matos.

De historia foram editados — Tratado da Terra do Brasil e historia da Provincia de Santa Cruz, de Pedro de Magalhães Gondavo; Tratado da Terra e Gente do Brasil, de Fernão Cardim.

E sucedem-se outras e outras publicações atecendo o empenho da Instituição por difundir o conhecimento das obras primas da lingua portuguesa.

A Academia mantem as cadeiras de ensino da nossa litteratura em Lisboa, Paris e Londres.

Por todas as formas se empenha pelo cultivo da lingua portuguesa, pela expansão litteraria, pelos estudos da grammatica, generalizando o conhecimento de tudo quando se relaciona com as letras.

Pode-se afirmar que ela tem justificado plenamente os seus fins sociais, litterarios e culturais. Incrementando emulações, animando os espiritos novos, despertando nos meios estrangeiros o gosto pela litteratura brasileira, providenciando sobre a publicação de obras classicas, promovendo por todo o país a fundação d' premios litterarios, mantendo a Revista, já com 40 volumes, a Academia Brasileira de Letras não só tem atraído a attenção geral, como se recommenda ao apreço de todos os homens publicos, que desapaixonadamente estudem a sua acção.

Cabe aqui relembrar o serviço resultante do accordo orthografico celebrado em 1931 com a Academia de Ciencias. Tive a honra de representá-la no acto da assinatura por delegação do illustre Dr. Fernando de Magalhães, então seu presidente, e neste mesmo edificio, com o preclaro Dr. Julio Dantas, o glorioso Presidente que tanto prestigio dá ás letras portuguezas. Foi dada solução a esse importante problema, do maior alcance para o nosso idioma.

E o accordo, que simplifica e dá uniformidade á orthografia, aprovado pelo governo, que dessa forma prestigiou a acção da Academia, tem tido forte apoio dos litteratos, dos governos estaduais e da imprensa.

Dentro de seis meses, após a assinatura desse accordo, proclamou o então presidente da Academia, appareceram na nova orthografia, além das obras dos academicos, mais de vinte livros, inclusive trabalhos didacticos. Os governos dos Estados decretaram-na, excedendo de 150 os jornais que a adoptaram e empregaram-na voluntariamente mais de 50 0/0 das provas escritas dos exames secundarios, realizados em 1932.

Houve, pois, para as duas Academias um triumpho.

Ainda em Outubro passado, o dr. Laudelino Freire, oferecendo em nome do Ministro Melo Franco um exemplar dos seus discursos, assinou o facto de estar o livro escrito na orthografia academica, que á si foi respeitada com escrupulosos exactidão, sendo talves o trabalho em que, ao lado do «Goethes» de João Ribeiro, se nota a mais rigorosa observancia dos preceitos graficos da reforma.

Senhores, tudo isso representa louvavel empenho pela lingua portuguesa, em prol da qual devemos sem descanso trabalhar, deendendo sempre a vernalidade.

Houre-se a memoria dos velhos clas-

sicos que, orgulhosos da origem e vitalidade do idioma, á sua pureza se consagraram como se fôra uma religião.

A Academia Brasileira de Letras crê, como a vossa, resoluta nesses altissimi programma.

Louvores lhe sejam dados. Dels fazem parte homens eminentes da minha Patria. Por ela transitaram, dando-lhe fulgor, individualidades que marcaram uma época, os grandes espiritos de Bilac, Homem de Melo, Joaquim Nabuco, Araripe Junior, Silvio Romero, Ingles de Sousa, Carlos de Laet, Ruy Barbosa, Rio-Branco, Graça Aranha, Oliveira Lima, Dom Silverio, Pedro Lessa.

Ful constante arauto dos seus serviços. Na fase de difficuldades, a fase sem tecto como se denomina, em seu favor pleiteei a primeira subvenção que o orçamento lhe destinou. Foi em sessão de 6 de Dezembro de 1909 da Camara dos Deputados.

Então eu o disse: Todos conhecem os serviços prestados pela Academia Brasileira de Letras, o papel importante que desempenha, representando a cultura nacional, dando ao estrangeiro que nos visita a impressão synthetica do nosso progresso, no que elle tem de mais bello e fecundo, e é o mais caracteristico e duradouro nivel da cultura brasileira, a litteratura.

Lembro o concurso valioso que á Academia tem prestado ao governo, como ainda se deu quando aqui se reuniu o Congresso Pan-Americano, e no acolhimento dispensado a hospedes illustres, entre outros Guglielmo Ferrery e Anatole France.

Em França, a Academia Francesa é mantida pelo Estado, não é muito que a Academia Brasileira obtenha o auxilio que pleiteio.

E o meu alvitre foi aprovado. Eu o recordo, Senhores, apenas para deixar constatado que não é de hoje o meu aplauso á prestigiosa associação. Apertou desinteressado, sem outro intuito que não seja o de culto á justiça. Ao seu gremio, embora honorarissimo, não aspiro ao correr.

A Academia Brasileira é bem o exponente da cultura litteraria no Brasil. Por força de sua função primordial é guarda e defensora da pureza da nossa lingua, da sua beleza sem par, da opulencia dos seus vocabulos, expressivos como em nenhuma outra se encontram.

Floreça, fale, cante, ouça e viva, A portuguesa lingua, e já onde fór, Sempre vá de si, soberba e activa.

Deve ser o lama bendito da geração actual, que, recebendo-o das passadas, tem a obrigação sagrada de transmiti-lo ás futuras, quiçá mais enriquecido e bello.

Senhores, eu vos agradeço a attenção com que me ouvistes e peço me deis a honra de permitir que fique consignada no acta dos trabalhos de hoje, a minha sincera veneração á Academia das Ciencias de Lisboa, que, na sua gloriosa vida de 134 anos, enigmática de outro, tem o seu nome, por varios recantos da terra, saudado em apoteosias de benções por seu fecundo labor.

Confesso-vos que me sinto verdadeiramente orgulhoso de haver occupado a tribuna deste Templo, por onde pas-



M. Hugenberg perde o seu emprego.
Cyrulik Warszawski. Yarsovia

saram escritores e poetas de reputação universal, publicistas e oradores de intenso brilho, sábios de glorias inarriváveis, e onde doutrinam e imperam, por seus talentos, sua inteligência, e seu saber, grandes figuras deste país, o qual, se tem pequena extensão no continente, é vasto e prestigioso por sua influência intelectual e sua acção civilisadora.

A essas grandes figuras, exceções e nobres, que outras não são senão yós

mesmos, senhores Acadêmicos, num apelo fervente e entusiástico ao vosso constante labutar em que, ao serviço de Portugal, é fortalecido o brilho das letras e das ciências, eu direi num brado que vem do fundo da minha alma:

Honrai sempre, como até aqui, por vossos actos, a memoria dos benemeritos desta Casa. Segui incessantemente, como o tendes feito, os seus exemplos admiráveis.

Deve estimular-vos o canto de Oeslan, o bardo escocês de poetas doentes e tristes, mas expressivas: os homens se succedem como as ondas do oceano ou as folhas dos bosques, mas a gloria dos benemeritos não se apagará, antes ha de crescer, como o carvalho de Morven que opõe sua copa frondosa aos raios assaltos da tempestade.

(Muitos aplausos, sendo o orador muito cumprimentado pela Presidencia e pelos senhores academicos).

MAGIA DO SILENCIO

(Discurso na inauguração da Biblioteca Municipal de Alcantara).

SE eu devesse ao destino a graça de dessempalhar da duvida o incomprovado manuscrito da «Pratica ao Senado de Lisboa», attribuindo a um dos muitos letrados da gloriosa familia de Aviz—D. Felipa de Lencastre, a recolhida de Odivelas, illuminarista e princesa da poesia portugueza como a cognominou D. Carlota Michaelis—ainda me propriaria levantar a voz para oração de circumstantias.

Assim hei-me de ficar por breve e descansado avião.

Como vedes esta biblioteca não se mede com a da «Torre de Alvarrá» cujas escrituras estiveram á guarda de Fernão Lopez nem com qualquer das livrarias privadas que, pela collina de Florença, sempre disputaram á voluptuosa elegancia dos palacios embocados em rosas e ciprestes a mística paisagem de primitivos. Paisagem tão suave e inspirativa que —dizia-me D. Caramelo, compositor e genial organista do mosteiro de Fiesole—transportada para musica lembra um acorde maior perfeito.

Só a de Oleski, com o retrato autentico de Dante, numa tela de Mantegna, os seus centenares e incunábulo, a primeira edição da «Divina Comedia» com illustrações de Donatello, o exemplar membranaceo da Biblia, feito com a pele do ventre de ovelha antes de nascer, e os preciosos codices illuminados, e uma pagina da primeira Biblia de Gutemberg que ele encontrou presa á capa de couro que formava um dos assentos do seu proprio *chars-á-bancs!*

E a de «De Martinis», vizinha da de Hugo Oyetti, montada em ricas madeiras seculo XVIII que apenas revestem a severidade avara e incombustivel de uma casa forte! Sem pesar o rarissimo, talvez unico, folheto pitagorico pelo qual o museu Britanico o convida a pedir o que quizer, essa biblioteca privada tem 800 contos, de pronta realização, apenas nos três ESOPÓ: o de Brescia, o de Florença e o de Veneza.

Mas, para nos não desconsoar, relembramos que esses tesouros bibliograficos são bibliotecas eruditas.

Esta que estamos inaugurando, com seu parco recheio de sete mil volumes, como biblioteca popular que não traz por missão servir investigadores nem documentar cientistas, mas muito simplesmente criar gosto pela leitura. No grande quadro da cultura, as bibliotecas populares occupam a nobre posição de preparar leitores.

Mesmo modesta, representa uma prova admiravel da compenetração com que a Comissão Administrativa val cumprindo a sua acção municipalista. Os meus primeiros cumprimentos agradecidos devo-os a V. Ex.^a, Senhor Tenente-Coronel Linhares de Lima que para essa presidencia trouxe, com o seu primor de trato e presto acolhimento das iniciativas, a sua elegante firmeza de soldado e a sua alevantada noção de Patria que já lhe devia, como ministro da Agricultura, obra gloriosa, sem par na Historia de Portugal—o país bastar-se careliferamente a si proprio.

Com o placet de V. Ex.^a, deve-se a biblioteca Municipal de Alcantara ao Ex.^{mo} Sr. Alvaro Nunes Frade, vereador do Pelouro das Finanças, em quem o pesadelo orçamental não logrou mirrar o culto pelas coisas belas, o amor pela cultura, a devoção pelas realizações, o entusiasmo que, no dizer de Kant, é a mais sublime manifestação da razão.

Desde a descoberta do local á lei dos melos, tudo é obra da sua energia realizadora, da sua infatigavel tenacidade de animador que em dois mal contados meses fez transformar uma arrecadação inhóspita nesta ambientação recalcada e guarneçada.

Mas como os pasalhados das Descalças, que recebiam de uns o terreno, de outros o trajevamento, destes o transporte, daqueles mão de obra, a quantos não sou devedor desta alegria por que suspirei três annos! Boa e perita vontade dos Srs. Engenheiros e Chefes de Serviço, do grande ao pequeno functionalismo, a todos devo muito, e mais o espectáculo dessa solidariedade dos Serviços tão consolador e que há de fazer do quadro superior deste Municipio uma falange de convictos colaboradores.

Fora e alto as duas personalidades esta Biblioteca é devedora já que pelo enriquecimento e dignificação das bibliotecas Municipais têm velado: S. Ex.^{aa} o ministro da Instrução, cessante, e o senhor dr. Julio Dantas.

A S. Ex.^a o ministro devem as bibliotecas Municipais a sua participação no «Deposito Legal», a representação na Junta Consultiva das Bibliotecas e o direito de opção nos leilões de especies respeitantes á historia ulissiponense, justamente condicionada ao direito preferencial do Arquivo e Biblioteca Nacional de Lisboa.

A S. Ex.^a o senhor dr. Julio Dantas, além da sua concordancia, como Inspector das Bibliotecas e Arquivos, devemos-lhe a deferencia na partilha do espólio bibliografico das congregações, e a sua aquiescencia ao pedido de duplicados da Biblioteca Nacional de Lisboa, apenas atendido e que virá, sou certo, a effectivar-se com vulto.

Para mais devemos-lhe ainda a sua presença hoje aqui, trazendo á inauguração duma pequena biblioteca popular o brilho da sua alta categoria de Inspector das Bibliotecas e Arquivos e de Presidente da Academia das Ciências, e o esplendor do seu nome glorioso e mundial, de primeiro escritor portuguez do nosso tempo, grande entre os maiores das literaturas estranhas, completa organização de homem de letras que doira com elegancia oitocentista o eruditismo de um mestre do seculo XVI.

Veja-se quão inter-dependente é a obra humana, por tanto valimento a que ficamos obrigados.

Eu é que não fiz ainda coisa alguma. Mas quero tambem dar-me ao rol dos colaboradores. Aqui virei, com descabidos intuitos de conferencista, fazer praticas que nortearão por este apagado objectivo: ensinar ao povo o que e como deve ler. E outros mais illustres me secundarão, que a função das bibliotecas populares dá suas parecerenças com a missão das igrejas paroquias, na formação dos caracteres, da, al-

ma, e a mais no encaminamento da cultura e do gosto. Dotada e a biblioteca Central também com verba necessária para literatura nocturna—alinda acção do sr. Alvaro Frade!—a Biblioteca Municipal de Alcantara será, como templo, aberta de dia e de noite.

Seguir-se-lhe-á, e para muito breve, a Biblioteca Municipal do Poço do Bispo.

Para começar por esta duas razões houve: o ter aqui o Município um organismo industrial, colmeia de operarios, e o ser o bairro de Alcantara o que é. Tem historia, tem tradição, tem beleza bucólica e marinha. Entre as suas sombras lhamadas do estuário prateado, ha nichos de santas, pousoadifios reais, celas de sabios. Aquil acabou D. Francisco Manuel de Melo, e começou Nun'Alvares a ensaiar Aljubarrota, correndo um bando de castelhanos dos que siliam Lisboa e haviam saltado dos bates para saquear pelo vale vinhas e pomares. Nessa mesma noite, faz agora anos em chegando agosto, a temeridade ia-lhe custando a vida, logo all adiante, em Santos onde lhe surdiram, á desforra, duzentos homens a que sosinho fez frente á lançada e a montante, até chegarem reforços.

A este trecho da urbe, com cicatrizes heroicas e velhos redutos do trabalho, bairro historico e bairro laborioso, que melhor presente a cidade de Lisboa podia trazer-lhe do que uma biblioteca?

O ritmo do trabalho tem oscillações misteriosas. Quer nos movimentos coordenados de uma actividade muscular quer na concatenação das ideias de um proletário mental, ao cabo de certo tempo de applicação projecta-se a sombra da fadiga, a principio

indecisa, depois mais densa, até se tornar sediciosamente invasora.

Para subjugar a fadiga, a psicótecnica emprega esta arma: a pausa. E a eficiencia atinge estes numeros maravilhosos: sete minutos de descanso em cada hora, a um metalurgico inglés, e a produção aumenta 13 0/0.

O metodo psicótecnico reconhece também o velho principio do combate á monotonia. O mecanico devanee a nevoa psiquica lendo um jornal, o sedentario descansa passeando.

Por isso mesmo, á população operaria nada mais aconselhavel para a reconquista da alegria e da saúde produtora do que um retiro espirital nas tranquillas navees que são as bibliotecas.

Como ritmo que é o trabalho exige pausas, e a pausa é o silencio.

Até os mortos precisam dele!

Ravena acaba de desafrontar o monumento a Dante repellido para longe a vizinhança profanadora. As sombras vigilantes da bisantina catedral agregou novas rondas de silencio, gradeando-a de jardins matizados pela flora dantesca, pelos quais se vêm marmores e mosaicos prostrados e repetirem em extase passos da «Divina».

Quando o povo português, por seu talento, houver erguido, em qualquer das sete colinas, um monumento a Camões, desentapado de beirais, respeitado pelo rufar terreno e all for dar as graças do Passado e jurar o Futuro, a magia do silencio das nossas bibliotecas terá cumprido o milagre: a alma colectiva continuou o Poema Nacional com estrofes que cantem a Patria nova.

JOAQUIM LEITAO

BIBLIOTECA POPULAR DE ALCANTARA

A sua inauguração

Um facto de relevo marcou este mês de acção do Município de Lisboa e da Comissão Administrativa que actualmente preside aos seus destinos — a inauguração da Biblioteca Municipal de Alcantara, no dia 28 de Julho.

Sem barulhosos programas, a Comissão Administrativa da Camara Municipal de Lisboa, no seu proposito de se aproximar do povo, acaba de dar realidade a uma iniciativa das mais simpaticas e das que mais directamente visam as classes proletarias: uma Biblioteca popular e profissional.

Para que se aquilite do alto significado do facto bastará assinalar que é o Município de Lisboa o primeiro, em todo o país, que se resolve a fundar bibliotecas populares.

A do populoso bairro de Alcantara, está instalada num dos pavilhões dos proprios Armazens Gerais da Camara, proximo do portão central, prestando-se assim a ser utilizado não só pelos operarios, como pelo publico.

Às 18.30 horas precisas, Sua Ex.^a o sr. Presidente da Comissão Administrativa, tenente-coronel Henrique Linhares de Lima, passava revista á guarda de honra, prestada por uma companhia de Sapadores Bombeiros.

Em seguida, descobriu a tabiceta da Biblioteca, que estava coberta com a bandeira do Município, aparecendo num precioso anjelo, D. Maria I, carido do illustre artista sr. Battistini (Fabrica Constança). Dal, os convidados e elemento official desu entrada no-saio da Biblioteca, que oferece um grato aspecto de nave, convidando á leitura,

toda forrada por estantes corridas e encaeradas, contendo para mais de 7 mil volumes. Longas mesas, cada uma das quais com elementos de Hemeroteca — jornais, illustrações, revistas scientificas, de engenharia e de industrias, e o todo decorado com falanjas portuguesas com avencas.

Formada a mesa, pelo sr. tenente-coronel Linhares de Lima, que assumiu a presidencia e dava a direita aos sr. dr. Julio Dantas, Inspector geral das Bibliotecas e Arquivos; ao sr. dr. Almeida Eusebio e vereador engenheiro Perez Durão e á esquerda aos sr. Joaquim Leitão, Alvaro Frade e capitão Gaspar de Oliveira, vereadores. O sr. Linhares de Lima deu a palavra, inicialmente, ao academico e Inspector das Bibliotecas, Arquivos e Museus Municipais, sr. Joaquim Leitão, cujo discurso publicamos em destaque noutra pagina do nosso menario.

O discurso do sr. dr. Julio Dantas

Foi depois concedida a palavra ao eminente academico sr. dr. Julio Dantas, que pronunciou o seguinte e brilhantissimo discurso:

«Agrado a v. ex.^a, sr. presidente, o sr. Ilustre Inspector das Bibliotecas Municipais o convite com que me honraram e as palavras de extrema deferencia com que quiseram distinguir-me.

Quando se inaugurou a Biblioteca Municipal Central no Palacio Galveas, biblioteca de conservação, cuja função

principal é a de recolher e guardar tudo quanto respeita, quer, dum modo geral, á vida, actividade e progresso das urbes modernas, quer, duma maneira especial, á historia e á arqueologia oisempennica, fiz ca melhores votos para que a Camara Municipal de Lisboa, depois do dado aquelle primeiro e indispensavel passo, se occupasse da organização duma rede, quando possível vasta, de bibliotecas populares com ou sem caracter profissional, fixas ou circulantes, acompanhadas ou não, de hemerotecas, porquanto se fazia e se faz ainda sentir entre nós a falta dessas poderosos instrumentos de educação do povo, cuja criação depende de iniciativas que, não deixando de pertencer ao Estado, tradicionalmente incumbem ás autarquias.

«Pouco tempo se passou, e já hoje tenho a oportunidade de saudar a illustre Comissão Administrativa do Município pela organização e instalação da primeira biblioteca popular, levada a efeito em condições que honram o zelo e a competência dos technicos que nas respectivas operações intervieram, e, em especial, o superior e alto espirito do sr. Joaquim Leitão, Inspector das Bibliotecas Municipais, cuja actividade tenho acompanhado de perto e a cuja admiravel acção mais uma vez presto homenagem. Alcantara fica dotada duma biblioteca profissional com hemeroteca anexa, que, embora modesta—porque as nossas possibilidades não se harmonizam com as proporções das «free libraries» e das «bocher halls» do modulo americano e alemão—viç

prestar ao publico e, designadamente, ao operariado, relevantes serviços.

«Nenhuma solemnidade é tão grata ao meu espirito como a inauguração duma biblioteca popular. Não basta afirmar, como Sôalés, que a instrução é um direito do povo; é preciso dar ao povo os meios que lhe permitam o uso desse direito. Embora o acto que se está realizando se revista duma toconce de simplicidade, a abertura destas portas constitui uma verdadeira festa de intelligencia e de civismo. A essa festa me associo, como inspector geral das Bibliotecas e Arquivica, certo de que a obra do Municipio de Lisboa no sentido da difusão do livro e da cultura, obra que hoje se inicia no dominio da leitura popular, terá a necessaria continuidade, de que são desde este momento penhor o sôo meritorio da Co-

mmissão Administrativa da Ilustre presidencia de v. ex.^a e da alta categoria intelectual do homem que o Municipio de Lisboa, numa hora feliz, collocou a frente das suas bibliotecas, do seu arquivo e do seu museu».

O sr. dr. Julio Dantas foi vivamente aplaudido pela assistencia.

Palavras de presidente da comissão administrativa, sr. tenente-coronel Linhares da Lima

Por fim, o sr. presidente da Comissão Administrativa levantou-se para proferir algumas palavras de merecido elogio ao esforço e á intelligente orientação do sr. Joaquim Leitão no exercicio da alta missão de cultura que lhe está confiada e disse do valor educa-

tivo das bibliotecas populares, salientando que o Municipio procura demonstrar praticamente, através delas, o muito interesse que consagra á instrução do povo.

E depois de agradecer a presença do sr. dr. Julio Dantas, inspector geral das Bibliotecas e Arquivica, do seu antigo colega de Governo sr. dr. Almeida Eusebio, do sr. tenente-coronel Costa Veiga, director da Biblioteca Nacional, e á assistencia, na qual se viam directores e funcionarios dos diversos serviços municipaes, representantes da Biblioteca da Ajuda e da Marinha, o director do Arquivo Historico Militar, sr. coronel H. Ferreira Lima, Franco de Vasconcelos, representando o Instituto Portuguez de Arqueologia, Historia e Etnografia, artistas e senhoras, encerrou a sessão.

O primeiro centenário da Biblioteca Municipal do Porto

A Biblioteca Publica do Porto, criada ha cem annos por decreto régio de D. Pedro IV assinado, comemorou no dia 8 o seu primeiro centenário de existencia.

Organizou-se para tal uma sessão solenne que decorreu na ampla sala de leitura, e á qual assistiram elementos de categoria do nosso meio intelectual.

Representantes de varias associações culturais e de todas as associações economicas do Porto bem como muitas senhoras.

Presidiu e abriu a sessão o sr. Antonio Dominguez de Freitas, da Commissão Administrativa da Camara, que justificou a ausencia do presidente da mesma Commissão.

Depois, o sr. dr. Mendes Correia, Director da Faculdade de Ciências proferiu um discurso alusivo ao acto

referindo-se a personalidades que ao estabelecimento prestaram o seu melhor concurso, entre os quais sobresalio o nome de Rocha Peixoto, que foi director e que muito se distinguio como escriptor e folhetonista notavel.

Em segunda falou o sr. João Gray, que fez o elogio das Bibliotecas.

Dis que a partir da fundação da Biblioteca do Porto se entrou numa fase nova traçada numa melhor marcha para o futuro. Desentou sobre a função das Bibliotecas e do papel que o livro desempenha na formação e equilibrio dos espiritos, afirmando:—

—O seu influo estético, filosofico e científico, é de suma enorme extensão. Se focos possível extinguiu-o rapidamente, recem as proprias fontes de trabalho á falta de renovação permanente.

Depois, falando propriamente sobre a Biblioteca, disse:

—Os seus longos annos de existencia tem prestado relevantes serviços de ordem cultural.

Attingiu um grau (tu e etae) etaeo que causa o orgulho da terra.

Falou das suas dotações e aquisições de valor, para justificar que ella está em dia com o movimento científico e literario de todo o mundo. A acção social das Bibliotecas, bella e curiosa!—mas, foi o tema duma conferencia que o sr. dr. Joaquim Costa proferiu seguidamente ao orador anterior.

Nella se fez a historia das Bibliotecas, citando o conferente, a proposito, ditos e factos interessantes, e se allude á influencia do livro sobre a disciplina do espirito.

Necrologia

No dia 6 faleceu na Amadora, Delfim Guimarães, poeta, escritor Ilustre, e socio da casa editora Guimarães e C.^a Autor de varios livros e da teoria litteraria de que Bernardim Ribeiro era Cristovão Falco, Delfim Guimarães foi um autentico valor e a sua morte enlutou as letras portuguezas.

Enterrou-se no dia 1 o dr. Guimarães Pedrosa, lente jubilado da Faculdade de Direito da Universidade de Coimbra.

—Faleceu em Madrid, com 83 annos, o dr. Carcelos, federalista, que a republica espanhola de 1873 condenou á pena ultima.

Bibliografia

HERNANI CIDADE—Ligões sobre a cultura e a litteratura portuguezas.—O sr. dr. Hernani Cidade, professor da Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa, reuniu neste volume as suas ligões sobre **Fernão Lopes**, sobre a **Cultura portuguezas no século XVI** e sobre a **Cultura no século XVII**. São desenvolvimento, anotação e criticas dos estudos feitos, com pontos de vista novos e interessantes, 805-3 pag. da Coimbra editora, da Coimbra, por 15 estudos.

MANUEL RODRIGUES LAPA—A

politica do idismo e as Univerzidades

—É uma separata do *Século Novo*, com a conferencia que tanta celexima produziu. Magnifica, moderna, descomprometida a conferencia. Sobria, elegante, correcta, a edição.

ANTONIO EÇA DE QUEIROZ—*Gratidade*—É um romance moderno, de prosa empolgante, de enredo curioso que nos ensina e perturba. Marcas este livro de Antonio Eça de Queiroz, senão a?

SENHORA—N.º 1 e 4, Janeiro a Abril do vol. IX-1923. Magnifica publicação da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Inapto estudo valioso e subsidiado notavel para a cultura portuguezas dos séculos XVI e XVII, a flora camponesa, o Cavallheiro de Oliveira. O poema de Amadeu de Gusmão, etc.

BOLETIM DA ACADEMIA DAS CIENCIAS DE LISBOA—Publicações de n.ºs de Março e Abril e o de Maio do 1923. Tambem o *Anuario Académico* de 1923 está publicado contendo interessantes e copiosas informações sobre a vida academica.

Publicações periodicas

Em Paris começou a publicar-se um novo jornal, *Realismo*, reportagem e estudo de costumes. É curioso o interessante. É o nosso *Detective ou Reporter X* sem crimes.

—No dia 1 saiu o n.º 1 da revista *Lisboa*. É seu director Nogueira de Brito.

—Saiu no dia 12 a *Voz de Graç*, redigida pelo dr. José Bonito. Intuitos patrioticos.

Varias

A escritora **Collete** foi nomeada commandador da Legião de Honra. É a segunda mulher a receber esta honra. Foi a primeira a condessa de Nonilles.

—Foram nomeados gran-cruzes de S. Tiago da Espada o dr. Caserio da Mata e Sabino Coelho.

—A Academia das Ciencias de Lisboa conferiu as palmas academicas ao ex. ministro da Instrução, dr. Gustavo Cordeiro Ramos, reitor da Universidade de Coimbra, embaixador do Brazil e a «Revista Militar».

—No dia 9 faleceu o romanista inglés Anthony Hope. Em 1894 publicara o seu primeiro romance, *O prisioneiro de Zenda*.

—Riliqueceu, no Rio de Janeiro, o poeta Da Costa e Silva, autor do *Sangue, Zedico e Pandora*. Entrou numa casa do asilo.

Durante o mês o *Diario de Lisboa* e o *Diario Liberal* tem mantido uma discussão scientifica sobre o *Infante de Sagres* e a sua Escola Nautica.

VI -- Arte

Belas Arte — Teatro — Cinema — Música

Belas Artes

Renovação na arte religiosa

(Conferencia de D. Frei Paulo Belot no Museu das Janetas Verdes)

A convite do dr. José de Figueiredo, director do Museu de Arte Antiga, realizou, no Museu das Janetas Verdes, D. Frei Paulo Belot, architecto, uma notavel conferencia sobre os «Aspectos duma tentativa de renovação na Arte religiosa», tentativa sua, no fundo, pois a ele devem Holanda, Belgica e França algumas das suas mais lindas e modernas igrejas.

Se é possível darmos, ainda que em síntese, o relato dessa palestra, e assim poderem os nossos leitores ajuizar das ideias e da cultura desse monge-artista, mesmo leve, do que ela foi, como entretem de quantos houveram o prazer de a escutar, D. Frei Paulo Belot não foi apenas o conferencista brilhante, a douta personalidade que nos expôs alguns curiosos problemas e opiniões de arte, mas: um perfeccionador que seduziu todo o seu esculido auditorio com primores de palavras elegantes, aguda visão de critico e, principalmente, com as suas convicções em materia de architectura, transmittidas de maneira muito espirital, e, com frequencia, tocadas dum ligeiro humorismo.

A apresentação de D. Frei Paulo Belot fé-la o sr. dr. José de Figueiredo, que depois de cumprimentar o conferente, formulou esta interrogação preliminar:

— Existe e pode existir uma arte religiosa com caracteristicas essenciaes, fundamentalmente diversa da Arte profana?

«A resposta, a meu ver, não oferece duvidas. A Arte com A grande, a unica que vale a pena considerar, é una, una só e indivisivel na sua mesma essencia, embora diversa pelos diversos meios de expressão que lhe impõe as suas diferentes modalidades.

«E hoje, como ontem, o artista verdadeiramente digno desse nome, quando se trata de architectura, vistu-se esse o ramo de arte de que val falar-se esta noite, deve poder, como o mesmo resultado, ou edificar uma habitação, ou levantar uma cathedra, ou construir outros edificios da mais diversa natureza. Era assim que sucedia nos periodos românico e gótico, e ainda em plena Renascença. Miguel Angelo, sem ser necessario lembrar a sua obra de esculptor e pintor, é duto um exemplo tipico. E em nossos dias, Augusto Perret, embora com pouco resultado, procurou tambem afirmar esta mesma suprema unidade quando, depois de ter construido o seu celebre teatro des Champs-Élysées, fez a sua thèse discutida Igreja de Raincy.

«Mas se isto é assim, o que é tambem verdade é que hoje, mais do que nunca, com o utilitarismo que infelizmente tem raizes em tudo, nem todos os

que têm tabuletas de artistas são capazes de dar á Casa de Deus a dignidade que conseguem attribuir ao abrigo do homem. E isto porque, vivendo mais da Arte do que para ella, lhes falta consequentemente o espiritalismo indispensavel, ou seja o poder sem o qual o divino se não revela nunca. Não sou dos que creem que Fra. Angelo tivesse pintado de joelhos as suas madonas, segundo dessa forma a tradição consagrada para o retrato da Virgem, por S. Lucas. O que é, porém, indubitavel é que, sem a fé que iluminava o celebre dominicano de Fiesole, as suas criações pictoriaes não teriam nunca o encanto mistico que é a sua melhor pedra de toque. E o mesmo se poderia dizer de Memling, cujas paesagens são, pela sua calma excepcional e pelo imponderavel das suas atmosferas, verdadeiras ante-camaras do Paraíso.

«Em Portugal, ha diversos exemplos typicos do facto. Lembrarei os que nos fornecem a obra dos nossos pintores quinhentistas: Frei Carlos, Gregorio Lopes e Cristovão de Figueiredo. Compare-se, no primeiro, os seus painéis anteriores á sua profissão no convento do Espinheiro, em 1517, com os que lhe são posteriores, e penham-se em paralelo as composições do segundo destas nossas artistas, que foi pintor régio de D. Manuel e de D. João III, com as de Cristovão de Figueiredo, que foi pintor do cardinal-infante D. Afonso.

«Se é admiravel o realismo dos retratos dos dois principes que figuram no triptico que Frei Carlos pintou cerca de 1511, a Virgem e o Menino, que constituem o centro dessa composição, estão longe de ter o sentimento e encanto que revelam as figuras analogas feitas pelo artista após a sua entrada no convento. E pelo que respeita á superioridade de sentimento religioso dos painéis de Cristovão de Figueiredo sobre os de Gregorio Lopes, não pode esquecer-se que este ultimo viveu sobretudo, na Côrte e pintou para ella, enquanto Cristovão de Figueiredo, como pintor que era do cardinal-infante, devia viver num meio todo impregnado de religiosidade.

Refer-se, então, particularmente, ao rev. D. Frei Paulo Belot, de quem diz:

«Ora é a este particularismo e nobilissimo amor que pertence o rev. padre D. Paulo Belot, Filho de architecto e escultor, por assim dizer, entre as construcções a cargo de seu pai, D. Paulo Belot, ainda muito novo, alcançou o diploma de primeira classe na grande e celebre escola da especialidade, de Paris, para, poucos anos após, fazer o sacrificio de si proprio e do seu curso á ordem de S. Bento, em que

professou. E quando, volvido mais tempo, voltou a praticar a architectura, fé-lo não por interesse proprio, nam para honra do seu nome, mas para lustre da sua comunidade e para maior gloria de Deus. Simplesmente, como o ancimato em arte é hoje impossível, a consagração da sua obra de architecto deu-lhe, por aquelle facto, mais especial relevo á sua figura de artista-monge.

«Foi na Holanda, onde D. Paulo Belot se foi encontrar com os beneditinos ali exilados, que o architecto iniciou os trabalhos da sua arte. Daí o emprego do tejoço, que D. Paulo Belot utilizou combinando, de começo, esse material com a pedra, para, depois, o empregar quasi exclusivamente. A utilização do cimento-armado é muito mais recente. Data dos ultimos annos. Com as projecções que D. Paulo Belot vai dar-nos, ver-se-á o que ele conseguiu com aquella primeira materia, tanto que foram essas suas obras que lhe mereceram o titulo, honrosissimo, de poeta de la brique. Do cimento armado, materia mais ingrata neste campo, desde que elle seja utilizado no ponto de vista artistico em toda a sua mais rigorosa logica constructiva, tambem D. Paulo Belot nos mostrará exemplos que são uma nova prova de quanto é grande o seu saber e poderes a sua sensibilidade.

«Ha ainda outro aspecto a considerar em D. Paulo Belot, o de ser um dos principais admiradores do grupo «L'Arche», fundado durante a guerra para a renovação da arte religiosa em França, e de que fazem parte artistas com o grande valor do esculptor Charlier, discipulo de Rodin e de Bourdelle, e Mile. Reyre, um dos mais notaveis e mais modernos artistas viésitros que conheço. A luta que esse grupo, como o grupo de que faz parte Maurice Denis e outros analogos, tem sustentado contra os industrialistas de Saint-Sulpice, tem sido das mais tenazes e profricas. E o facto, que não pode de forma alguma ser indifferente a quem dá á Arte o lugar a que ella tem direito, interessa-nos ainda pelo muito que ha a fazer nesse ponto, em Portugal, onde a dignidade de alguns dos nossos templos tanto tem soffrido do mau gosto daquelles e de outros analogos mercantilismos artisticos. Os exemplos são, infelizmente, evidentes de mais para que seja necessario citá-los.

«Por ultimo, quero ainda dizer que me apraz verificar na obra, tão moderna, de D. Paulo Belot, o respeito que um artista merece a tradição. Rodin, de quem teve a honra de ser amigo durante largos annos, dizia que nada ha para olhar de frente o futuro como o

conhecimento seguro do passado. E tinha razão o genial artista. A Arte não pode ser o campo dos que, nada sabendo do que se fez através dos séculos, consideram por isso como grandes e completas afirmações as suas tentativas, ainda as mais medíocres. Nada há para orientar como a lição dos grandes mestres. Nenhuma outra mesmo a pode igualar como fonte de energia e sugestão de humildade.

«E, depois, não pode também esquecer-se de que a Arte, embora haja quem a julgue o contrario, não tem apenas finalidade utilitaria, nem cabe em formulas, nem estas lhe bastam, por mais completas e rigorosamente científicas que sejam. A Arte é outra coisa, e consiste precisamente naquilo que, vivendo ainda a dentro dos processos da especialidade que o artista se propõe servir, não é, entretanto, o simples produto desses processos, não tendo nela outro papel que não seja o de servir para vestir e apresentar.»

Em seguida o conferente, depois de agradecer estas palavras, de recordar o prazer que teve quando visitou a Exposição de Arte Portuguesa, em Paris, há dois anos, e assim estabelecer o primeiro contacto com Portugal, diz-se, agora que nele se encontra, plenamente agradado da nossa terra e nossa gente.

Depois, entra na materia da sua conferencia a frisa que a architectura re-

ligiosa, hoje em dia, sofre da atracção de dois pólos bem opostos. Dado tudo está os que, sobre o pretexto do tradicionalismo, sonham apenas com o romano ou com o gótico. Do outro, aqueles que se dizem modernos, negam o passado, e só buscam a novidade por ser novidade.

Faz comentarios de critica ás indicações dos primeiros. Imitadores, afinal, lembram-lhe tocadores de pianolas, quando se lhes requeria talentos de compositores e de organistas. Os segundos, por sua vez, recordam-lhe os negros, inventores de instrumentos de três cordas, para neles interpretarem somente ritmos bizarros.

D. Frei Paulo Bellot condensa as duas tendencias. Entende que, especialmente em Architectura religiosa, há só que «inovar — mas segundo a tradição». Tanto mais que, em seu entender, esta palavra significa evolução, e nunca estagnação.

Serve-se, depois, dum versículo da Biblia que diz respeito a Adão e seu trabalho, para, filosoficamente, mostrar que há uma relação normal entre a obra e o artista, visto que toda a manifestação de arte se exprime sempre em materia, a que o seu criador fornece alma, entusiasmo, a projecção da sua ideia.

Enunciado este principio, com ele mostra que, em todos e nas obras dos que trabalham o falso gótico e o falso romano, essa relação normal não exis-

te. A ideia essencial não é deles, mas de outro.

A mesma relação, no caso dos que repellem a tradição e não consideram mais do que o lado material da obra, enferma doutra molesta, em seu dizer. Então, o pensamento do artista, que tem corpo e alma, se com esta não conta, só pode comunicar ao seu trabalho uma ideia incompleta, decapitada.

Sobre Arte cristã defende o rev. D. Frei Paulo Bellot a teoria de que esta só pode ser assim classificada quando a pratiquem verdadeiros crentes.

A margem destas considerações faz também uma análise do expressionismo, em pintura, e records, para isso, Rembrandt, pondo-lhe Giotto em confronto.

Ainda aponta, espiritualmente, a imposição do architecto, hoje ao sabor de imposições e gostos dos que lhe dão incumbencia.

Por fim, em projecções de algumas fotografias de igrejas por si construidas, mostra a evolução das suas tendencias da renovação da Architectura religiosa, que lhe greangearam nos meios artistico e catolico do estrangeiro grande fama.

O publico, onde se viam figuras de alto destaque na vida social de Lisboa, e muitas senhoras, ouviu com interesse esta conferencia, viu com agrado a reprodução dos belos templos edificadas por D. Frei Paulo Bellot, e aplaudiu-o efusivamente.

Teatro, Cinema e Musica

PRIMEIRAS REPRESENTAÇÕES—No Teatro Nacional, companhia de Camilla Quiroga, *Margarita, Armando y su padre, Anacleto se divorcia, El diablo fué antes angel, La conquista, Todo Madrid lo sabía, El hombreito, Conquista, Aimer, Sajo, Batle de trajas; no Avenida, o centenário da revista Fogo de visões e a estreia da Fera da alegria, revista; no teatro Maria Victoria, a revista O Papagaio e O Fandango; no Politama, Cabeças no ar.*

—No dia 9 inaugurou-se em Lisboa no Parque Eduardo VII, O Luna Park recinto de diversões à semelhança dos congeners do estrangeiro.

—Por decreto o teatro de S. Carlos passou a denominar-se Teatro Nacional de S. Carlos.

—No dia 3 despediu-se no Teatro Variedades a companhia brasileira de revistas, Aura Abrançes fez um pequeno discurso.

—No dia 9 foi oferecido ao dr. Jorge de Faria critico teatral do «Diário da Manhã» um banquete de homenagem.

CINEMA

Passaram nos cinemas Lisboa O Estado, *Narrativas do amor, Tess, no país dos cedros, O fidalgo ladrão, Testemunho impresso. A aranha.*

Varias

Mary Pickford e Douglas Fairbanks divorciaram-se. Divorciaram-se para se casarem e agora divorciaram-se para se separarem.

—Casou-se em Berlim, no dia 6,

Any Ondra com o pugilista Schmelzing. —Richard Dix separou-se, dizem de Hollywood, de Winifred Coe.

Necrologia

Faleceu em Milão, no dia 2, o actor italiano Rogério Lupi. Lupi foi o grande actor da companhia Dario Nicodemi.

—Morreu em Paris o actor Charles Prince. «O Bigodinho».

—No dia 13 faleceu de febre de Malta a grande actriz Esarrio Pino.

—Faleceu em Barcelona, Francisco Viñas grande interprete de Wagner

Como a Republica Espanhola protege a Arte Teatral

O ministerio de Instrução, do país ninho, e fim de promover a renovação do teatro nacional, concede, este ano, as seguintes subvenções:

Primeira—A Margarida Xirgu e D. Henrique Borrás, directores da companhia do teatro espanhol, a subvenção de 50.000 pesetas para que no teatro romano de Merida representem com a companhia que dirigem, a tragedia de Seneca, *Medea*, tradução de Miguel Unamuno. Neste espectáculo utilizar-se-ão todos os elementos artisticos que lhe possam dar um verdadeiro sentido teatral: orquestra, coros, etc. As representações devem repetir-se em agosto no teatro grego de Barcelona, terminando o ciclo em Madrid com um espectáculo gratuito.

Segundo—Ao presidente da Federação espanhola de Espectáculos pu-

blicos, D. Joaquim Varela, a subvenção de 25.000 pesetas para que a companhia Experimental, criada pela referida Federação, realize no teatro espanhol uma temporada de teatro para crianças, teatro social e teatro classico. Periodicamente a companhia dará espectáculos gratuitos para as crianças das escolas do Estado e para os operarios.

Tercera—A D. Ricardo Calvo a subvenção de 15.000 pesetas, para que, no teatro Maria Guerrero, organize um ciclo de representações de teatro classico e romantico espanhol. O ministerio da Instrução disporá três dias por semana, da terça parte da lotação do teatro, para a oferecer a elementos populares e de poucas posses.

No dia 2 do Outubro proximo estreia-se em Londres, no «Prince Edwards», a celebre Jozeffin Baker.

Quasi ao mesmo tempo Douglas Fairbanks, pai, e Douglas Fairbanks, filho, resolveram divorciar-se das suas queridas esposas: Mary Pickford e Joan Crawford.

Ninguém imagina a tristezas que esta resolução provocou na America, que encanava, quasi com orgulho nacional, o par Doug e Mary, —imagens da fidelidade num terreno movido de divorcio.

Segundo ele, muita gente não se divorciava, para seguir o exemplo moral de Doug e Mary.

Mas agora?

VII -- Vida Social

O homem e a mulher—Desporto e educação física—A moda—Vida religiosa—O riso e a caricatura em Portugal e no estrangeiro

Desportos e Educação Física

Terminou no passado domingo, 3 de julho, a época de foot-ball, o desportivo da multidão, com a final do campeonato de Portugal, que teve como adversários o Club de Foot-Ball «Os Belenenses» e o Sporting Club de Portugal, ambos de gloriosas tradições na vida desportiva portuguesa. O sensacional desafio teve lugar no Estádio do Lumiar, com a assistência do sr. general Carmona, Presidente da Republica, tenente-coronel Luis de Moura, Governador Civil de Lisboa, e demais entidades officiaes.

O encontro despertou um enorme interesse na affeição lisboeta que lá se frede a frente de dois dos seus melhores clubes, um dos quaes, o Sporting, numa brilhante jornada, conseguiu eliminar o favorito da prova, o Foot-Ball Club do Porto. Mais de vinte mil pessoas acorreram ao Estádio do Lumiar, emprestando ao campo um aspecto interessante, vendo-se os adeptos ferrenhos dos clubes adversários, com as suas bandeirinhas, o que dava uma nota de cor bastante curiosa. Pelas 17,30 horas Eduardo Pathincha, de Setúbal, deu inicio ao encontro de que saiu vencedor o Club de Foot-Ball «Os Belenenses» por 3 goals a 1. Os goals campeões foram marcados na segunda parte por Rodolfo (2) e José Luis (1). O do Sporting foi marcado por Abrantes Mendes na primeira parte.

CICLISMO—Realizou-se no Bombarral a III Prova Velocipedica 12 Voltas de Gafsa, no percurso total de 100 kilometros. A ordem da chegada foi a seguinte: 1.º Nicolau, do Benfica, 3 h. 15 m. e 14 a. «fórtes»; 2.º Trindade, do Sporting; 3.º Conceição, do Bombarral; 4.º Ezequiel Lino, do Sporting; 5.º Eugenio Martins, do Campo de Ourique; 6.º Gomes dos Santos, do Bombarral; 7.º Gil Moreira, do Benfica; 8.º João Francisco, do Campo de Ourique; 9.º Joaquim Jorge, do Rio de Janeiro; 10.º Antonio Bernardo, de Beja; 11.º Cesar Luis, do Benfica; 12.º Becc, do Bombarral. Corriam a meta mais 8 concorrentes.

A classificação por «equipes» deu o 1.º posto ao Benfica e o 2.º ao Sporting. José Maria Nicolau ganhou a «Taça Anibal Rosado» e Trindade a «Taça Antonio Mil Homena».

O Benfica conquistou a «Taça 12 voltas de Gafsa» e o Sporting a «Taça Sport Club Bombarrelenses». O Benfica ganhou ainda a «Taça dr. Alberto Martins dos Santos» por a sua «equipe» ter sido a primeira classificada nas 6 voltas iniciais e ter completado percurso.

—Organizada pelo Atletico Club lisboense disputou-se Gma prova para principiantes d. 2.ª e 4.ª categorias, entre o Campo Grande e Loures. Os três primeiros classificados foram, respectivamente: Armindo Quirino dos Santos, do Parede F. C., em 39 m.; Joaquim

de Sousa, do Sporting, e Estevão dos Santos, do Parede, com pequenas diferenças. A classificação por «equipes» foi: 1.º Sporting, que ganhou «Taça Alvaro Cruz»; 2.º Parede; 3.º Gimnasio; 4.º Benfornoso.

—Promovida pelo Atletico do Campo de Ourique e patrocinada pelo nosso colega A Bola, realizou-se a importante corrida Lisboa-Bombarral-Lisboa, para principiantes, fracos e fortes. Foram os seguintes os três primeiros classificados nas três categorias: principiantes, 1.º Fernando de Almeida (S. C. P.), 1 h. 36 m. e 3 a.; 2.º Adelino da Cunha (S. L. B.), a 53 a.; 3.º Afonso Vigarig (G. C. P.), a 1 m. e 15 a.; fracos, 1.º João Rainha (C. A. C. O.), 2 h. 31 m. e 43 a.; 2.º Lucas Venancio (S. C. P.), a 1 m. e 28 a.; 3.º Americo Alves Vieira (S. L. B.), a 1 m. e 45 a.; fortes, 1.º José Maria Nicolau (S. L. B.), em 5 h. 2 m. e 30 a.; 2.º Alfredo Trindade, a 1 a.; 3.º Eugenio Martins (C. A. C. O.), a 47 a. O Sporting obteve a primeira classificação geral da corrida.

—Os ciclistas portugueses foram disputar a Volta a Pontevedra, organizada pelo jornal *Sphinx*, de Vigo, fazendo o seu baptismo internacional. A União Velocipedica Portuguesa indicou os seguintes corredores: José Maria Nicolau, Alfredo Trindade, Gil Moreira, João Francisco, Ezequiel Lino, Prudencio Carneiro e Fernandes da Silva.

O percurso total da prova foi de 476 kilometros, divididos por 4 «etapes».

A prova concorriam bons estradistas bons estradistas espanhóis, profissionais, como os irmãos Montero, Cañardo, Cepeda, Baschero, Meafia, Esquerra e outros. A classificação final foi a seguinte:

1.º Esquerra, 15 h. 50 m. 42 a.; 2.º Luciano Montero, 15 h. 51 m. 28 a.; 3.º Cardona, 15 h. 55 m. 58 a.; 4.º Baschero, 15 h. 58 m. 7 a.; 5.º Cañardo, 16 h. 4 m. 51 a.; 6.º Ricardo Montero, 16 h. 5 m. 33 a.; 7.º Hermit, 16 h. 5 m. 51 a.; 8.º Meafia, 16 h. 9 m. 42 a.; 9.º Encurist, 16 h. 9 m. 48 a.; 10.º Trindade, 16 h. 15 m. 09 a.; 11.º Gonzalez, 16 h. 29 m. 23 a.; 12.º Cepeda, 15 h. 29 m. 32 a.; 13.º Ferradas, 16 h. 34 m. 26 a.; 14.º Turo, 16 h. 38 m. 31 a.; 15.º João Francisco, 16 h. 51 m. 30 a.; 16.º Figueira, 17 h. 01 m. 01 a.; 17.º Ferrer, 17 h. 3 m. 21 a.; 18.º Rosales, 17 h. 9 m. 58 a.; 19.º Prudencio, 17 h. 38 m. 42 a.; 20.º Ribetula, 17 h. 41 m. 31 a.; 21.º Fernandez, 17 h. 53 m. 22 a.

Como vemos, a classificação de Trindade foi a melhor dos portugueses.

Nicolau, Gil e Ezequiel desistiram; Fernandes da Silva não chegou a embarcar.

—Realizou-se o III Circuito de Lisboa, promovido pelo jornal Os Sports. As primeiras classificações registadas

em todas as categorias foram: fortes, 1.º Diamantino Cordeiro do Comercio e Industria, de Setúbal; fracos, 1.º Luis Caramelo, do União Lisboa; principiantes medalhados, 1.º Adelino Aguiar da Cunha, do Benfica; principiantes não medalhados, 1.º Isaac Ferreira Machado, do Sporting; meninos sem abono, 1.º Antonio Pereira, de Cascais; meninos com abono, 1.º Fernando Alegria, do Benfica; rapazes, 1.º Jorge de Oliveira Pereira, do Sporting.

—Disputaram-se em todo o País os campeonatos districtais de ciclismo, 100 kilometros, organizados pela U. V. P. Os vencedores foram: Lisboa, Alfredo Trindade (Sporting), 2 h. 07 m. 05 a.; Porto, José de Sousa (Salgueiros), 2 h. 20 m.; Evora, Antonio José Afonso (Luzitano O. C.), 3 h. 17 m.; Faro, Afonso Rodrigues (S. L. F.), 3 h. 12 m. 5 a.; Setúbal, Manuel Albuquerque (Victoria F. C.), 3 h. 32 m. O campeão nacional ficou adiado.

MOTOCICLISMO — Alexandre Black triunfou brilhantemente no Circuito de Guadalajara, Madrid, organizado pelo Moto Club de Espanha, em competição com os melhores ássa espanhóis como Ortuela e Aranda. Jorge Teixeira conseguiu arrancar com valor a segunda classificação:

Os resultados técnicos da prova foram os seguintes: 1.º Alexandre Bêck, cobrindo as oito voltas do percurso (487,142 kilometros) em 5 horas 3 minutos e 13 segundos. A sua volta mais rápida foi dada em 36 minutos 27 segundos 8/10, ou seja a media de 95,500 kilometros; 2.º Antonio Jorge Teixeira, em 5 horas 23 minutos 42 segundos; 3.º Jam, em 5 horas 45 minutos 53 segundos; 4.º Alegre.

Nas categorias 350 c. c. e 250 c. c. venceram respectivamente Juan Gili, em 5 horas 5 minutos e 32 segundos, e José Iglesias, em 4 horas e 10 minutos.

AUTOMOBILISMO — Em Guimarães effectuou-se a IV Rampa da Penha, uma das mais dificeis provas de automobilismo. Triunfou o esplendido volante Vasco Sameiro, seguido de Alberto Costa e Frazão Gonçalves.

BASKET-BALL — Começou a disputar-se o torneio preparatorio do campeonato de Portugal, organizado pela Liga Portuguesa de Basket-ball, recentemente fundada e que vem realizando um trabalho valioso em prol deste desporto. Ficou apurado representante de Portugal o Campolide Atletico Club.

WATER-POLO — Terminou o campeonato de Lisboa de water-polo, em 1.ª categoria, de que saiu vencedor o Sport Alpis e Dafundo.

HOCKEY EM PATINS — O torneio de Jaleicao, de hockey em patina, terminou com a victoria da «equipe» A do Benfica, sendo-lhe conferida a «Taça Preparatório».

ATLETISMO—Disputaram-se os campeonatos de Lisboa e de Portugal de atletismo.

Os campeonatos de Lisboa forneceram-nos os seguintes campeões: 100 metros—Rendas (Sporting), 11". 200 metros—Carvalhosa (Sporting), 24" 2/5. 400 metros—Domingos Pinto (Trepas), 54" 4/5. 600 metros—Anibal Rodrigues (Benfica), 2' 3" 1/5. 1.500 metros—Carro (Sporting), 4' 52" 4/5. 5.000 metros—Dias (Benfica), 16' 38" 4/5. 10.000 metros—Dias (Benfica), 33' 44". 110 barreiras—Palhares (Sporting), 16". 400 barreiras—Viêira (Benfica), 64' 1/5.

Altura—Viêira (Benfica), 1º, 72. Comprimento—Cabrira (Clif), 5º, 91. Vara—Cristóvão (Benfica), 3º, 23. Triplo—Vasconcelos (Clif), 12º, 65. Peso—Garnel (Sporting), 11º, 48. Disco—Garnel (Sporting), 36º, 92. Dardo—Garnel (Sporting), 47º, 31. Martelo—Borges (Sporting), 26º, 06. 4x100—Sporting C. P., 43" 4/5. 4x200—Os Treze, 1' 38". 4x400—S. L. Benfica, 3' 46". 4x800—S. L. Benfica, 8' 41" 3/5. 4x1.500—S. L. Benfica, 18' 13" 2/5.

Os campeonatos de Portugal, a que concorreram atletas de Lisboa e Porto, indicaram-nos os seguintes campeões: 100 metros, Antonio Sarisfield (S. C. Porto), 10" 4/5; 200 metros, Antonio Sarisfield (S. C. Porto), em 23" 4/5; 400 metros, Silveira (C. L. F.), 53" 3/5; 800 metros, Silveira (C. L. F.), 2 m. 5" 4/5; 1.500 metros, Carro (Sporting), 4 m. 29" 2/5; 5.000 metros, Manuel Dulias (Benfica), 15 m. 35" 2/5; 10.000 metros, Adelino Tavares (Vencedores do Jornal), 33 m. 50" 2/5; 110 metros (barreiras), Palhares (Sporting), 16" 4/5; 400 metros (barreiras), Viêira (Benfica), 66" 2/5; 4x100 metros, Académico (Xavier, Prata, Tavares e Lima Marques), 4" 2/5; 4x400 metros, G. D. «Os Treze» (Pinto, Duarte, Helder e Soeiro), 3 m. 44" 2/5; peso, Garnel (Sporting), 11º, 35; disco, Herculano Mendes (Académico), 37º, 14; dardo, Celso (Académico), 48º, 35; altura, Pascoal (Sporting), 1º, 72; comprimento, Tavares Junior (Académico), 8º, 49; vara, Saraiva (Gaia), 3º, 20; triplo, Vasconcelos (C. L. F.), 12º, 87.

ESTRANGEIRO—Terminou a Volta à França em bicicleta, a prova mais importante do ciclismo internacional. A classificação geral da formidável corrida foi:

1.º—Speicher, francês, 147 h. 51 m. 27" 2/5.
2.º—Guerra, italiano, 147 h. 55 m. 38" 2/5.
3.º—Martiano, italiano (1.º dos individuais), 147 h. 56 m. 45" 2/5.
4.º—Lemaitre, belga; 5.º, Archambaud, francês; 6.º, Trueba, espanhol (individuais); 7.º, Level, francês (ind.); 8.º, Magne, francês; 9.º, Aerts, belga; 10.º, Stoepel, alemão; 11.º, Fayolle, francês (ind.); 12.º, Geyer, alemão; 13.º, A. Buschi, suíço; 14.º, Beby, belga; 15.º, Rinaldi, francês (ind.); 16.º, Le

Goff, francês (ind.); 17.º, Le Calvez; 18.º, Schepers, belga.

A classificação por nações ficou assim estabelecida:

1.ª, França—444 h. 32 m. 50" 2/5.
2.ª, Bélgica—445 h. 53 m. 48" 2/5.
3.ª, Alemanha—447 h. 13 m. 14" 2/5.
4.ª, Suíça—448 h. 45 m. 33" 2/5.
5.ª, Itália—449 h. 51 m.

ESGRIMA—Para disputa da «Taça Conde de Penha Garcia», inscreveram-se os nossos melhores esgrimistas. Depois dos assaltos das eliminatórias, procederam-se aos das meias-finais que indicaram a seguinte classificação para finalistas:

1.º Henrique da Silveira, do Centro Nacional de Egrima, com 6 vitórias e 1 derrotas.
2.º Dr. Gustavo Carinhas, do Centro Nacional de Egrima, com 5 vitórias e 2 derrotas.
3.º Dr. Rul Ferro Mayer, do Centro nacional de Egrima, com 4 vitórias, 3 derrotas e 12 toques recebidos.
4.º João Sasseti, do Centro Nacional de Egrima, com 4 vitórias, 3 derrotas e 16 toques recebidos.

Na final triunfou Henrique da Silveira.

—Começou a disputar-se o campeonato nacional de Espada.

—O Sport Lisboa e Benfica levou a efeito, no Coliseu dos Recreios, um grandioso sarau desportivo.

—O Sporting Club de Portugal inaugurou, com toda a solenidade, as luxuosas instalações da sua nova sede, no Palácio Foz da Praça dos Restauradores.

—Na piscina do Club Desportivo de Pedrouços efectuaram-se dois importantes festivais a que concorreram os nossos melhores nadadores.

—O Ateneu Comercial de Lisboa

continuou a comemorar com varias provas o seu **Mês Desportivo**.

—O Boavista F. C. ficou impossibilitado de se destacar ao Brasil.

—O Foot-Ball Club do Porto apresentou um protesto sobre o jogo de Coimbra que perdeu com o Sporting, alegando que as balizas não tinham a medição regulamentar. A Federação Portuguesa de Foot-Ball não aceitou como bom o protesto do clube norte-nho.

—No Montijo o Aldegalense Sport Club levou a efeito varias provas desportivas e ofereceu um jantar de homenagem ao Mestre Carlos Gonçalves e ao sr. Dr. José Pontes.

—A Associação de Foot-Ball de Lisboa levou a efeito uma sessão solene para distribuir, aos seus jogadores, os premios da epoca 1932-33.

—No Gimnasio Club Português, em sessão solene, fez-se a distribuição de premios aos vencedores das diferentes provas efectuadas durante o ano lectivo findo.

—No encontro Porto-Lisboa, em fennis, Serra e Moura bateu Alberto Machado por 6/2 6/ 6/1 e Horta e Costa venceu Avik : por 6/4 8/6 6/4.

—A Inglaterra ganhou a Taça Durrís em fennis, o que não se verificava há vinte e um anos.

—O F. C. Porto perdeu na Coruña com o Desportivo daquela cidade por 2-0.

—O Congresso da Federação de Foot-Ball rejeitou o protesto do . C. P. Açores da irregularidade das balizas do campo do Arnado, em Coimbra.

—Organizase pelo S. A. e Defundo Iniciar-se-ão regatas de vela para a disputa das taças: Eugenio Neves Viriato Portugal, capitão Luciano Barradas e Tito Florentino.

MARIO ROSA

Haja alegria, toca a casar...



O casamento em serie, segundo o rito hilleriano

Dagens Nyheter, Stockholm

A CARICATURA EM PORTUGAL



— Que massada! Peço o numero do capitão e dizem-me que está o impedido!



— É um snobi! Usa chapéu só para dar nas vistas...



ELA — Vamos lá a saber: compras-me ou não o anel?
 ELE — É um "ultimatum",?
 ELA — Não; é um topázio.



— Estes estrangeiros andam em Lisboa como se estivessem em casa deles, eles quasi nus, eles em mangas de camisa, Se fossemos nós eramos presos.



■
 O profes-
 sor: — Dé-me
 um exemplo
 dum animal
 feroz.
 O aluno:
 — O "cavalo-
 marinho",
 que meu pai
 tem lá em
 casa...
 ■

(Do Sempre Fixe)

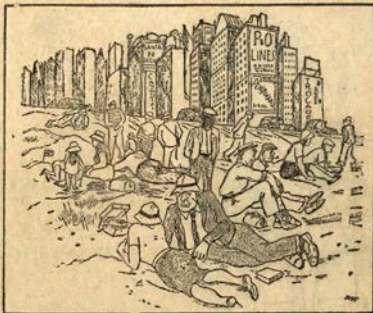
A CARICATURA NO ESTRANGEIRO

SINAL DOS TEMPOS



Estamos entolados. O cofre está cheio de café do Brasil. Só nos resta... suicidar-nos.

Gutierrez, Madrid



Entre gangsters:

— Não me velho. Eu não sou tão tolo que vá arrombar o City Bank agora que o dolar está pela hora da morte...

Nebelspalter, Berne



Olha!... está menos pesada do que eu julgava.

Eu não te disse que ainda se podia encher um pouco mais?...

Do Le Journal Paris



*— Dis-me inme?
— Agora não posso. Só daqui a um quarto de hora.*

De Kuryer Coozienny

VINGANÇA RUDE



— Foi aqui me indicaram a cozinha?

— Eu proprio!

— Ah, foi? Pois ha de ir hoje jantar comigo!

De l'Intransigeant, Paris

EDIÇÕES DA "RENASCENÇA GRAFICA"



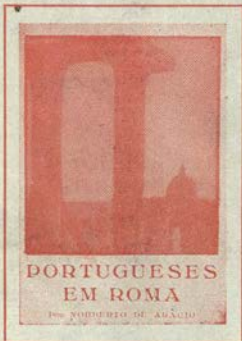
«Este livro foi escrito sobre o mar. No recolhimento da cabana de um navio da guerra, à hora em que as embarcações dormiam sobre os bancos, a bragado rapidamente as milhãs impressões num diário de viagens. Por vezes, nas tardes lentas do Egito, da Tunísia ou da remota Palestina, sentávamo-nos à beira de um «caféjje» árabe e sentia invadir-me docemente o encanto do Islam. O meu caderno enchia-se então de apontamentos copiosos do natural. Quando, com saudade e recordação de algumas notas de cor, de certos perfis hieráticos de mulheres egípcias, de dadas ou três ruas melancólicas da velha Jerusalém, de toda a viagem, a impressão que ficou mais nitidamente gravada no meu espírito foi aquela que recebi em contacto com as populações submetidas do Islam, com os longos alborozes que desde seculos tocavam a frente diante do «mir-hab», ao sol poente. E quando regressava a bordo, depois destas rápidas peregrinações pelos lugares santos da História e da Religião, sobrava horas inertes—diante do Mediterraneo azul—com os dias longínquos em que a glória de Cartago florescia sobre a colina de Byrsa e o mar da Galiléia reflectia o sorriso doce de Jesus. No silencio da noite, quando transmitindo, febrilmente, ao papel os meus apontamentos, o relógio batia a uma hora da madrugada e ouvia-se na ponte, invariavelmente, a voz do oficial de quarto:

—Cabo de quarto! Cinnas!

Ainda tenho no ouvido a toada dessa voz—que era sempre a mesma. Ao lado do meu camarote, gemia uma engrenagem de rodéna e doze marimbetas, com os olhos ainda cheios de sono, começavam lentamente a detar as cinnas ao mar...

Recordações do tempo que se viveu, cinnas do passado—que ainda conservam muito chegado ao peito o calor da saudade»

(Do prefácio do autor)



«Este livro não é obra de um literato; é obra de um jornalista. A literatura caberia dentro destas crónicas, ainda a literatura das viagens—e mais bela, por ser mais espontânea de todas—mas não houve tempo de a tentar.

Por muito que o autor talvez tenha posto a sua sensibilidade, o certo é que pela natureza do acontecimento não ha nestas paginas intimismo ou sedução original; tudo é fotografia de factos, vistos na sua essência exterior pela objectiva de-lampoeirada e sincera do cronista.

E' a Peregrinação sempre, a river, a ouvir a palavra de Deus, a rezar, a sentir a majestade da Igreja, a passar no seu tumulto, na sua indolência, no seu portuguesismo; abraçada à sua Fé, ao seu amor à terra-pátria, que ficou cá longe a três mil quilómetros de estrada de ferro e de saudade.

A Peregrinação portuguesa, a primeira no mês de maio, foi linda e foi altamente espiritual. Não apenas por ser uma afirmação de Fé, mas mais por ser uma afirmação de beleza.

Depois da embaixada de Tristão da Cunha, opulenta e deslumbrante, plena de efeitos politicos e reflectora de um grande poder temporal—não voltara a Roma dos Papas outra embaixada portuguesa.

Escrevi estas crónicas na luz-luz do dia e da noite, umas vezes alinhado na mesa do meu quarto de hotel, ouvindo cá em baixo o tumulto da Roma de Victorio Emmanuel, outras vezes nas mesas dos cafés, no convívio da bebeda livre e luxuriante, envolto na ligeira fumaça de ouro, tomado da amargão profana da frescura que ali ainda no ar e superficial da amargão, ouvindo cantar as fontes pagãs do Renascimento e tocar os sinos maticos de trinta e duas igrejas.

(Do prefácio do autor)

O Diário de Lisboa (edição mensal)

procura elucidar o público de uma maneira sintética e completa de todos os factos, acontecimentos e ideias, inventos, modas, de tudo enfim o que acontece e val pelo mundo. Procura preencher uma lacuna, como é usó dizer-se, procura ser útil e, para isso, se o público o ajudar, melhorará todos os números as suas secções. Colaboração especializada, advogados, professores, medicos engenheiros, literatos, artistas, musicos, homens da finança e homens do comercio, homens da mar e da guerra, aviadores e industriaes, todos enfim que representem um sector da vida moderna, todos serão buscados para darem o seu saber, iluminarem o seu sector com as luzes da sua experiencia e o saber de uma vida a ele devotado. Este numero é um ensaio. Bom? Procurará melhorar. Mau? Faremos o possivel por que seja bom.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) divide-se á nas seguintes secções:

- I -- Ciencias sociais e politicas. Direito.
- II -- Comercio, Industria, Tecnologia, Agricultura.
- III -- Ciencias.
- IV -- Historia e Geografia.
- V -- Letras.
- VI -- Arte.
- VII -- Vida social.

O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) receberá de bom grado informações e sugestões dos seus leitores, indicações de nomes para a sua exposição, etc.

Desenvolverá as suas secções, procurando evitar o desequilibrio que é obvio os seus primeiros numeros hão de ter; procurará enfim servir de orgão orientador e informativo dos homens que desejam uma vida retrospectivo que mês a mês os ponha a par de tudo, e lhes preencha as lacunas que o tempo, os afazares, ou o dinheiro, a todos estabelece.

Toda a correspondencia e assuntos de redacção devem ter bem legivelmente - Redacção do DIARIO DE LISBOA (edição mensal).

Todos os assuntos de administração apenas á Administração do DIARIO DE LISBOA. Os preços da assinatura são:

Um ano (12 numeros) 25\$00
Um semestre (6 numeros) 15\$00
Numero avulso 2\$50

Africa Ocidental, India, Macau e Timor Um ano 27\$00, um semestre 16\$00
Africa Oriental e Estrangeiro Um ano 25\$60, um semestre 16\$00

Publicidade: - O DIARIO DE LISBOA (edição mensal) feito para pessoas cultas, servindo um publico especial e durante 30 dias, alem da sua incorporação em colecções, é util a livrarias, collegios, papelarias, impressas, etc. Estabelecemos preços convencionais e equitativos, no proposito de prestarmos ao publico que nos lê, com os nossos anuncios, uma honesta e segura fonte de informações. Dirigir á Administração do DIARIO DE LISBOA, Rua da Rosa, 57. Telefones 2 0271, 2 0272 e 2 0273.

